

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
MESTRADO EM FILOSOFIA
ANO LECTIVO 2010/2011

Da Não Inteligibilidade do Mundo à Dignidade Humana. Uma Ética da Revolta

Sérgio Paulo Lamarão Pereira

Projecto de investigação para obtenção do Grau de Mestre em Filosofia

Orientador: Professor Doutor Luís de Araújo

Porto, Setembro de 2010

Resumo

O que irão ler de seguida poderá ser um trabalho sobre um existencialismo absurdo. Porém real. Depende da perspectiva. Como não deixa de ser real esta absurdidade em que, por vezes, se torna a existência. Um olhar atento perante um mundo, uma vida, uma sociedade que raramente se compreende. Não é o mundo, nem tão pouco o Homem que é absurdo. O absurdo é o afrontamento entre ambos, a sede de respostas e a falta de explicação. Não obstante, é uma viagem que parte da angústia e do medo rumo à dignidade e solidariedade. Um permanente devir através de uma ética da revolta.

É uma análise sobre o Homem Concreto, no concreto e a eterna viagem pelas imponderabilidades da existência onde nos fazemos acompanhar por um dos maiores pensadores do século XX. Partindo do absurdo através de uma ética da revolta, ultrapassando a questão metafísica e olhando com bastante cepticismo a História, percorreremos o pensamento camusiano até ao patamar da solidariedade que culmina numa pretendida dignidade humana, onde o belo e o bem nos surgem como dois conceitos inseparáveis.

Sinto o dever de expressar alguns agradecimentos:

Um agradecimento ao meu orientador Professor Doutor Luís de Araújo. Uma palavra de apreço às Professoras Idalinda Peralta e Soledade Seabra. Às colegas Ana Carina e Ana Catarina pela troca de ideias, debate e boa disposição.

Índice

1.	Introdução: Partindo do Absurdo Rumo à Dignidade	4
2.	Relance Biográfico	10
3.	Albert Camus, o Homem	14
3.1.	O Homem Camusiano	19
4.	O Contexto Histórico e o Paradigma do Absurdo	23
4.1.	De Camus a Sartre, o que significa o Existencialismo?	24
4.2.	O que significa o conceito de angústia?	31
4.3.	Da moral religiosa à moral laica	33
4.4.	O que significa existir?	34
4.5.	O existencialismo camusiano por oposição ao sartriano	35
4.6.	As divergências entre Camus e Sartre	37
4.7.	O que têm em comum?	40
4.8.	Conclusão.....	41
5.	Da Revolta Metafísica ao Concreto	44
5.1.	O que significa o conceito de Absurdo?	48
6.	Do Concreto rumo à Dignidade Humana	50
7.	A Sua Filosofia	59
8.	Pensamento Estético em Camus	68
9.	Ética da Revolta.....	77
10.	Conclusão/Apreciação crítica	90
11.	Bibliografia	95

1. Introdução: Partindo do Absurdo Rumo à Dignidade

Algumas temáticas abordadas neste trabalho dariam matéria para várias teses. Na presente, o principal objectivo é abordar a questão ética em Albert Camus e para se falar na sua ética torna-se fundamental compreender os seus trabalhos, na medida em que o Homem está ligado à sua obra. As suas obras demonstram não apenas o Homem com a sua angústia existencial, que se traduz na percepção do absurdo do mundo como, também, uma preocupação de índole moral do Homem em relação ao seu semelhante e por conseguinte em relação à vida. Dos seus notáveis trabalhos poderei destacar dois que julgo serem fundamentais para análise de tal pressuposto: «O Mito de Sísifo» e «O Homem Revoltado». Contudo, «O Estrangeiro», «A Peste» e «O Averso e o Direito» são obras incontornáveis para uma abordagem correcta de uma ética da revolta, alicerçada pela moral e pela solidariedade. A questão ética em Camus é fundamentada no múltiplo confronto em relação a tensões reais, pelo valor de uma pragmática no real, pela importância da crítica jornalística, pelo valor da *praxis*, pelo confronto permanente entre situações abstractas e situações concretas, pelos múltiplos conflitos entre os seres humanos.

Para Camus o Homem existe. Ao existir confronta-se com a sua realidade essencial e circunstancial não apenas em relação a um mundo sem explicação, como em relação às próprias clivagens geradas entre os Homens. Ao ser confrontado com o mundo, com essa falta de respostas, mas, dotado de um processo cognitivo e epistemológico, ou seja, com vontade de conhecer cada vez mais vai-se apercebendo do absurdo da existência. Não é o mundo, nem tão pouco o Homem que é absurdo. O absurdo é o afrontamento entre ambos, a sede de respostas e a falta de explicação. Nem a ciência, nem a religião conseguem explicar a falta de sentido do nosso mundo. A partir deste antagonismo, restam duas saídas: o suicídio ou o acto valorativo e contínuo que consiste em viver. Camus opta claramente pela continuidade da vida, pois suicidar-se é deixar-se vencer precisamente pela vida e seus condicionalismos.

Para Albert Camus, viver encerra em si uma constante procura da felicidade, mesmo sabendo-se que no acto contínuo, que consiste em viver, existe um enorme sentimento de infelicidade e absurdo. Viver com padrões morais, não significa apenas deixar-se conduzir por uma moral religiosa. Pode-se optar claramente por uma moral laica que implica uma permanente revolta. Não uma revolta a qualquer custo que conduza ao relativismo, ao niilismo ou à ditadura, mas, acima de tudo, uma revolta educacional e cultural que se paute por uma valorização humana séria e conseguida, que conduza a patamares de entendimento entre os

Homens. Uma revolta constante, consciente e construtiva do ponto de vista ético, não alicerçada em sangue, gelo, opressão e injustiça. Uma moral laica que conduza os seres humanos a patamares de solidariedade e dignidade com a respectiva valorização do humano. A revolta para Albert Camus conduz o Homem a uma permanente reconstrução, onde este se constrói através de valores universalizáveis como pessoa. Através de uma melhoria constante em relação a si próprio e por conseguinte, em relação aos outros, pois o Homem só faz sentido num processo evolutivo quando enquadrado socialmente com os outros.

É na obra «A Peste» que Albert Camus chama à atenção para uma busca de sentido e solidariedade, onde o Homem, através de um percurso altruísta, possa combater os “ratos” e as inúmeras “pestes”. É através de um esforço de união que o Homem pode resistir e quebrar as barreiras impeditivas de uma vida digna e sem constrangimentos.

A sua filosofia é uma filosofia do concreto, onde a ética é uma disciplina fundamental, apoiada no quotidiano, onde a Natureza tem a sua quota-parte de complementaridade. Não está alicerçada em grandes sistemas filosóficos abstractos que se podem encontrar, por exemplo, em Hegel, nem em grandes doutrinas políticas, como algumas que custaram a vida a milhões de pessoas numa Europa dividida. Para si o fundamental é o Homem, a condição humana. Não um percurso inconsequente, nem tão pouco utópico, pois Albert Camus possuía a clara noção que, pelos mais variados motivos, o sofrimento caminhará sempre lado a lado com o Homem: «O Homem aparece-me por vezes como uma injustiça em marcha: penso em mim»¹. Para si, o mais importante seria diminuir-se os patamares de despersonalização dos indivíduos, os níveis de sofrimento e alienação. Assim, Camus afasta-se duma dimensão metafísica em prol de uma dimensão humana. Uma filosofia fundada na própria realidade e não apenas em doutrinas e ideais que conduziram o século XX à intolerância e ao medo, aos *Gulags* e Auschwitz.

Albert Camus foi claramente um existencialista. A sua obra no-lo demonstra. Contudo, criticou um determinado existencialismo em virtude de alguns dos seus seguidores se refugiarem numa figura divina ou numa divinização da história. Para Camus, o Homem, apesar de possuir um histórico, deveria situar-se fora dos horrores da História, se por História se entender guerras, depurações, purgas e precaridade. Em suma, sofrimento! Perante tal cenário surge uma questão: Qual o caminho a percorrer? A Moral. Claramente uma moral laica em que o Homem acredite nas suas potencialidades, na sua auto-afirmação, na tolerância e na compreensão. Todavia, alerta para a circunstância de, à falta de algo divino ou dito superior, se

¹ Camus, Albert, «O Averso e o Direito, seguido de Discurso da Suécia», Editora Livros do Brasil, Lisboa, 2007, p. 20.

tornem alguns homens verdadeiros deuses e, de facto, os totalitarismos foram um exemplo quase conseguido desse pressuposto. Para Albert Camus a história, tal como é retratada, torna-se inconcebível. Claro que não é possível viver fora do espaço e do tempo e, por isso, da História. Porém, Albert Camus acreditava que se poderia aprender com a História e evitar recorrer nos inúmeros erros cometidos. A História não se julga, analisa-se. Os homens é que devem ser julgados, pois são eles que a processam. A História não é linear, uma régua que mede o tempo e salienta os factos. A História consiste em rupturas, convulsões e no reaparecimento de novos paradigmas. A miséria impediu o nosso autor de acreditar que tudo está debaixo de um sol que tudo aquece ou na História e nunca na religião. Albert Camus conseguiu perceber o Homem concreto e no concreto, num constante confronto entre o abstracto e o pragmático, entre as suas fraquezas e as suas virtudes. A sua vida foi a alavanca do seu pensamento.

Albert Camus viveu em plena II Guerra Mundial, assistiu ao apogeu da Guerra Fria e ao início da era nuclear. Conviveu com o sofrimento humano e com cidades destruídas. Apercebeu-se de uma Europa dividida entre o Leste e o Ocidente, entre o Socialismo e o Capitalismo. Ambos marcados pela despersonalização e pela opressão. No Leste, o estalinismo repleto de sangue e gelo, no Ocidente o capitalismo com os escravos e os senhores, os empresários e os empregados, sendo estes últimos vítimas de opressão: o horário laboral e a mão-de-obra barata. Concepções ideológicas diferentes na sua formulação, mas opressoras e redutoras em relação à liberdade e dignidade humanas. Na sua obra «O avesso e o Direito», Camus afirma o seguinte: «Mas, uma vez que tenhamos conhecido os subúrbios industriais, sentimo-nos para sempre manchados, creio eu, e responsáveis pela sua existência»². O existencialismo surge precisamente contra esta despersonalização do Homem.

Se na obra «O Mito de Sísifo» Camus reflectiu sobre a legitimidade do suicídio, na obra «O Homem Revoltado» o autor analisa a legitimidade do homicídio. Vejamos: numa época sem guerras um indivíduo que mate um seu semelhante é condenado pelo seu acto. Numa época de guerras um soldado que mate o maior número de inimigos é condecorado com honras de Estado. Estamos, assim, perante um facto consumado: a morte. A diferença consiste na sua legitimação!

Albert Camus continua contemporâneo. É um Homem do nosso tempo, pois as suas preocupações são as nossas preocupações, marcadas a prazo pelo rigor do espaço e do tempo. Ninguém ousa acreditar numa paz perpétua. O nosso autor também não, mas acreditava, tal

² Idem, Ibidem, p. 14.

como nós acreditamos, que se pode diminuir o nível de sofrimento num mundo onde a economia e questões raciais são factores preponderantes para constantes conflitos. Camus viveu na época da inveja, no século do medo, da ciência e da economia, dos vendedores de sonhos em sociedades alienantes, afastadas a prazo do “ser” e do “ter”, da esperança.

Este é um trabalho, uma tese algures nos ciclos cinzentos e intermináveis do devir da História. Não versa a Humanidade em abstracto, mas aquele Ser que vive, ou pode eventualmente viver, carregando em si uma existência absurda. Um qualquer indivíduo que sente “náuseas” em relação a um mundo por vezes vazio de sentido, amargo e sem certezas sobre o amanhã. No entanto, tanto quanto possível iremos demonstrar que na *praxis* do século XX e início do século XXI, categorias como o relativismo, o paradoxo, a ambivalência e a opressão a nível político-económico são uma constante.

É uma reflexão tendo por base as obras e, consequentemente, o pensamento de Albert Camus. É lugar de confronto entre posições. Se Kierkegaard dá um salto para a irracionalidade ao legitimar o patamar religioso como o mais importante na sua concepção filosófica, já Nietzsche segue precisamente o percurso inverso, através de uma afirmação da vida e da criação num mundo onde Deus está morto. Sartre, um filósofo ateu, defende que a existência precede a essência. A essência é a personalidade de cada um e vai sendo construída através de um projecto de vida. Ao contrário de Albert Camus, apoiou e derivou para regimes revolucionários, o que lhe conferiu uma certa ambivalência de posições. Quanto a Jaspers, Gabriel Marcel, Chestov, entre outros, tentaram consubstanciar as suas filosofias num além indefinível, num Deus distante e ausente, sem explicação, pois, em última análise, nada se pode provar quer racionalmente, quer empiricamente. Tudo especulações! Jean Guitton pretendeu aproximar Deus da Ciência: «Chegou o momento, para esta última etapa do nosso diálogo, de procurar um além para este velho debate que opôs por tanto tempo as duas doutrinas fundamentais sobre a natureza do Ser: o materialismo e o espiritualismo. Igualmente, teremos que procurar uma terceira via entre essas duas filosofias do conhecimento que são o realismo e o idealismo. Aqui, no termo de uma síntese entre o espírito e a matéria, iremos encontrar esta nova visão do mundo, simultaneamente doutrina ontológica e teoria do conhecimento: o *meta-realismo*»³.

Para Albert Camus o belo é outro aspecto fundamental, pois não faz sentido viver num mundo despojado de beleza. Uma vida onde não exista mar, areia, estrelas, flores e mulheres é uma vida despida de significado. Se existe uma característica marcadamente humana, uma

³ Guitton, Jean, Bogdanov, Grichka, Bogdanov, Igor, «Deus e a Ciência», Editorial Notícias, Tradução de António Moreira, Edição nº 15414-0493, 2ª edição, p. 125.

característica que nos diferencia de outras espécies é a capacidade de amar, de sentir, de desejar, de controlar ou não as nossas emoções. Essa outra parte constitutiva do humano é o sentimento. Já Nietzsche criticava Sócrates, o “Daimon”, na obra «A Origem da Tragédia» pelo excesso de racionalidade, pois a racionalidade quando canalizada para o mal e levada aos limites, produz efeitos inimagináveis. O Nazismo, o Estalinismo e o Fascismo foram disso um exemplo. Para sustentar o meu raciocínio, fazendo uma aproximação à estética em Albert Camus, invoquei um autor que acho pertinente abordar, Artur Mioso, com a obra «Para Uma Educação Estética».

Encontramo-nos hoje perante uma sociedade que nos faz reflectir. Porém, a angústia, não raras vezes, tem a capacidade de unir aqueles que a vida castiga pelos mais variados motivos. O Homem só se apercebe do quanto ama a vida, quando dela se vê privado ou quando por ela é mutilado. A sua peça «Os Justos» é disso um exemplo. O presente trabalho é fruto de uma reflexão séria e ponderada. É o resultado de uma vivência e inserção numa sociedade cujo projecto social, político e cultural deve ser constantemente repensado. Afinal, os mesmos problemas de sempre e que a História pode confirmar. É um trabalho que visa o Homem concreto, pois quando se fala em Humanidade fala-se no abstracto, mas pensamos ser fundamental falar e pensar nos problemas do Homem do dia-a-dia, aquele que conosco se cruza nestas imponderabilidades do quotidiano. Aquele que sofre o silêncio de um mundo sem explicação. Em suma, cheio de paradoxos.

Está provado que ao longo da história o Homem sempre ultrapassou ciclos negativos e adversos, sempre se ultrapassou. Todavia, enquanto se processa a fase de transição entre um ciclo negativo e outro positivo muitos morrem, outros tantos sofrem, muitos mais deixam de acreditar ser possível, entrando numa espiral de ansiedade, angústia e medo. Enquanto alguns falam e comentam a tão generalizada crise, outros sofrem-na com vigor e com rigor! Outros deixam-se vencer pela própria vida. Contudo, este não seria o caminho sugerido por Albert Camus. Vivemos na actualidade, em todas as actualidades, o absurdo de um mundo estranho e pouco humano, na barbárie, na intolerância e na morte. Num mundo assim a vida parece um fragmento sem sentido. Um pedaço de papel rasgado e atirado ao acaso num dia de chuva, que não estando contextualizado com outros pedaços deixa de fazer sentido. Assim é a vida de alguns, assim é o mundo. Antagonismos existenciais!

Camus ousou Resistir! Sim! Resistir sempre! Dizer Não às injustiças! Um forte apego à vida, mesmo sabendo que por cima de um oceano esverdeado e por baixo de um céu azul

irradiado por raios de Sol que tudo trespassam e iluminam existe imensa miséria. Como diria Camus através de Calígula: «Os Homens morrem e não são felizes».

O que irão ler de seguida poderá ser um trabalho sobre um existencialismo absurdo. Porém real. Depende da perspectiva. Como não deixa de ser real esta absurdidade em que, por vezes, se torna a existência. Um olhar atento perante um mundo, uma vida, uma sociedade que raramente se compreende. Não obstante, é uma viagem que parte da angústia, do medo e do absurdo rumo à dignidade e solidariedade. Um permanente devir através de uma ética da revolta.

Este trabalho é uma análise sobre o Homem Concreto, no concreto e a eterna viagem pelas imponderabilidades da existência onde nos fazemos acompanhar por um dos maiores pensadores do século XX. Partindo do absurdo através de uma ética da revolta, ultrapassando a questão metafísica e olhando com bastante cepticismo a História, percorreremos o pensamento camusiano até ao patamar da solidariedade que culmina numa pretendida dignidade humana, onde o belo e o bem nos surgem como dois conceitos inseparáveis.

“Da Não Inteligibilidade do Mundo à Dignidade Humana. Uma Ética da Revolta”

2. Relance Biográfico

Albert Camus foi um filósofo e escritor francês. Nasceu em Mondovi, na Argélia, antiga colónia francesa (1913 – 1960). Filho de pai francês, morto na primeira guerra mundial, no ano de 1914 e de mãe espanhola, ambos de condição muito modesta: «O pai, Lucien Auguste Camus, trabalhava numa empresa vinícola francesa, pelo que o domicílio da família dependia das instruções do seu chefe. Assim, pouco antes do nascimento do segundo filho, teve que se mudar com a mulher e o filho para uma zona vinícola na fronteira com a Tunísia. Foi aí que no dia 7 de Novembro de 1913, numa quinta da antiga aldeia de Saint – Paul, a oito quilómetros de Mondovi, uma cidade a sul de Annaba, nasceu o segundo filho: Albert»⁴.

Não descendendo de uma família abastada, sentiu necessidade de trabalhar para poder ter uma vida digna, mas em nada faustosa: «...ganha a vida como vendedor de acessórios para automóveis, trabalha nos serviços de meteorologia e também num escritório de um corretor marítimo»⁵.

Matricula-se no ensino superior em 1932, na Faculdade de Letras: «Em 1930-31, passa a fase do *baccalaureat* e encontra o seu grande mestre Jean Grenier, que o influenciará definitivamente. Em 1932, retoma os estudos e matricula-se na Faculdade de Letras. Todavia, padece de tuberculose o que lhe inviabiliza a prática de futebol e mais tarde o ensino. Porém, tendo melhorado, casa-se com a sua primeira esposa em 1934, de quem se separa após um ano de matrimónio. Após este espectro da sua vida filia-se no partido comunista, onde também não permanece muito tempo.

Sendo uma figura multifacetada e activa fez teatro na Companhia Primitiva da Rádio Argel, e, de seguida, funda o Teatro do Trabalho. Por volta de 1935, presta a sua colaboração na composição de «Revolta nas Astúrias», drama em quatro actos, sobre a revolta mineira em Oviedo, Espanha. A sua actividade cénica não cessa até 1939, colaborando na representação e montagem de algumas peças, algumas das quais de sua autoria.

Em 1936, Albert Camus defende a sua tese de licenciatura sobre: Neoplatonismo e Pensamento Cristão, em Plotino e Santo Agostinho. Em 1937 e 1938, publica «O Averso e o Direito» e «As Núpcias». Durante o ano de 1937 foi afastado do concurso para acesso à carreira docente por motivos de saúde, tuberculose. No ano de 1938 viaja pela Sabóia e pela

⁴ Sandig, Brigitte, «Camus», Temas e Debates, 1ª edição: 2001, p. 11.

⁵ Araújo, Luís, «Albert Camus Trinta Anos Depois», Revista Da Faculdade De Letras, Série De Filosofia – Universidade Do Porto - Nº 7 – 2ª Série – 1990, p. 03.

Itália com a sua companhia de teatro, recusa dar aulas num colégio particular e entra como redactor no jornal «Alger Républicain», fundado nesse ano. No início da segunda grande guerra mundial tenta alistar-se como voluntário, mas reprova na inspecção. No decorrer desse mesmo ano escreve o ensaio «O Minotauro ou a Paragem de Orão», que viria a ser editado em 1950. No ano seguinte, em 1940, devido a questões políticas é coagido a sair de Argel, instalando-se em Paris e trabalhando no jornal «Paris-Soir», como secretário. No entanto, quando os alemães invadem Paris, a sede transfere-se para Clermont-Ferrand abandonando-o posteriormente. Entretanto muda-se para Lião, casando-se em segundas núpcias e regressando à Argélia mais tarde.

No ano de 1942, publica o magnífico livro «O Estrangeiro» através da Gallimard. Outra obra soberba «O Mito de Sísifo» data do mesmo ano. Obra em que Albert Camus demonstra uma certa correlação com Dostoievski e Kafka. Camus adere ao «Movimento Combate». Em 1943 a sua saúde deteriora-se e, em 1944 saem as suas «Cartas a um Amigo Alemão» e estreia-se também a peça «O Mal Entendido», baseada numa anedota verídica. Em 1945, apresenta a nova peça «Calígula». Após a libertação (1944), o jornal «Combat» até então clandestino é impresso livremente. Todavia, em 1947 abandonará o respectivo jornal, editando a sua nova e excelente narrativa «A Peste». No ano de 1949 viaja pela América do Sul e, no fim desse mesmo ano, estreia-se a peça «Os Justos», seguindo-se, em 1951 a sua polémica obra «O Homem Revoltado». É a obra de um Albert Camus revoltado com a sua circunstância, com o Leste e com o Ocidente.

Em 1952, concretamente em Novembro, Camus retira-se da UNESCO, como protesto contra a entrada da Espanha de Franco nesse mesmo organismo e, em 1954, publica «O Verão». Dois anos após, publica aquela que será talvez a sua obra mais rica e desconcertante «A Queda», que retrata o Homem (sempre) contemporâneo. Um Homem, um qualquer Homem que se pode tornar num juiz - penitente. Em 1957, saem as novelas «O Exílio e o reino», «O Hóspede» e a «A Pedra que Cresce», todas focando o desespero. Nesse mesmo ano, em Maio, publica «Reflexões Sobre a Pena de Morte». Em 1958, Albert Camus publica um volume de Crónicas Argelinas. No ano seguinte é apresentado «Os Possessos». Planeia publicar «O Primeiro Homem», todavia, morre num acidente de viação no dia 4 de Janeiro de 1960. Outras obras importantes foram: «Actuelles I» (em 1950), «Actuelles II» (1953) e «Carnets» (1962). Postumamente foi editada outra excelente obra «A Morte Feliz».

A 17 de Outubro de 1957, é-lhe atribuído o Prémio Nobel da Literatura, tendo posteriormente publicado, «Os Discours de Suède».

Albert Camus surge-nos como um filósofo. Sim, um filósofo que desenvolveu a sua filosofia através da literatura, do ensaio e do teatro: «...a sua obra no-lo comprova, preocupada em construir um saber fundamental, debruça-se, igualmente, numa urgente e inadiável tarefa de entender a aventura existencial dos seres humanos, interrogando-se sobre o sentido da vida e o valor do agir humano. É obra de Filosofia. Animada por um profundo sentido ético, a Filosofia conduz necessariamente a uma sabedoria, capaz de proporcionar verdades para a vida, a fim de evitar a insegurança e o erro, vocacionada a pensar os argumentos humanos para o afrontamento da misteriosa violência do destino»⁶.

Assim, Camus foi um vulto que pretendeu demonstrar que o destino está nas mãos do próprio Homem. Não um futuro a qualquer preço, mas um futuro de esperança, de verdade e de solidariedade, onde o Homem deveria ser um fim em si mesmo e não um meio, de sofrimento, mas também de alegria. Não uma vida gratuita, mas uma vida adquirida a um preço justo. Vida de trocas e de consensos, de dádiva e de retorno. Vidas simples que devido ao facto de serem tão simples, acabam por se tornar complexas. Nasceu no seio de uma família com poucos recursos, portanto, pobre! De ascendência humilde, procurou compreender os humildes, afinal como todos nós. Porquê humildes? Porque embora seres projectados para a vida, seremos inevitavelmente seres humildes para a morte. Humildes como todos nós inseridos em sociedades que se pautam por valores e mecanismos duvidosos.

Albert Camus talvez tenha percebido que a vida não permite atrasos e que a morte está sempre à espreita em qualquer esquina: «Inesperadamente, um desastre de automóvel marca o «fim» da viagem. Em Janeiro de 1960, desaparece um homem cujo coração palpitou ao ritmo do nosso mundo e que tanto teria ainda para nos dizer»⁷. Surgindo do seio de uma família materialmente pobre, mas empreendendo um percurso altruísta e rico, gradualmente foi demonstrando que, quando o Homem quer, pode. Quando pode, normalmente consegue. Demonstra, também, que mesmo os “sem rosto”, os que não foram bafejados pela sorte e pela fortuna, podem e devem chegar a patamares de vida dignos. A miséria nem sempre é desculpa para determinados actos. Sem dúvida é factor contributivo, predisponente até, mas existe sempre algo ou alguém que pode contribuir para a mudança.

Albert Camus foi um racionalista do irracional, um filósofo de antítese. Um escritor, um ensaísta, um romântico. Um agnóstico, mas acima de tudo um moralista. Um Homem que se preocupou com todos os Homens do seu tempo e de todos os tempos. Uma figura assaz

⁶ Idem, ibidem, p. 02.

⁷ Malho, Levi António Duarte, «Albert Camus – Filósofo?», Revista Da Faculdade De Letras, Série De Filosofia – Universidade Do Porto, Porto, 1971, p. 13.

simples, mas que tentou compreender e alertar para a despersonalização do Homem moderno e seu contemporâneo.

3. Albert Camus, o Homem

Albert Camus é conhecido pelas suas magníficas obras, pelos comentários e publicações de outros autores e também através daqueles que com ele conviveram. Todavia, as fontes valem o que valem. O que se escreveu acerca dele será tudo verdade? Uma certa afinidade e aproximação não poderão conduzir a exageros? Pois..., por uma questão de comodidade e economia de tempo, por vezes existe um forte impulso para se ser levado a acreditar. Falar acerca de um autor por quem se sente uma aproximação intelectual pode conduzir a sua imagem para além do aceitável. Penso não ser o caso de Albert Camus, nem daqueles que acerca dele escreveram e escrevem. Ele que era a descrição em pessoa. Uma mente livre envolvida num corpo prisioneiro da doença e de tempos conturbados. Um fato, gravata, uma gabardine e o imprescindível cigarro...eis Albert. Um pensamento que parte do absurdo e conduz à revolta. Um Homem que conheceu o exílio, mas que soube resistir...eis Camus.

O Homem não é apenas um reflexo da história, se por reflexo se entender algo instintivo, involuntário, não participativo e fugaz. O Homem é a História. Possui a sua história. Qualquer homem olha para trás, para o seu passado. Facilmente chega à conclusão que o mundo é um lugar estranho e desumano. Desumano, devido ao facto de o próprio Homem ser por vezes pouco humano e pouco lúcido em relação a si e aos outros. Estranho, em virtude de nada conhecer acerca da essência do universo, do ventre do mundo, pois o verdadeiro conhecimento é impossível de ser explicado quer pela racionalidade científica, pela religião ou mesmo pela arte: «Eis umas árvores e eu conheço-lhes a rugosidade, eis a água e eu conheço-lhe o sabor. Estes perfumes de erva e de estrelas, a noite, certas tardes em que o coração se dilata, como negar esse mundo cujo poder e cujas forças experimento? No entanto, toda a ciência desta terra não me dará nada que possa certificar-me de que este mundo é meu. As pessoas descrevem-mo e ensinam-me a classificá-lo. Enumeram as suas leis e eu, na minha sede de saber, consinto que elas sejam autênticas»⁸.

Assim, vive com as explicações e os conhecimentos possíveis. Através da Cosmologia, da ciência, da religião e da arte tenta-se compreender a passagem do “Mito” ao “Logos”. Todavia, em última análise nada é explicado, pois o mundo em si não é passível de explicação, tornando-se numa incompreensão. Contudo, não é o mundo que é absurdo. O absurdo surge quando o Homem se confronta com a irracionalidade do mesmo. Não obstante, em virtude de

⁸ Camus, Albert, «O Mito de Sísifo, Ensaio sobre o absurdo», Editora Livros do Brasil 1ª edição, Lisboa, 2002, p. 28.

ser um “ser lançado no mundo e para a morte”, tem forçosamente de encontrar uma saída para a sua breve passagem pela vida e pelo que a sua acção suscita. Tem algumas opções: encurta o tempo através do suicídio, o que significa deixar-se vencer pela vida: «Matar-se, em certo sentido (e tal como no melodrama) é confessar. É confessar que se é ultrapassado pela vida e que não a compreendemos. Não vamos, em todo o caso, tão longe nas analogias: voltemos às palavras correntes. O suicídio é apenas a confissão de que a existência «não vale a pena»⁹.

Deste modo, assume a sua impotência perante a irracionalidade do mundo e parte em busca da solidariedade, da resistência e da revolta em relação ao infortúnio da vida: «No meio dos gritos que redobravam de força e de duração, que repercutiam longamente até junto do terraço, à medida que a chuva multicolor se elevava mais abundante no céu, o Doutor Rieux decidiu então redigir esta narrativa que aqui termina, para não ser daqueles que se calam, para depor a favor destes pestiferados, para deixar ao menos uma recordação da injustiça e da violência que lhes tinham sido feitas e para dizer simplesmente o que se aprende no meio dos flagelos: que há nos homens mais coisas a admirar do que a desprezar»¹⁰.

Nesta medida aceita a sua circunstância, vive em comunhão com Deus, aceitando o destino como parte da História, o que não seria o caso de Camus, pois na sua obra «O Averso e o Direito» afirma: «...todo o meu reino é deste mundo». Por último, tendo a noção do quanto a vida é curta, deve pautar-se por valores morais que elevem os Homens a patamares de diálogo e compreensão, onde a força das palavras consiga derrotar a força das armas. Albert Camus tinha a perfeita noção de que é impossível acabar com a violência no mundo, mas acreditava que se poderia diminuir o sofrimento.

Camus teve os seus dilemas, os seus antagonismos. Por vezes as suas obras e a sua vivência deixam transparecer um certo paradoxo entre o vivido e o pensado, mas afinal quem é perfeito? Dentro da sua imperfeição, do seu restrito núcleo de amigos e da sua inconstante vida familiar, tentou demonstrar que alguém se sacrifica deixando testemunhos escritos, para que outros deixem de ser sacrificados: «A pobreza, em primeiro lugar, nunca foi para mim uma desgraça: a luz derramava sobre ela as suas riquezas. Mesmo as minhas revoltas foram por ela iluminadas. Foram quase sempre, creio poder dizê-lo sem fazer batota, revoltas por todos e para que a vida de todos seja construída na luz»¹¹.

Camus foi um exemplo mais para o bem, do que para o mal. Amou as mulheres e a vida. Passou dificuldades e privações. Encarnou em si a teoria dos opostos. A clarividência

⁹ Idem, ibidem, p. 15.

¹⁰ Camus, Albert, «A Peste», Editora Livros do Brasil, 1ª Edição – Lisboa, 2006, p. 280.

¹¹ Camus, Albert, «O Averso e o Direito, seguido de Discurso da Suécia», ob.cit, p. 12.

apolínea e a exaltação dionisíaca, o inconformismo, o aprender, por vezes a resistir isolado da sociedade e dos que amava e a vontade de partir com a sua companhia de teatro.

Acerca da personalidade de Albert Camus são feitos os mais díspares juízos. Para Sartre, Camus seria uma mistura de presunção e vulnerabilidade, para outros, um expoente da moral absoluta. Porém, basta ler as suas obras para, minimamente, se construir uma ideia acerca do pensamento do autor. Por vezes o pensamento de muitos autores pode não corresponder à sua obra, dado que, no concreto, podem interagir de maneira completamente diferente daquilo que são os seus princípios. No concreto, pode-se pensar de determinada perspectiva e escrever o seu contrário. Pode-se ser uma determinada pessoa e fazer-se passar por outra, onde a aparência não corresponde à essência, mas julgo, com grande probabilidade, não ser o caso de Albert Camus, sempre coerente no seu pensamento: «E, se é verdade, tal como Nietzsche o quer, que um filósofo, para ser estimável, deve dar o exemplo, avalia-se a importância desta resposta, visto que ela vai preceder o gesto definitivo. São evidências sensíveis ao coração, mas é preciso aprofundá-las para as tornar claras ao espírito»¹².

Camus teve a clarividência e a coragem de trazer à luz os problemas que se nos colocam. Os problemas do seu tempo e que achava que se iriam repercutir décadas mais tarde, políticos, sociais e económicos. Este «mediterrânico» de ascendência propôs na sua concepção de revolta um equilíbrio entre os extremos. Para uns autores seria um idealista, um moralista, pois Camus deixava o epíteto de filósofo para os alemães. Para outros, um epicurista, um estóico. Para alguns um homem com uma moral de cruz vermelha. Todavia, foi uma personalidade que viveu intensamente os problemas da sua época: a II Guerra Mundial, a Guerra da Argélia, Hiroshima e Nagasaki com toda a problemática do nuclear, o Bloco de Leste com a sua esfera de influência a alargar-se a outros países da Europa Oriental e que posteriormente iriam constituir o «Pacto de Varsóvia» como resposta à «NATO», Organização do Tratado do Atlântico Norte. Um homem moderno, mas bastante céptico em relação à eficácia de alguns regimes consubstanciados na ciência e na técnica. Um homem contemporâneo, em virtude de ter reflectido acerca do infortúnio da vida, do dilaceramento, angústias, absurdos e sonhos. Alertou para o desespero através do renascer da esperança. Um moralista da cruz vermelha? Talvez, se por cruz vermelha se entender fazer o bem a quem dele necessita.

Num mundo assim configurado, tudo está mergulhado num permanente devir. A vida está no movimento. O Homem não passa ao lado da mudança e de facto, tudo está em

¹² Camus, Albert, «O Mito de Sísifo, Ensaio sobre o absurdo», ob.cit, p. 13.

mudança. Este opera a mudança. Na sempre eterna actualidade, já não é o centro de gravitação onde tudo acontece, em que tudo gira em seu redor. Tornou-se um meio para servir determinados fins. Um meio ao serviço da economia e dos regimes. Camus tinha a noção daquilo que a vida implicava. Desde cedo, e habituado a viver na miséria, soube aproveitar o apoio daqueles que viam nele alguém com grandes qualidades e capacidades para usufruir de uma formação que conduzisse a uma vida digna e a um pensamento altruísta. A natureza foi também generosa com ele, fornecendo-lhe tudo aquilo que uma materialização de bens nunca poderá oferecer.

Albert Camus foi uma figura multifacetada. Jogou futebol, fez teatro, foi jornalista, licenciou-se em Filosofia e foi filósofo. Acima de tudo foi um olhar atento em relação às injustiças praticadas pelo Homem. Um olhar sério, penetrante e comprometido para com o exílio e as injustiças. Caminhando entre a aridez do sul e o vento húmido do norte, entre os montes percorridos por Sísifo e o azul do mar, eis que nos surge um projecto de vida que iria marcar toda uma história intelectual do século XX.

Camus sente a paixão pela justiça. É um solidário e ao mesmo tempo um solitário no seu trabalho: «No outro quarto, Rateau observava a tela, inteiramente branca, apenas com uma inscrição no meio, em caracteres minúsculos. Era uma palavra que se podia decifrar, talvez fosse solitário ou talvez fosse solidário»¹³. O processo de escrita remete o autor para a solidão. Posteriormente, o conteúdo da sua obra remete para a solidariedade, para uma busca pela dignidade.

As obras «O Estrangeiro», «O Mito de Sísifo» e «Calígula seguido de O Equívoco» iriam associar o seu nome como filósofo do absurdo. Há quem reconheça, também, parecenças com Jean – Baptiste Clamence na obra «A Queda», em virtude de ser considerado juiz penitente. Em «O Homem Revoltado», Camus salienta os fundamentos da revolta individual e colectiva, os erros do historicismo e muito pertinentemente o uso da filosofia pelos regimes totalitários, onde alguns filósofos terão sido pactuantes com os regimes. Critica a ideologia comunista e o capitalismo burguês. Tem um enorme respeito pela liberdade individual, erguendo-se contra todos os totalitarismos e terrorismos. Para alguns, Albert foi um existencialista, um homem comprometido e que incomoda as consciências, as boas e as más, pelo que não se pode ficar indiferente à sua pessoa. Carrega consigo toda a inumanidade do mundo, um pioneiro do absurdo. Um filósofo que escrevia romances ou um romancista que escrevia ensaios. Um pensador que pensava não apenas com as ideias, mas com as palavras.

¹³ Camus, Albert, «O Exílio e o Reino», Editora Livros do Brasil, 1ª Edição. Lisboa, 2004, p. 98.

Um olhar incisivo que nos incomoda no sentido de que nos afasta do bem-estar, da satisfação e do conformismo do quotidiano. Toda a obra de Albert Camus é uma teoria dos opostos: mobilidade - imobilidade, racionalidade – irracionalidade, racionalismo – empirismo, mundo grego – mundo ocidental moderno.

Na verdade, a vida, por vezes, parece irónica. Atribuem-se-lhe características marcadamente humanas, mas o mundo, como nós o conhecemos, é irracional, pois está além da compreensão; nenhuma explicação final pode ser dada para o facto de ele ser da maneira como é. Tenta-se uma explicação através de uma vertente evolucionista ou criacionista, mas, na realidade, o que sabe o Homem? Em última análise, tudo especulações. Nesta perspectiva o pensamento do autor é actual, pois anuncia uma inter-relação entre a “Physis” e o “Logos”, sendo a sua referência o mundo helénico.

Albert Camus continha em si a noção do comprometimento do Homem com a História. Todavia, não a aceitava! De facto, a História e a divinização da mesma demonstram a mais elementar falta de coerência entre o *homo faber* e o *homo moralis*. A História demonstra ao longo dos séculos guerras e conquistas, barbárie, miséria e imoralidade. Como tal, esta mesma História não deve ser seguida cegamente, dado que os seus exemplos nunca foram os mais salutareos. Contudo, pode-se aprender no presente e no futuro a não cometer os mesmos erros históricos através de uma análise responsável e ponderada.

No que diz respeito à política, esta seria um meio que deveria permitir aos cidadãos uma intervenção séria e participativa na sociedade. Uma política alicerçada na moral e constantemente analisada no plano da ética, que ao invés de degradar o Homem trate de o servir. Para Camus, a democracia seria o regime menos mau em virtude de utilizar os cidadãos esquecendo-se, por vezes, de os servir. Para o autor, fazendo uma referência à época, os intelectuais de esquerda ou de direita demitiram-se das suas responsabilidades. Muitos dos que defendiam o proletariado eram descendentes de famílias abastadas. Por outro lado, quem, como Camus, nasceu pobre, sabia por experiência própria, o que foi uma vida de privações. Fica no ar a dúvida se Camus seria politicamente simpatizante do socialismo ou da social-democracia. No entanto, uma questão é tida como certa: não aceitava que um homem ou um partido pensasse por todos os Homens.

Então, será que podemos considerar Camus humanista? Sim, pois preocupava-se e olhava para o Homem enquanto humano, valorizando o primado da ética e reconstruindo-se de forma permanente através de uma autonomia da vontade.

3.1. O Homem Camusiano

O problema do homem camusiano é o problema da separação e da união. É um homem familiar e estrangeiro, solitário e solidário, laico e religioso, absurdo e revoltado.

O homem camusiano é o tipo de personagem cuja faceta intelectual, social e anti-social, política e apolítica, económica e cultural fica patente na sua obra «O Estrangeiro». A sua filosofia funde-se com os elementos naturais. O pensamento une-se à experiência de vida. Um homem revoltado, solitário e solidário, de poucos recursos financeiros, que recusa pactuar com os cânones estabelecidos pela sociedade: «Um idiota, um monstro, um anticristo, como lhe chama o juiz. Mas, Meursault procura fugir do império gelado das palavras feitas e dos estereótipos. A sua vida medíocre lembra-nos que a solidão é o nosso quinhão e que estamos separados uns dos outros pela barreira dos hábitos e da linguagem. Estrangeiros a nós mesmos e ao mundo, espantados pelo som da nossa própria voz, impotentes perante a nossa própria imagem. O seu diário de condenado à morte é o diário de todos nós, que estamos condenados a morrer. Não há saída se queremos ser autênticos»¹⁴.

Albert Camus nesta fase do seu pensamento é teoricamente irmão de “Meursault”. Na obra «O Estrangeiro», ao contrário daquilo que se possa imaginar, esta personagem não é dotada de um vazio interior, muito pelo contrário, é uma personagem envolvida num dualismo permanente e inquietante, numa revolta constante com a sua circunstância e consigo próprio. É um homem revoltado, alguém que não vive segundo os cânones tradicionais impostos pela sociedade. Não é um homem domesticado, adaptado e resignado. É alguém que não pactua com os artifícios sociais. Um personagem introspectivo que ao longo dos dias da semana, das semanas, vai dando voz ao seu interior num monólogo permanente. Um monólogo porquê? Porque nas sociedades modernas, em meados do século XX, devido à força desmesurada da industrialização e, consequentemente, da economia e dos objectivos a cumprir, ninguém o quer ouvir. Só os resultados percentuais e objectivados parecem fazer sentido. No século passado, a grande recessão dos anos trinta a nível económico deveu-se ao facto de não existir consumo para os bens fabricados. Na actualidade dá-se precisamente o inverso.

Ninguém fica indiferente a esta obra de Albert Camus onde é focado o mundo do processo, tanto burguês, como socialista, comunista e fascista. É um tipo de trabalho em que o próprio leitor consegue fazer um paralogismo entre a vida, a sua vida na realidade e o referido romance literário. Consegue aperceber-se que, efectivamente, nada sabe e nada possui. Camus, neste trabalho, leva-nos a sair do conforto dos bens materiais, da comodidade a que as

¹⁴ Ribeiro, Helder, «Do Absurdo à Solidariedade», Editorial Estampa, Lisboa, 1996, p. 68.

sociedades modernas nos habituaram. Qualquer leitor, por vezes, sente-se um estrangeiro, não só em relação ao meio onde está inserido, à vida, ao mundo, como em relação a si próprio. Quantas questões permanecem sem resposta quicá, para todo o sempre? Quantos não existirão, que apenas para manter uma certa aparência agem de acordo com as leis convencionadas pela sociedade, mas vivendo numa enorme incoerência? A personagem desta obra, Meursault, não vive assim. É desconcertante, mas coerente e verdadeiro em relação a si próprio e aos outros. Desconcertante porquê? Porque o habitual é viver de acordo com as regras e os valores instituídos nas sociedades, mesmo que não sejam os correctos. A maioria vive assim. Porém, felizmente nem todos. Meursault, um prolongamento da natureza, um simples grão de areia, uma gota de água com sabor a sal, é carne e sangue. Sente prazer, dor, mas convive bem com esses sentimentos. Ama as mulheres, o mar e o Sol. Toma banhos em corpos de mulher, mergulha no mar nas primeiras ondas da manhã.

No seu primeiro romance: «O Estrangeiro», Meursault, é um homem que vive numa cidade ao ritmo do tédio e da vacuidade. É um estrangeiro em relação a uma sociedade convencionada por leis que não se coadunam com os seus princípios morais, pois primeiro está a moral e posteriormente, surgem as leis. Alguém que recusa pactuar com a hipocrisia e com a mentira, com a hipócrita arte de saber viver, como tão bem salientou Schopenhauer no seu livro «A Arte de Viver». Vivendo ao sabor da sua existência precária, mas coerente, é o tipo de ser que bebe café com a maior naturalidade e fuma um cigarro com enorme displicência, enquanto a sua mãe jaz morta numa casa mortuária, numa noite de calor escaldante: «Ofereceu-se, então, para me trazer uma chávena de café com leite. Como gosto muito de café com leite, aceitei, e ele voltou alguns instantes com uma bandeja. Bebi. Tive então vontade de fumar. Mas hesitei, porque não sabia se o podia fazer diante da mãe. Pensei, e concluí que isso não tinha importância nenhuma. Ofereci um cigarro ao porteiro e fumámos os dois»¹⁵.

Trata-se, assim, de um personagem com uma consciência coerente, mas incapaz de demonstrar amor, saudade, ódio, medo ou qualquer outra emoção: «Neste momento, o porteiro entrou por detrás de mim. Devia ter corrido. Gaguejou: «Fecharam-no, mas eu vou desaparafusá-lo, para que o senhor a possa ver.» Aproximava-se do caixão, quando eu o detive. Disse-me: «Não quer?» Respondi: «Não.» Calou-se e eu estava embaraçado, porque sentia que não devia ter dito isto. Ao fim de uns momentos, ele olhou-me e perguntou: «Porquê?», mas sem um ar de censura, como se pedisse uma informação. Eu disse: «Não sei»¹⁶.

¹⁵ Camus, Albert, «O Estrangeiro», Editora Livros do Brasil, 1ª Edição – Lisboa, 2006, p. 35.

¹⁶ Idem, ibidem, p. 33.

Com poucos amigos, sem destino e sem amanhã. Sem grandes objectivos na vida, não espera dela grandes benefícios: «Pouco depois, o patrão mandou-me chamar e fiquei aborrecido, porque pensei que me ia dizer para telefonar menos e trabalhar mais. Não era nada disso. Declarou que me ia falar num projecto ainda muito vago. Queria apenas saber a minha opinião sobre o assunto. Tencionava instalar um escritório em Paris, para tratar directamente com as grandes companhias e perguntou-me se eu estava disposto a ir para lá. Poderia viver assim em Paris e viajar durante parte do ano «Você ainda é novo, e creio que essa vida lhe agradaria.» Disse sim, mas que, no fundo, me era indiferente. Perguntou-me depois se eu não gostava de uma mudança de vida. Respondi que nunca se muda de vida, que em todos os casos, todas as vidas se equivaliam, e que a minha, aqui, não me desagradava. Mostrou um ar descontente, disse que eu respondia sempre à margem das questões, e que não tinha ambição, o que, para os negócios era desastroso»¹⁷.

A sua vida vai-se desenrolando como se ele fosse um estrangeiro, não em relação a um país, mas em relação às próprias convenções sociais: «Maria veio buscar-me à noite e perguntou-me se eu queria casar com ela. Respondi que tanto me fazia, mas que se ela, de facto, queria casar, estava bem. Quis então saber se eu a amava. Respondi, como aliás respondera já uma vez, que isso nada queria dizer, mas que talvez a não amasse. «Nesse caso, porquê casar comigo?», disse ela. Respondi que isso não tinha importância e que, se ela quisesse, nos podíamos casar»¹⁸.

É um homem igual a si próprio. Sem esperança e sem destino. Sem passado e sem futuro, cujo presente rapidamente se torna uma fronteira ténue entre o nada e coisa alguma. Que após o funeral de sua mãe vai assistir a uma comédia de Fernandel com uma bela mulher, Maria Cardona. Um indivíduo que faz o luto da sua progenitora tomando banhos de mar. Que mata um ser humano por acaso. Porém, Meursault é uma personagem extremamente introspectiva, honesta consigo própria, com os seus princípios e com uma enorme capacidade de reflexão. Na sua honesta simplicidade de anti – Cristo recusa a absolvição dada ao espírito, pelo capelão, na cadeia.

Esta personagem transmite a inocência de um homem que não se conseguiu adaptar a uma vida exigente, mas que se pretende de humanidade. Todavia, é um ser humano no seu estado mais elementar, mais básico, mais honesto. A ira do tribunal não se instaura contra aquele que matou alguém por casualidade, mas contra alguém que não consegue chorar, rir ou mostrar arrependimento e piedade. Contudo, Meursault não sente que tenha de manifestar

¹⁷ Idem, ibidem, p. 63-64.

¹⁸ Idem, ibidem, p. 64.

sentimentos que não julga serem de manifesto interesse para si próprio: «Expliquei-lhe que não me sentia desesperado. Tinha apenas medo, como era natural. «Deus o ajudará», afirmou então. «Todos os que conheci no seu caso se voltaram para Ele.» Reconheci que estavam no seu direito. Isso provava também que tinham tempo. Quanto a mim, não queria que ninguém me ajudasse, e justamente faltava-me tempo para me interessar pelo que não me interessava.

Neste momento, esboçou com as mãos um gesto de irritação, mas levantou-se e arranjou as pregas da sotaina. Quando acabou, dirigiu-me a palavra tratando-me por «meu amigo»: se me falava desta forma, não era por eu ser um condenado à morte, na sua opinião, todos nós éramos condenados à morte»¹⁹.

Meursault é um anti-herói que lutou por uma causa, pela sua verdade e morre sem causa alguma. É a encarnação da solidão. A solidão que se faz sentir nas grandes metrópoles da actualidade e nas almas dos seres que as habitam: «O homem absurdo, lançado neste mundo, rebelde, nada tem de justificar. É inocente. Inocente como os primeiros de que fala Somerset Maugham antes da chegada do missionário que lhes ensina o bem e o mal, o permitido e o proibido. Para ele, tudo é permitido. O estrangeiro é justamente um desses terríveis inocentes que constituem o escândalo de uma sociedade, porque não aceitam as regras do seu jogo»²⁰.

O absurdo revela a estranheza do mundo e do universo. Será um princípio e nunca um fim. Aprender a viver com a irracionalidade rumo à racionalidade humana, eis o propósito, mas para Camus não basta. Torna-se imperioso viver em harmonia e comunhão com os elementos naturais. Afinal, o Homem é uma combinação de matéria orgânica, sentimentos e racionalidade; viver sem algumas respostas, mas colocando inúmeras perguntas; movimento permanente!

Este pode perfeitamente ser o Homem dentro do universo camusiano. Durante a sua existência, Camus foi também um personagem neste palco que é a vida. Alguém que não pactuou com algumas ideologias e sistemas políticos da sua época que levaram “alguns” a pactuar com a legitimação de purgas e depurações, guerras e massacres evitáveis. Acções fundamentadas racionalmente e levadas às últimas consequências. Quer o Nazismo, quer o Socialismo ou o Fascismo foram disso um exemplo claro e concreto.

¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 123-124.

²⁰ Ribeiro, Hélder, «Do Absurdo à Solidariedade», *ob.cit.*, p. 174 - 175.

4. O Contexto Histórico e o Paradigma do Absurdo

A segunda guerra mundial foi o resultado de um conjunto de factores circunstanciais: políticos, económicos e raciais. Contudo, o factor mais importante foi a pretensão de dominação mundial por parte de alguns países imperialistas da Europa. Cujos governos totalitários revelavam uma forte predisposição militarista e expansionista alicerçados em doutrinas idealistas. Na Alemanha surgiu o Nazismo liderado por Hitler que, desrespeitando o Tratado de Versalhes que impunha sanções danosas e embaraçosas à Alemanha, depressa incentivou, motivou e despoletou a necessidade de reconquista dos territórios perdidos durante a primeira guerra mundial. Na Itália o partido Fascista de Benito Mussolini estava em franco crescimento, sendo que o seu Duce possuía poderes ilimitados e pretendia construir um novo Império Romano.

A Alemanha e a Itália passavam por enormes dificuldades económicas na década de 1930, com milhões de pessoas sem emprego. A solução principal passava por desenvolver a indústria bélica para desse modo relançar não apenas a economia, como também a expansão territorial de ambas as potências. O Japão também possuía os mesmos ideais expansionistas na Ásia, pelo que não foi difícil a união entre estes três países formando assim um eixo.

Esta guerra teve o seu início em 1939, com a invasão da Polónia pelo exército alemão. A Inglaterra, URSS, França e EUA não tardaram a declarar guerra à Alemanha.

Este importante conflito terminou no ano de 1945 com a rendição da Alemanha e da Itália. O Japão, o último a assumir a rendição, sofreu um dos mais violentos ataques de sempre com o bombardeamento levado a cabo pelos Estados Unidos e que consistiu no lançamento de duas bombas atómicas, uma em Hiroshima e outra em Nagasaki. Os prejuízos foram brutais para os países derrotados: milhares de mortos, cidades destruídas, monumentos e obras de arte perdidos para sempre e zonas agrícolas completamente arrasadas.

Com o final do conflito foi criada a ONU, por volta de 1945, cujo objectivo seria a manutenção da paz entre os países. Inicia-se também o período da guerra fria, colocando agora em posições completamente antagónicas a URSS e os EUA que, até então, tinham sido aliados. Deu-se, assim, início a uma disputa geopolítica entre o socialismo soviético e o capitalismo, com ambas as potências a alargarem os seus domínios territoriais e de influência. Estão, então, lançadas as bases para o início da era nuclear, onde a ciência e a técnica foram elevadas a patamares perigosos e até aí nunca alcançados. Chernobyl, com o seu acidente nuclear em 26 de Abril de 1986, foi um exemplo disso. Como se não bastasse, posteriormente os países

colonizadores entravam em conflito com os países colonizados, despoletando mais violência num século que ficou designado como do medo e de, praticamente, todas as grandes guerras. Nunca o homicídio fora tão assustadoramente legitimado.

Neste contexto, inúmeros intelectuais das mais vastas áreas de formação dividiam-se ideologicamente. Alguns intelectuais alemães deram a sua colaboração ao regime nazi. Os existencialistas franceses constataavam um novo tipo de absurdo, uma náusea, como o são todas as guerras e massacres. Duas figuras destacam-se no núcleo intelectual francês da época: Jean – Paul Sartre e Albert Camus. Um novo paradigma parece florescer: o paradigma do absurdo. Como se não bastasse o absurdo que resulta da confrontação entre o Homem e a irracionalidade do Mundo, surge, também, o absurdo provocado pela hostilidade entre os Homens.

Se Sartre era partidário do «engagement» e bastante flexível quanto à situação que se desenrolava na Europa de Leste, Camus, por seu lado, mostrava-se bastante céptico quanto aos pressupostos de tal sistema político e onde tal doutrina poderia conduzir. Todavia, também parecia não concordar com o capitalismo ocidental, na medida em que ambos os blocos contribuíam para um desregramento e despersonalização dos seres humanos. A necessidade de consumir, em larga escala, como forma de compensar uma crescente individualização e relativização dos indivíduos no mundo ocidental, foi o culminar de um consumismo frenético que se veio a verificar posteriormente, com elevados custos para o meio ambiente e restantes espécies animais. A sua obra «O Homem Revoltado» foi um exemplo que suscitou as mais variadas críticas no círculo intelectual da época, com Sartre a despoletar violentas críticas em relação a Camus e à sua obra. A polémica surge um pouco com a ideia de que a filosofia de Camus pairava entre a crítica e a falta de soluções, ou seja, Camus criticava escrevendo e representado, mas não apontava argumentos que visassem e conduzissem a uma solução, o mesmo se passando em relação à guerra na Argélia. Efectivamente, não é possível compreender e legitimar os actos utilizados por potências que através de meios diferentes convergem nos resultados. Camus apercebeu-se dessa situação, tal como percebeu e deixou transparecer, nalgumas das suas obras, que as guerras não se vencem apenas com armas, mas através de um esforço de compreensão e solidariedade, com palavras e concertação.

4.1. De Camus a Sartre, o que significa o Existencialismo?

Por existencialismo entende-se toda a filosofia que tenha como função primordial a análise da existência, se por existência se entender o modo de ser do Homem no mundo.

Persiste, actualmente, a ideia de que a filosofia é inacessível, que não possui relação com os problemas da existência humana. Mas nada daquilo que é humano pode ser considerado fora do âmbito da filosofia. Por vezes fica a ideia de que a história da filosofia é um aglomerado de ideias que se contrapõem e se amontoam, sem que exista um fio condutor para uma análise correcta e concreta acerca dos problemas que a vida oferece. Ora, nada está mais errado. O Homem é uma permanente tensão entre a vida e o mundo. Albert Camus, pelos mais díspares motivos, disso se apercebeu. Não apenas por questões de saúde, questões materiais, como também por questões existenciais, através de uma procura das respostas para as quais parece, por vezes, não haver muito a dizer. O que haverá a dizer acerca de cidades destruídas por onde, de certo, caminhou? Amontoados caóticos em nome de um futuro não conseguido? Em nome de sistemas abstractos e ideologias? O que haverá a dizer acerca de uma constante despersonalização do Homem, de que o século XX foi disso um dos maiores exemplos?

Albert Camus foi um existencialista! Com um conceito diferente, mas, de facto, nunca deixou de o ser. Contra o «Inferno são os outros» de Sartre, Camus insiste num presente em plena comunhão com o mundo e com os seres. Simbiose com a terra, a carne, o sangue e, claro, o mar. Banhos de mar na sua Argélia, banhos em corpo de mulher. Cheiro a flores, cheiro a mediterrâneo. Encontra no absurdo, no medo, no sofrimento e na angústia os caminhos rumo à solidariedade, mas, acima de tudo, rumo à dignidade humana. Ser digno é ser íntegro, relacionar-se e interagir com o outro e consigo próprio. O que diferencia Albert Camus de outros existencialistas é que, para si, a angústia é apenas um ponto de partida, uma espécie de ponto zero rumo à significação e dignificação de tudo o que é humano e do humano. A revolta faz o Homem penetrar no mais profundo da sua integridade e personalidade. Não apenas na vida e em si próprio, mas na pessoa dos outros. A revolta através da acção deve ultrapassar a angústia. O mundo não nos satisfaz, não satisfaz Camus, mas não nos podemos separar dele. Torna-se fundamental no dia-a-dia cada indivíduo prosseguir num processo de transformação permanente e coerente com princípios e mecanismos dinâmicos, onde o primado da ética deve constituir-se como um objectivo a alcançar.

Também se diferencia de outros existencialistas na medida em que, tal como Sartre, não acredita em Deus. Camus é dos que sente o poder da terra e do amor, não o poder da metafísica e das abstracções, pairando no ar a ideia de que o autor possa descomprometer-se, por vezes, com a sociedade em geral. Um homem de facto, com uma filosofia concreta e para o Homem concreto, para «o Homem de carne e osso», como diria Miguel Unamuno.

Enquanto o mundo se afundava, tal como hoje se afunda, muitos eram os que falavam da crise. Porém, enquanto se faziam os mais díspares comentários e análises, muitos sofriam, outros morriam e poucos eram felizes. De facto, “deve haver vergonha em ser feliz sozinho”. Contudo, o pessimismo agastava o nosso autor, em virtude de um dos deveres de cada indivíduo dever ser a constante procura da felicidade.

Assim sendo, estar na filosofia é ter a noção do papel que tal conceito desempenha. De facto, alguns filósofos ousaram criar, exagerar e denunciar, nomeadamente um filósofo: Camus.

O Existencialismo atingiu o seu auge em meados do século XX, com Camus, Sartre, Jaspers, Heidegger, Chestov, entre outros. No entanto, não devemos esquecer os seus precursores: Sócrates, Jesus Cristo, Kierkegaard e Nietzsche. Esta corrente filosófica manifestou-se não apenas contra o estruturalismo como, também, contra a despersonalização do Homem num século de idealismos e totalitarismos exacerbados, tiranias e oligarquias. O Existencialismo não é um estar quieto, se bem que fica patente uma certa angústia perante tudo o que nos rodeia e as respostas não encontradas. Contudo, é importante mostrar a parte sórdida da vida que, embora muitos a pensem e sintam, poucos parecem admiti-la. Seria o ideal, mas não se deve apenas olhar para o que de belo existe, pois debaixo de um sol intenso e radioso, sob um mar azul e pedras quentes a miséria existe, a fealdade é uma constante. Ao contrário do que se possa pensar a angústia não nos afasta dos outros. Pelo contrário, abre-nos ao outro e, por conseguinte, a nós mesmos. Conduz-nos à revolta com algumas regras tidas como válidas, mas que nem sempre são verdadeiras. Um argumento pode ser válido, mas não verdadeiro. Por sua vez, verdadeiro, mas não válido.

O Existencialismo é, por vezes, conectado com um certo quietismo e desespero, porque um indivíduo, não encontrando as respostas para as perguntas fundamentais, tende a sentir-se angustiado perante a existência. Todavia, tal não se manifesta verdadeiro, pois o Existencialismo é propenso à acção. Criticam os existencialistas pelo facto de acentuarem o que de mais mórbido existe na natureza humana. De facto, eventualmente, poderá existir esse paralelismo em virtude de a vida, assim como os valores em que esta pouca humanidade se move, ser tão pouco digna que pouco mais resta senão fazer uma espécie de katarse. Alguns filósofos sustentavam as suas teorias na religião, como Chestov e Jaspers. Outro ainda, como Hegel, na História. Camus falava na moral. Criticava os que se refugiavam em Deus, os que divinizavam a história e os que aguardavam serenamente o destino sem nada fazerem.

Do lado cristão (sentimento) ou melhor católico (instituição), poderão criticar os ateus ou os agnósticos pelo facto de serem extremamente cépticos quanto ao acreditar em algo que não é racional. Neste caso, de certa forma, alguns filósofos e alguns escritores tiveram a sua quota-parte de responsabilidade, dado que ao longo da História tiveram como preocupação provar o improvável, alimentando algumas ideias (in)convenientes. Tentaram, de forma racional, provar o irracional, quando deveriam ser mais interventivos e críticos em relação à existência humana na vida terrena. Aí sim, é onde o Homem actua. Mas não, preocuparam-se, não raras vezes, com questões puramente académicas. Como é que algo espiritual pôde criar matéria? Na Antiguidade a filosofia era metafísica, na contemporaneidade, a filosofia é acima de tudo, ética.

Obviamente, é importante pensar e, acima de tudo, saber pensar. Todavia, alguns filósofos, ao longo da História, perderam-se dentro da metafísica. Nietzsche, inclusive, achava que os metafísicos eram padres disfarçados. Por vezes, uma certa dose de romantismo, assim como uma dose de metafísica apresentam-se como forma de erudição e debate, mas o que se torna fundamental é uma ética bem definida, pois torna-se essencial num contexto onde o Homem actua, onde é acção com a sua circunstância e por conseguinte, consigo próprio. Se está só, por que não viver uma vida de responsabilidade?

Para Sartre, o Existencialismo é algo que torna a vida humana possível. Para existir torna-se fundamental reflectir; para reflectir é necessário existir. Disse Descartes: «Penso, logo existo». De certa forma alia-se a fealdade ao Existencialismo assim como, também, os indivíduos que partilham dessa doutrina são considerados pessimistas. Concorro que, pontualmente, possam fazer esse paralelismo, pois pensam o que outros se recusam a pensar. Mas não serão os outros demasiado optimistas? Os existencialistas apenas não concordam com aquilo que lhes querem impor e fazer acreditar. Existe a noção da fragilidade humana numa permanente confrontação com o absurdo do mundo. O vazio que existe por detrás do cosmos. Essa “náusea” que consiste na percepção da pequenez e impotência face à morte. Caminho às vezes adiado, mas que faz parte deste inevitável trajecto. Todavia, enquanto “seres para a vida” torna-se fundamental uma construção constante, como *homo moralis*: «Revolto-me, logo existo.»

Se o Homem pretende atingir outros patamares e fugir de uma existência sombria para a claridade apolínea, é através da filosofia e dos mecanismos que esta tem para oferecer que se podem melhorar as sociedades. Basta para isso construir uma ética bem definida que se paute pelos valores tidos como universalizáveis: pela responsabilidade, tolerância, altruísmo,

compreensão, verdade, autenticidade, solidariedade, conhecimento e pelo esclarecimento, ou seja, pela perfeição dentro desta imperfeição que é a condição humana. A fundamentação da ética é, sobretudo, importante, pois o Homem é interacção com o meio, com todos os que sofrem esta existência perdida desde o início. Daí a necessidade de uma procura imposta por uma certa curiosidade tão marcadamente humana, demasiado humana. A filosofia nasceu do espanto e da curiosidade. Toda uma tentativa para mudar algo passará por uma boa dose de racionalidade, pois é o meio comum a todos os seres humanos.

Mas o Homem necessita de sentir para mudar e outro veículo importante para a mudança é naturalmente a comunicação. O Homem é um comunicador por excelência. A evolução humana caminha a passos largos para uma democracia consolidada, mas sempre numa constante evolução para o diálogo, opinião e participação. Para um processo dialéctico no qual todos têm uma quota de intervenção e responsabilidade. Direito e deveres. Por conseguinte, o carácter argumentativo do indivíduo é fundamental. Não é possível ser-se apenas empirista ou, por outro lado racionalista, idealista ou materialista. Ambos os conceitos são fundamentais. Normalmente, quando se falha existe uma frase bem conhecida: “É Humano”. Claro! Somos humanos, mas há já muito tempo que deixámos de ser naturais e passámos a ser culturais, sociais e políticos. Sartre escreve precisamente sobre isto. Todos, ou quase todos, têm um ideal de vida, um projecto que tentam concretizar diariamente.

Que importa para alguns pensar no facto de o Homem ter sido uma criação de Deus ou fruto de uma evolução? Que importa para alguns tentar perceber de onde viemos e para onde vamos? Não lhes interessa e, provavelmente, serão até mais felizes. Que importa se a Terra gira à volta do Sol ou se acontece precisamente o inverso, quando existem pessoas com um nível de vida execrável? Que importa se o planeta Terra é redondo, quando pessoas se suicidam por não terem opções na vida? O Existencialismo surge como uma reacção contra a despersonalização e alienação do Homem, tendo, portanto como objectivo a revalorização humana. É um dever moral auxiliar quem necessita.

Como diz Sartre, há duas espécies de existencialistas: os cristãos, como por exemplo Kierkegaard, Jaspers, Chestov, Guitton e Gabriel Marcel e do outro lado os existencialistas ateus: Sartre e Camus. O que torna Sartre ateu é o facto de acreditar que a existência precede a essência. A essência, a personalidade vai-se criando a partir da existência. O Homem actual é o resultado de decisões passadas. A religião, ao longo dos séculos, foi um símbolo de morte. O Homem é um símbolo de vida, pois procura a saúde, não se contentando em aprender a viver

com a doença: «O importante, dizia o padre Galiani a Madame d' Epinay, não é curarmo-nos, mas vivermos com os nossos males»²¹.

O ser humano deve tentar superar-se rumo a uma salutar convivência com a sua circunstância. Só agindo no mundo, na vida se pode ir construindo e levando o seu projecto por diante. Um crente poderá argumentar: - Não se pode provar que Deus não existe. Mas, existem mais probabilidades quanto à sua inexistência. Onde está ele? Nunca ninguém o viu! Olhem para a humanidade, Para o planeta! Assiste-se constantemente ao sofrimento de seres indefesos! O Homem chora, o Homem é envergonhado pelo seu semelhante! O Homem deve querer e não apenas crer!

Concordo com Anthony Kenny, quando refere que Jesus não mencionou nada que os filósofos gregos já não tivessem salientado. O aspecto fundamental foi, sem dúvida, a capacidade que Jesus teve de seduzir e partilhar com o povo, com os pobres e oprimidos ao contrário de grande parte dos filósofos clássicos. Jesus foi um dos grandes filósofos da história da filosofia! «A doutrina moral de Jesus, tal como era registada nos evangelhos não era órfã. No sermão da montanha, ensinou que não devemos pagar o mal com o mal; mas fora esse, o ensinamento de Sócrates na República. Exortou os seus ouvintes a amar os seus semelhantes, como a si mesmos, mas estava a citar o livro do Levítico hebraico, escrito muitos séculos antes. Defendeu que não devemos não só abster-nos de praticar o mal, como evitar os pensamentos e desejos que poderão levar-nos a praticá-lo; e nisto estava de acordo com os ensinamentos aristotélicos segundo os quais a virtude tanto diz respeito à paixão quanto à acção, e o homem verdadeiramente virtuoso é não apenas casto como também comedido. Ensinou os seus discípulos a desprezar os prazeres e as honras do mundo, mas o mesmo fizeram, de modos diferentes, os epicuristas e os estóicos»²².

A grande diferença dá-se na passagem do politeísmo para o monoteísmo. Do teocentrismo para o antropocentrismo e por conseguinte, para o egocentrismo. Deus foi criado pelo Homem como tentativa de explicação da irracionalidade do mundo, o absurdo da existência. Criou-o e rebaixou-se à sua criação. Um mito? Uma necessidade de explicar o mundo? «Há meio século que Henri Bergson morreu. Dominado, como todos os filósofos, pela última interrogação, tinha murmurado esta coisa estranha: «O universo é uma máquina de fazer deuses...»

²¹ Camus, Albert., «O Mito de Sísifo, Ensaio sobre o absurdo», ob.cit, p. 44.

²² Kenny, Anthony, «História Concisa da Filosofia Ocidental», Temas & Debates, 1ª edição: 1999, 2ª edição: 2003, p. 129-130.

Foi este o seu último suspiro filosófico»²³.

Para Sartre, de facto, o Existencialismo ateu é o mais coerente. Se de facto Deus não existe há um ser que precede a essência e que é o próprio Homem. Este primeiramente existe, descobre e descobre-se, surge no mundo e só posteriormente se define. Este Homem numa primeira fase não é nada. Só após um processo evolutivo de muitos milhões de anos este ser foi adquirindo a noção da sua existência através de um processo cognitivo. De facto, o que fizer a si próprio, assim como aos outros irá defini-lo. O Homem não é mais do que o que ele faz e se faz. Não é mais do que aquilo que cria: «Para Sartre, a partir da sua postura ateuista, negando a perspectiva metafísica, o ser humano está entregue a si mesmo, ao seu existir concreto, mais ou menos inteligente, mas acima de tudo possuidor de uma criativa liberdade pessoal. Ora, afirma-se a radical solidão humana que descobre a angústia da contingência de existir em situação, decidindo em liberdade, criando os seus próprios valores, sem legitimar a sua conduta para além da sua consciência»²⁴.

No entanto, nenhum Homem pensa igual. No limite, através de conceitos criados por ele próprio e, por conseguinte, ficando regulamentados em sociedade pensa idêntico. O Homem é um animal racional, racionável, porque pensa, existe e é subjectivo, portanto “pensa-se”. O Homem é algo que vive subjectivamente nesta materialização histórica. O que ele quer é já por si uma decisão consciente, mas que facilmente pode adulterar. Cada um é responsável por aquilo que é. Logo, somos responsáveis pelas nossas existências. Pelos nossos actos e palavras. O pensamento de um interfere no pensamento e no agir do outro. Ao actuar, tal facto tem repercussões nos outros. O Homem tem direito à sua individualidade. É um todo conjuntural e social. Ser Humano é ter a capacidade de pensar mais alto, abarcar todos os seres com toda a responsabilidade que daí advém. A existência envolve toda a Humanidade. As escolhas que cada um faz envolvem as escolhas que os outros fazem. A responsabilidade individual é muito maior do que se pode imaginar, pois envolve toda a sociedade. O existencialista não recusa dizer que o Homem é angústia, uma náusea. É-o em virtude de ser legislador e, como tal, ser fruto de uma legislação. De ser apenas um pouco livre. Por outro lado é a lei que o torna livre.

Para Albert Camus a angústia não remete para o quietismo. Esta é um ponto de partida e nunca um fim. É este aspecto que diferencia o existencialismo sartriano do camusiano. A noção de angústia, de absurdo permite ao Homem criar coisas que o afastam, mesmo que seja momentaneamente, desse quietismo através, não só de um agir estético, como de um agir ético,

²³ Guitton, Jean, Bogdanov, Grichka, Bogdanov, Igor, «Deus e a Ciência», ob.cit, p. 138.

²⁴ Araújo, Luís, «Ética uma Introdução», INCM, 2005, Lisboa, p. 80.

em que o Homem pode atingir alguma felicidade. É através destes conceitos que o Homem pode criar mecanismos de mudança.

4.2. O que significa o conceito de angústia?

A angústia é o inóspito, o desconhecido, o incontrolável, o aperto e constrangimento. O sentimento de angústia é estar aparentemente calmo, mas por dentro fazer parte de um complexo mundo interior. É não saber o porquê de se estar angustiado. É como se se perdesse a Razão, a capacidade de raciocinar, perante tal angústia, tal medo, que não sabemos de onde surge e leva aos limites da compreensão ou da incompreensão. Quando se está em tal estado vagueia-se, pois, não se está bem em lugar algum, perde-se a noção da realidade que nos circunda. O tempo corre lentamente, conta-se cada segundo, como se de uma eternidade se tratasse. Deambula-se sem sentido, fazendo enormes introspecções e não encontrando resposta alguma. Entra-se em pânico, quer-se dormir para sempre. Por uma crise de angústia toma-se a noção da individualidade, do quanto se está separado dos outros, mesmo estando tão perto. Chega-se a pensar que qualquer animal dito irracional vive melhor que nós, humanos, na medida em que, provavelmente, não possui tal sentimento. Não o pensa, não o escreve, não o canta. Esta individualidade que entristece, que diminui o ego, torna o conhecido, desconhecido, faz-nos sentir pequenos.

O medo causa angústia. Esta faz-nos sentir medo. Medo de tudo e de nada. Medo e angústia: que simbiose perfeita! Como nos retira a confiança em nós próprios! Como nos empurra para o abismo, esse abismo do ser! Como nos faz perder a razão! Torna os racionais em irracionais. Sentimo-nos estranhos. Não nos conhecemos, nem os outros nos reconhecem. Dá a sensação que todos conspiram contra nós!

A existência é angústia, porque não se vive em pleno, encontra-se sempre algo que nos faz recuar. Existe algo na mente que não se compreende. Uma parte irracional. Um todo incoerente.

Não sei se são os outros que criam em nós esta angústia. Não sei se será o outro que habita dentro de mim e que sou eu próprio. Ou então é a sociedade no seu cômputo geral, visto apercebermo-nos das injustiças cometidas pelo próprio Homem, mesmo em relação à sua espécie. Este é, de facto, um temível predador!

Este sentimento abre-nos ao mundo, ao absurdo. Surge repentinamente com um gesto fugidio. Demora a secar como a tinta numa tela de um quadro. É criar um certo ostracismo, uma barreira invisível de onde se tenta perceber o movimento dos outros, as suas expressões.

Pequenos gestos, pequenos sinais que dizem muito, embora representem pouco. Este absurdo obscuro empobrece-nos. Esse “algo” satura-nos, esgota-nos, entristece-nos mais, sempre mais. Retira-nos a alegria. Mostra-nos a nossa individualidade e fragilidade. Andamos como que perdidos no espaço e no tempo, ficando com a sensação que não somos de sítio algum. Sentimos medo de, no dia seguinte, continuarmos angustiados. Quando acordamos tentamos esquecer que esta angústia pode continuar. Mas, ao tentarmos esquecê-la, estamos a tentar lembrarmo-nos dela. Assim este sentimento vai continuando, teimando em ficar, sentimento silencioso e frio, abrindo-nos a um mundo, ele próprio angustiado. Mundo, vida, educação e problemas variados criam em nós esta sensação, resultado de vivências, de questões que colocamos e para as quais não conseguimos obter as respostas. Conflito permanente entre opostos que habitam dentro do ser.

Adquirem-se bens de consumo para a colmatar, mas que resultam apenas momentaneamente, pois, logo de seguida, quando esses bens se tornam familiares, voltamo-nos a lembrar desse adversário que não conseguimos vencer. Apenas conseguimos afastá-lo momentaneamente. Enganamo-lo com truques e poções. Encurtamos alguns caminhos, algumas estradas, mas consegue sempre encontrar-nos. Quando pensamos no porquê de estarmos angustiados somos remetidos para um existencialismo que nos tortura.

Dizer que existimos não significa que fomos algo dado, visto que a vida reclama um preço bem elevado para quem a quer viver: «A inocência é a ignorância. Quando inocente, o homem não está ainda determinado como espírito, embora a alma mantenha uma unidade imediata com o ser natural. Nele, o espírito sonha ainda. Esta interpretação concorda plenamente com a bíblia, que, negando ao homem em estado de inocência a capacidade de discernimento entre o bem e o mal, condena todas as meritórias fantasias do catolicismo.

Neste estado, há calma e há repouso; mas há, ao mesmo tempo, outra coisa que, contudo, não é perturbação nem luta, pois nada existe contra que lutar. O que há então? Nada. Mas que efeito produz este nada? Este nada engendra a angústia. Eis o mistério profundo da inocência: ao mesmo tempo é angústia. Sonhador, o espírito projecta a sua própria realidade que é um nada, e a inocência vê continuamente de si este nada»²⁵.

Em suma, o absurdo resulta do confronto entre o Homem e o Mundo, entre o Homem e a sua circunstância, a sua capacidade de reflectir, mesmo sabendo muito pouco acerca desse processo de reflexão. Resulta, ainda, do facto de ter a noção do quanto se é incompleto, em virtude, de sabermos que estamos vivos, que descendemos de progenitores, mas não sabendo

²⁵ Kierkegaard, Soren, «O Conceito De Angústia», Editorial Presença, 1962, p. 63.

praticamente nada acerca de como chegámos até aqui e também ter a noção que somos “seres para a morte” e que a vida está perdida desde que tomamos a consciência que o nosso ciclo está a chegar ao fim e que, afinal, não somos eternos.

4.3. Da moral religiosa à moral laica

Já que chegámos até aqui, resta-nos viver. As religiões tornam-se necessárias para que haja uma moral religiosa, para que certos valores sejam criados apriori. No entanto, a moral laica tem a capacidade de efectuar o mesmo papel e pode mesmo desempenhá-lo com mais coerência. Não é necessário carregar o Homem com um fardo tão grande! Não é necessário carregar o Homem com o grande fardo do pecado e do castigo! O objectivo da vida é procurar a verdade e a felicidade! Se Deus não existe o Homem está só e, estando só, é responsável pelos seus actos. É a liberdade! Se em algo divino não se encontram explicações plausíveis como acreditam os ateus e os agnósticos, não existem legitimações que condicionem o comportamento humano, segundo a crença e a graça. Os Homens terão que deixar de se refugiar em Deus e criar leis justas que orientem a própria acção humana sem a necessidade de algo superior ou então entender por superior a racionalidade tão intrínseca à condição humana. O Homem não tem limites dentro das suas limitações, é potência e acto. É o motor que se move a si próprio. É um motor móvel. O Existencialismo é um Humanismo, pensava Sartre. Porém, no núcleo da própria Humanidade, alguns homens não permitem uma existência digna e o Homem tem o direito e o dever de ser digno. Deve ter como objectivo a verdadeira felicidade e não um falso hedonismo.

Uma disciplina ética apresenta-se-nos fundamental para um saudável questionamento e possível relacionamento humano em sociedade. Sem valores, sem questões éticas, a existência seria uma anarquia, tornando, assim, a convivência entre os Homens passível de grandes assimetrias. A ética torna-se, pois, fundamental, embora não seja possível coabitar num plano pacífico com as variadíssimas éticas. Existem dogmas, tradições, padrões culturais que, por vezes, tentam ultrapassar éticas coerentes e bem definidas. A ética torna-se essencial não apenas numa época em que os valores estão claramente em crise, mas em todas as épocas. Assiste-se, de forma gradual, a uma degradação e relativização dos valores e, por conseguinte, da dignidade humana: «A busca ética, tanto mais necessária quanto por ela cada indivíduo alcançará a expressão da sua autonomia, sinal de uma vontade racional livre, criando e

acertando valores que, em última instância, lhe facultarão o sentido mais profundo da sua realização como pessoa»²⁶.

Através de uma reflexão ética, e como forma de questionar fenómenos como a desigualdade social, injustiça, opressão e a violência, é possível melhorar a sociedade. Esta mudança começa em cada indivíduo e está ao alcance de todos. Cada um deve ser digno e exigente consigo próprio para, posteriormente, o exigir aos outros. É fundamental uma lucidez intelectual. Um pensar racional e sólido para ir colmatando com verdades esta vida de hipotéticas mentiras e valores duvidosos. Torna-se vital uma reflexão sobre a acção humana tendo sempre em conta que o Homem é um fim e não um meio. Um fim em si mesmo que visa um percurso ético saudável nesta transição entre o nascimento e a morte.

O pensar filosófico remete para um pensamento racional, numa busca constante pela verdade. A fundamentação ética é um meio, uma reflexão sobre os valores que devem orientar o indivíduo.

4.4. O que significa existir?

Existir é antes de mais viver. Porém, há que ter a noção da finitude, a noção do quão absurdo se torna viver num dia-a-dia inconsequente. Existir é agir no mundo. Traduz-se em pequenos gestos e movimentos, numa rectidão de espírito. É ter a noção de que a vida é breve e como tal, torna-se necessário tentar superar alguns dilemas. A existência nem sempre é fácil em virtude de alguns indivíduos não se reverem nalgumas sociedades com assimetrias inqualificáveis perguntemo-lo a Meursault, Clamence, Calígula e Rieux, mas sem dúvida que a sua conduta por muito ténue que possa parecer, vai influenciar o próximo. Ao decidir para si, o Homem está a decidir em relação aos outros que, por conseguinte, são uma espécie de certificação de competências. A ética da revolta torna-se fundamental. Uma revolta cultural, intelectual, económica, social e política que conduza a patamares saudáveis de diálogo e realização. Uma dimensão ética só se justifica na interacção e intersubjectividade do outro e com o outro. Vazio, absurdo e náusea que remete precisamente para a angústia. Angústia existencial, em que apenas se tem uma ideia daquilo que se é: «Mesmo este coração, que é o meu, ficar-me-á para sempre incompreensível. O fosso entre a certeza que tenho da minha

²⁶ Araújo, Luís, «Ética uma Introdução», ob.cit, p.08.

existência e o conteúdo que tento dar a essa certeza, nunca estará cheio. Serei para sempre um estranho a mim mesmo»²⁷.

Por outro lado, o que remete para a cobardia é o não acreditar nas potencialidades que cada um possui. Por motivos variados um indivíduo deixa de acreditar ser possível. Deixa de acreditar e, conseqüentemente deixa de agir. Concordamos com Sartre quando diz: «O covarde faz-se covarde». «O herói faz-se herói». De facto, o que importa e o que se pretende salientar é que o importante é cada particular ligar-se aos outros particulares formando, assim, uma totalidade. Não pretendo dizer que tenhamos de pensar todos da mesma maneira. Nada seria mais errado! É através de oposições que se chega a consensos, pois ninguém é dono do saber em absoluto. Começa a ficar demonstrado que, de facto, o Existencialismo não é uma atitude que remete para o quietismo e para a angústia. O futuro está nas mãos do Homem. Este só depende das suas acções e não está traçado à partida. Um existencialismo ético confere dignidade ao Homem, não faz dele um simples objecto, um mero número de contribuinte para ser espoliado dos seus haveres.

4.5. O existencialismo camusiano por oposição ao sartriano

O existencialismo que Camus apresenta é sem dúvida coerente. Não se encerra no divino nem numa divinização da História. Para si, existem duas falsas questões: Deus e a vida futura. O existencialismo camusiano não fica preso ao absurdo, à náusea, tédio ou à angústia. Não é estático nem refém. É movimento, partida, viagem, ultrapassagem, sem limite, revolta e acção. É a passagem de uma catalogada obscuridade para a claridade, é o permanente devir rumo à moralidade. Se o Homem não possui limites, o Existencialismo também não. A essência do Homem nada mais é que a sua personalidade, o seu carácter. A essência humana nada tem de divino. O Existencialismo não é uma simples teoria bonita, mas sim aquilo que cada Homem é na realidade, aquilo que faz de si, aquilo que fizer de si mesmo e, por conseguinte, dos outros. É o Homem introspectivo, o Homem ético-racional e estético-sentimental, o Homem que pensa e que se pensa, que questiona e que não concorda. É o Homem em simbiose com a natureza, com a vida. Desde que nasce vai entrando numa fase de construção, num processo de aprendizagem contínua que se desenrola pela vida fora. Vai elaborando um projecto a curto prazo sem saber se o vai concretizar. Porém, sente necessidade de o executar para que a vida

²⁷ Camus, Albert, «O mito de Sísifo, Ensaio sobre o absurdo», ob.cit, p. 27-28.

não seja destituída de sentido numa busca pelo conhecimento, pela verdade. Tal é o objectivo da filosofia, tal é o objectivo de um pensador estimável.

De uma maneira geral, toda a obra de Camus remete-nos para uma moral da felicidade, em que o bem e o belo caminham em concordância. O negativismo patente na vida, o absurdo do mundo e a sensação de angústia são apenas um ponto de partida que deve, tanto quanto possível, ir sendo neutralizado através de uma ética da revolta. Albert Camus é um optimista e sabe colher tudo aquilo que uma natureza benévola tem para oferecer ao Homem. Segue a linha dos moralistas mais clássicos.

Por oposição e ao analisar a obra de Sartre «A Náusea», o leitor fica com a noção dos problemas que a existência humana acarreta, através do diário íntimo de Antoine Roquentin e de outras personagens bastante singulares. Trata-se de uma obra que apresenta um existencialismo mais denso e menos solar que o existencialismo camusiano. Em Sartre, particularmente nesta obra, o clima é mais nebuloso, os dias parecem não fazer sentido e os domingos são um tédio permanente. Se nesta obra ficamos presos à angústia numa cidade da província, mas acima de tudo presos a uma náusea existencial e pessoal que se repercute nos outros, em Camus a angústia, o absurdo é apenas um ponto de partida para uma existência mais clara e com uma praxis mais dinâmica. Na obra «A Náusea», não assistimos, como nalgumas obras de Camus a um apelo à solidariedade, nem tão pouco a um grito de revolta que permita avançar.

Neste trabalho, Sartre mostra-nos um historiador, Antoine Roquentin, que chega a Bouville com o objectivo de escrever uma biografia do marquês de Rollebon que vivera na cidade no século XVIII. Um lugar pacato, sem grandes manifestações culturais e afectivas, onde o tédio e a monotonia são propícios a conduzir alguns habitantes à depressão. A sua chegada suscita uma certa aversão, não apenas em relação ao objecto do seu estudo, como também em relação à cidade e aos seus habitantes, onde uma burguesia tradicional e acrítica lhe provoca náuseas. Roquentin simboliza um protagonista introspectivo que questiona o sem sentido da existência, expondo-se no limite de uma nudez e rudeza existencial. No ambiente onde está inserido apercebe-se da ilusão da própria vida, da insensatez de um mundo sem paralelo. Uma dimensão que confunde a noção de realidade.

Para Antoine Roquentin, a existência é ilógica. Logo, fora da aceitabilidade. Perante a falta de uma verdadeira essência, resta a cada indivíduo uma procura artificial como forma de tornar a existência o mais suportável possível. O Homem vive uma ilusão, em virtude de pensar que conhece o mundo, quando na realidade conhece apenas pequenos fragmentos da vida.

Contudo, apesar de pouco conhecer, aceita a sua circunstância, um engano sadio que permita tolerar a existência, Katarse como os gregos lhe chamavam.

No final da obra, Roquentin resolve sair de Bouville. Reconhece que o absurdo reside no facto de existir, pois a existência é desprovida de uma lógica que a sustente. O tempo nada mais é que uma percepção sensitiva da mudança. Um tempo que corre devagar e ao ritmo da vida ou vidas que o acompanham nessa sua diáspora lenta e inconsequente. Esta obra de Sartre nasce de uma mente inquieta, a mente conflituosa de Sartre que viveu numa época conturbada e pródiga em contestações sociais: a II guerra mundial.

O Existencialismo de Sartre aparece fundado na maldição da existência. A sua atitude intelectual é profundamente pessimista: para ele a existência é sórdida, trágica, pegajosa, quase a roçar o obscuro da irreabilidade. Sartre é um crítico; Camus um poeta, um romancista, um sonhador.

4.6. As divergências entre Camus e Sartre

Existem divergências profundas entre Albert Camus e Sartre. Contudo, também algumas semelhanças: «Sente-se que o conceito de absurdo de Sartre se aproxima exteriormente do de Camus e que Camus recebeu dele muitas sugestões e estímulo, mas sentimos ao mesmo tempo também que a vivência do absurdo em Camus vem de outra atitude fundamental. Camus concebe de antemão o problema da liberdade, de tal maneira que a liberdade é também absurda, que eu, no fundo, só tenho a liberdade de querer a luta de Sísifo entre o absurdo e o sentido de querer este mundo absurdo com os seus limites, com a sua *frustration* sempre repetida. Portanto, no fundo eu não tenho de antemão qualquer projecto livre de existência, que Sartre postula como constituinte da existência»²⁸.

Se numa fase inicial existia uma aproximação entre os filósofos, esta iria acabar em separação e num violento antagonismo. «O Homem Revoltado» foi o culminar de uma animosidade intelectual que proporcionou ásperas críticas por parte de Sartre. Desde 1945, Camus tinha manifestado, de maneira mais firme, a sua oposição em relação ao comunismo. Por seu lado, Sartre, até então muito crítico para com o Estalinismo, aproximava-se, agora, do comunismo. Era partidário do «engagement» e bastante flexível quanto à situação que se desenrolava na Europa de Leste. A URSS era, para si, um Estado de referência para o povo trabalhador. União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, também designada por Eurásia.

²⁸ Id., «O Mito de Sísifo, Ensaio sobre o absurdo», ob.cit, p. 182-183.

Trata-se de um Estado fundado em 1922, de enormes proporções que ocupou um vasto território desde a Europa até à Ásia. Era constituído regularmente por quinze repúblicas, sendo a principal a Rússia. Esta união como país dissolveu-se em 1991 impulsionada por Gorbatchev, através da chamada Perestroika e com a queda do muro de Berlim, dando lugar, de forma transitória, à CEI. Comunidade de Estados Independentes a que se seguiria, mais tarde, a separação das repúblicas. A experiência socialista/comunista foi teoricamente um marco na história universal. Porém, nem tudo resultou como esperado. Pretendia-se um país igualitário, mas, de facto, nunca o conseguiu ser verdadeiramente. Existia o povo e os políticos, os Soviete Supremos. Existiam assimetrias fracturantes entre classes. Esta “dita” igualdade foi conseguida através de purgas e depurações, através dos célebres *Gulags*.

No ano de 1936, o regime liderado por José Estaline, que sucedeu a Lenine não só expulsou, como executou um elevado número de elementos do seu partido. Devido ao facto de nem todos concordarem com os seus ideais. Através de uma grande máquina propagandística exemplarmente montada e de várias purgas e depurações, Estaline conseguiu não apenas convencer os membros do seu partido como, também, o povo em geral, a seguir o seu ideal político. Ambos acreditavam que este seria o caminho para o comunismo, para uma sociedade exemplar e colectivista.

Ao nível económico, a indústria foi nacionalizada e a burguesia perseguida e neutralizada. Os Kolkhozy constituíram a base do sistema de colectivização da agricultura, após a revolução de Outubro. Este sistema consistia na associação de pequenos agricultores que foram obrigados a cultivar a terra em comum. Por outro lado, os Sovkhozes foram grandes propriedades agrícolas que foram expropriadas e passaram a ser directamente exploradas pelo Estado, através de assalariados que as cultivavam, numa espécie de cooperativas. No campo político, funcionava claramente como uma ditadura. No domínio social e dos direitos e liberdades, a autonomia e a liberdade de movimentos era bastante reduzida: qualquer elemento que pretendesse deslocar-se a um país estrangeiro teria de possuir um visto e ser acompanhado por elementos do KGB, a polícia política do Estado. As populações não eram livres de possuir bens materiais sem a supervisão do Estado.

A experiência socialista demonstrou que, quando metade da população não concorda com o regime e descobre que não necessita de trabalhar, em virtude de outra metade o fazer, e quando esta metade entende que não vale a pena o esforço porque a outra metade não se esforça pelo bem comum e pelo regime, estamos perante o início do fim de uma nação. Os que não se esforçam pelos mais variados motivos, gozam dos benefícios conseguidos pelos outros.

Os outros, devido ao facto de se esforçarem e de se aperceberem de que não são devidamente recompensados pelo seu esforço e pela vontade de vencer, deixam de acreditar. É muito difícil multiplicar a riqueza adquirida justamente e licitamente por alguns, dividindo-a pelos restantes. Não obstante, não se deve confundir Estado Social, onde todos descontam para um bem comum, com o socialismo/comunismo soviético. Albert Camus não concordava, certamente, com tais pressupostos. Mais importante que evocar datas ou factos históricos, fazer análises políticas e prognósticos, é importante reflectir nos meios para se conseguirem os objectivos finais. Nesse campo, a Sibéria poderá ter uma história bastante pródiga: Camus «Em 1952, coloca uma pergunta candente, decisiva: em nome de quê se poderá tolerar que a União Soviética coloque milhões de cidadãos em campos de concentração a não ser por a União Soviética surgir como o único e singular instrumento de realização da história do absoluto? Sartre aceita a pergunta, mas responde que está *tão* preocupado com a realidade concentracionária como com a utilização dessa realidade pela sociedade burguesa. Por outro lado, entre o nazismo e o estalinismo, Sartre vê uma diferença, não de facto mas de intenção, que é considerável. O mundo não se mexeu»²⁹.

Camus mostrava-se renitente quanto aos pressupostos de tal sistema político e àquilo a que este poderia conduzir, ou seja, não pactuava com um socialismo concentracionário. Também não concordava com o capitalismo e liberalismo ocidental, na medida em que ambos os blocos contribuíam para a despersonalização do Homem. Sartre por sua vez, não concordava apenas com o que se passava no Ocidente. A polémica surge um pouco com a ideia de que a filosofia de Camus pairava entre a crítica e a falta de soluções. Outro motivo de divergência foi a constatação de que a referida obra possuía pouco conteúdo filosófico. Contudo, apresenta-nos factos históricos relevantes em relação ao desenrolar dos movimentos revolucionários entre o século XIX e XX, nomeadamente na Rússia.

Camus não aceita o facto de Sartre se ter socorrido da história de forma relativista e dogmática para justificar o seu conceito de revolução. Por sua vez, Sartre insiste na ideia de que Camus sentiu necessidade de se instalar numa posição moralista e humanista de pequeno burguês. Um idealista fútil que não sujava as mãos.

Para Camus, a constatação do absurdo é o início e não o fim. Restringia o absurdo ao confronto entre o Homem e o Mundo, entre os homens, enquanto Sartre era mais generalista. Tal assunto fica demonstrado na obra «O Mito de Sísifo». Em Sartre, nomeadamente na sua obra «A Náusea», Antoine Roquentin é assaltado por um mundo de horrores e fealdade. Um

²⁹ Daniel, Jean, «Com Camus como aprender a resistir», Temas e Debates, Círculo de Leitores, 1ª edição 2009, p.121.

“sem sentido” intragável. Em Camus o conceito de absurdo remete para a liberdade, enquanto em Sartre remete para a sujeição, para a aceitação e o convívio com o inevitável.

Para Sartre o Homem é aquilo que ainda não é, um permanente inventar-se. Projecta-se e transcende-se através do movimento de liberdade. O sujeito é liberdade. Somos livres para nos libertarmos. Por outro lado somos uma tentativa de libertação. Consciência intencional, projecto existencial. A realidade surge como aquilo que ainda não é. Somos livres, não podemos deixar de ser livres. Se abdicarmos da responsabilidade, abdicamos do nosso ser. No entanto, por vezes Sartre apresenta-se-nos com uma postura incoerente, pois faz a apologia da liberdade, mas na obra «A Náusea» constata-se a sujeição.

4.7. O que têm em comum?

Camus e Sartre surgem-nos sempre associados, devido ao facto de partilharem o Existencialismo, embora existam diferenças claras entre ambos em relação ao significado de tal conceito. Citam-se inclusivamente as suas obras de referência: «O Mito de Sísifo» e «O Ser e o Nada». Ambos foram amigos durante muito tempo. Defenderam, por diversas vezes, as mesmas causas. Albert Camus colaborava na revista «Tempos Modernos», Sartre colaborava com alguns artigos no jornal «Combate». Todavia, o comunismo não demorou muito tempo a dividi-los.

O que têm em comum? Ambos partilham a ideia de que Deus está fora da História, a noção do horror da condição humana; a noção do desespero e da angústia utilizando a liberdade como forma de desprendimento, o mesmo interesse em fugir à anarquia através de uma política e de uma ética fora do contexto burguês da época, a desconfiança nietzschiana em relação ao absoluto e à ideia de Deus, o apelo à solidariedade como valor fundamental para uma vivência numa sociedade mais fraterna, a mesma aversão em relação ao nazismo, o ateísmo, o absurdo camusiano *versus* o abandono sartriano. Ambos possuem uma ética humanista, todavia Sartre criticou Camus por este necessitar de um Deus para o culpar pelo sofrimento da humanidade. Mas, não terá Sartre feito o mesmo ao retirar a essência do Homem em detrimento da existência? Creio que Sartre, ao afirmar que a existência precede a essência, está, em certa medida, a criticar (também) a transcendência. Porquê? Porque para Sartre, o Homem não é um Ser determinado por qualquer entidade divina. Após a morte é que se pode analisar a essência de determinado homem, ou seja, o que a sua existência, os seus actos suscitaram no decorrer da vida. Uma permanente refutação em relação a uma figura divina (Deus) fez com que ficassem mais próximos dessa figura quanto desejariam. De facto, quanto mais se investiga e se estuda o

conteúdo de determinado conceito, mais nos aproximamos dele, quer seja para refutar, quer para concordar.

4.8. Conclusão.

Chegamos à conclusão que mesmo na essência do existencialismo ateu existem divergências de fundo, tal como no seio do existencialismo cristão. Contudo, parece-nos inequívoco que praticamente todos os autores existencialistas necessitaram e necessitam de um ponto de partida comum: Deus, para se manifestarem contra ou a favor de qualquer pressuposto metafísico.

Ao contrário de Kierkegaard, Camus nunca aceitou o patamar religioso, pois seria dar um salto vertical para a irracionalidade. O grande problema já não se coloca se Deus de facto existe ou não; penso que há já muito tempo ficou provado que não existe prova possível. A questão fundamental é provar que o Homem não está condicionado por um qualquer Deus, mas está condicionado pelo seu semelhante.

Para Pascal, o homem é algo sobre o qual a filosofia deve reflectir. Na actualidade, o Homem atingiu patamares de racionalidade e conhecimento sem precedentes. No entanto, continua tão bárbaro e, por vezes tão irracional como há muitos séculos atrás. Aliás, na actualidade, o Homem prima tal como no século XX, por requintes de crueldade e lucidez que se tornam num exemplo claro que o racionalismo, quando usado para o mal e levado às últimas consequências, é verdadeiramente problemático e dramático.

Na sua obra «A Peste», Camus coloca uma questão que embora sendo diferente depressa se assemelha à frase de Pascal: Quantas pestes serão necessárias para que os Homens se juntem rumo a um futuro renovado, fraterno, de esperança e de solidariedade? Quantas guerras serão necessárias para que o Homem compreenda que não passa de um ser incompreensível numa época em que o individualismo, o relativismo e o egocentrismo são valores tidos como praticamente universalizáveis? Seriam necessárias inúmeras pestes e toda a dor que as acompanha. Todavia, o absurdo da existência tende a dissolver-se e nunca a destruir-se através da solidariedade, apenas a dissolver-se, porque o bacilo da peste nunca morre. Esconde-se em qualquer sítio. Sítios, por vezes, difíceis de imaginar. Todavia, está lá, à espera que condições propícias o façam florescer. A solidariedade ajuda a combater a crise, as inúmeras crises: «É o apelo à solidariedade humana que brota daquelas páginas, é a afirmação decisiva de que o ser humano fundamenta o seu valor absoluto como pessoa, naquela

solidariedade, é a recusa da indiferença perante os acontecimentos humanos, é, numa palavra, o altruísmo»³⁰.

A obra «A Peste» retrata uma epidemia de peste em Orão. Na cidade, os homens vivem e morrem ao tentar combatê-la. Existem três personagens que se destacam no seio desta crónica: O Dr. Rieux, médico de profissão e existencialista por vocação, Tarrou, que apesar de aceitar no passado a legitimação do assassinato, resolve doravante não pactuar com tudo o que possa legitimar a morte, Rambert, jornalista de profissão e estrangeiro na cidade, tudo faz para fugir do seio dos pestiferados e partir para junto da mulher que ama fora da cidade. Porém, quando reflecte e se apercebe que «pode haver vergonha em ser feliz sozinho», resolve ajudar a combater a peste e os seus ratos. Neste trabalho é retratado o sofrimento do exílio, tal como o sofrimento nos campos de concentração, o horror da morte e da tortura, mas também o esforço de solidariedade e de amizade que une os Homens.

Esta obra demonstra que, quando o Homem quiser, pode unir-se deixando para trás as suas diferenças e interesses dando um passo em frente rumo a patamares de liberdade e contra a opressão. Este trabalho ilustra o facto de que os Homens unidos podem lutar contra o flagelo, o sofrimento, a agonia, a morte e o absurdo. Nesta obra magnífica fica demonstrado que, pondo de parte o individualismo rumo a uma vontade comum, os indivíduos podem reter, mesmo que momentaneamente as múltiplas pestes. A revolta constitui a solidariedade! «Longe da revolta solitária que «L' Étranger» salientava, encontramos agora, em «La Peste», todas as facetas que dão corpo e sentido à solidariedade entre os seres humanos, evidenciada no romance como luta de uma comunidade contra a infelicidade, a tragédia e o mal. A mesma continuidade poderá assinalar-se no trânsito do «Mythe de Sysiphe» para «L' Homme Révolté», bem como no teatro, de «Caligule» para «Les Justes». Há uma evolução no pensamento de Camus, mas não há contradição de perspectivas – o combate pela verdade e pela justiça permanece decisivo em direcção à fraternidade»³¹.

Camus nunca se assumiu como existencialista, mas, de facto o seu pensamento deixa transparecer uma obra de cariz filosófico-existencialista. Dizer-se existencialista é ter a noção daquilo que a existência acarreta. Possuir a noção do humano em toda a sua totalidade e Albert tinha essa perfeita noção. Foram vários os autores que o influenciaram: Kierkegaard, Schopenhauer, Nietzsche, entre outros (Sartre). Já muito foi abordado acerca do pensamento destes autores e muito se deve a eles nesta matéria. Porém, o Existencialismo não se esgota em autores do passado, tal como também não se esgota nalgumas existências e Camus percebeu

³⁰ Araújo, Luís, «Albert Camus Trinta Anos Depois», ob.cit, p. 08.

³¹ Idem, ibidem, p. 08.

isso muito bem! Existir é viver, criar, partilhar. É passar do Absurdo do Mundo para a Solidariedade Humana. A existência esgotar-se-á apenas quando o Homem se esgotar. Não termina no divino, nem tão pouco numa divinização da História. Se para uns autores se pauta pela fealdade e pelo obscurantismo, para outros identifica-se com o Sol, com a Areia, com as Pedras, com tudo o que uma Natureza benévola pode oferecer, não esquecendo, no entanto, que debaixo de um Sol quente, radioso e reconfortante, existe muita miséria e promiscuidade. Existe, para muitos, um Inverno permanente.

5. Da Revolta Metafísica ao Concreto

Camus fazia parte de um núcleo de autores que se pautou pelo ateísmo. Porém, não coloco de parte o princípio de que poderia ter alguma simpatia pela doutrina de Cristo, se por cristianismo se entender a pessoa de Jesus Cristo, mas sem ressurreição. Provavelmente, para Camus, a sua religião seria mais uma irreligião. As suas obras não apresentam grandes referências que possam conduzir o leitor a acreditar num Albert Camus religioso. Contudo, nomeadamente na obra «A Peste», a religião faz-se ouvir através do padre Paneloux. Todavia, parece não se fazer acreditar, dado a vida ser demasiado injusta. Estou convicto que Camus acreditava plenamente no Homem e na capacidade que este possui para operar as mudanças num mundo onde Deus deixou a criação à sua sorte. A religião, para Albert Camus, era coisa de “velhas solteiras” e “viúvas”. Um jovem ama a vida, o mar, a praia, as mulheres, vive com intensidade não esperando ser recompensado num além que desconhece. O além para Camus é viagem e descoberta numa vida ampla e terrena: «A educação cristã de Albert Camus não poderia ser favorecida pelo seu meio; foi contrariada por uma avó tirânica que considerava tempo perdido o tempo passado na catequese. Um mal entendido com o padre encarregado de ensinar fez o resto. Acrescentemos, ainda, o mutismo dos seus pelas questões que os não interessavam. De resto, nada podia atrair o jovem amante do desporto, depois do teatro, isto é, da vida em toda a sua pujança, para uma religião que, apesar das suas aparências pagãs nos países mediterrânicos, opunha primeiro o Céu à Terra, para os reunir, depois, na ressurreição»³².

Albert Camus não acreditava num Deus dos católicos, pois questionava o facto de algo perfeito ter criado enorme imperfeição, de algo espiritual e imaterial ter conseguido criar materialidade. Um Deus que deixou a criação à sua sorte. Ele que presenciou uma Europa em guerra e sofrimento, uma igreja institucionalizada que conduziu uma doutrina à politização, à opulência e ao descrédito na qual Martinho Lutero foi, à sua maneira e no seio da religião, um expoente da revolta, do rompimento, da necessidade de mudança de paradigma. Acreditar quando se nasce na miséria? Deve ser difícil! Se Albert Camus acreditasse em algo penso que estaria mais à vontade no seio dos deuses gregos em detrimento do Deus dos católicos. Porquê? Porque os deuses gregos viviam em comunhão com o Homem.

³² Ribeiro, Hélder, «Do Absurdo à Solidariedade», ob.cit, p. 96.

Todavia, torna-se interessante verificar que mesmo ao refutar-se o conceito ou a ideia de Deus estamos a aproximar-nos dele. Parece antagónico, mas não creio que o seja. Quanto mais se estuda e investiga a questão metafísica mais nos envolvemos com Deus, concordando ou discordando. Para refutar ou para concordar torna-se fundamental argumentar. Só se argumenta com conhecimento de causa e para conhecer é fundamental investigar. Ao inquirir estamos a desvelar o objecto de estudo.

Albert Camus teve a percepção de que a Igreja ao longo dos séculos, foi-se desviando dos seus desígnios. Não acredita que o nosso mundo possua uma figura divina. Numa análise aos seus trabalhos não existe a percepção de algo divino ou tido por superior. Se existe uma ordem no mundo ou um sentido, é o Homem. Esse opera as transformações, a mudança. Como se pode acreditar numa igreja que, ao longo da sua história, está ligada aos mais variados crimes? Afinal quem desenvolveu os instrumentos de tortura? Quem foi a Inquisição? As cruzadas? Albert Camus tinha a sensatez de compreender que o Homem, ao seguir cegamente a História e a religião poderia tornar-se pouco lúcido, pois tanto uma como outra são pródigas em maus exemplos. Talvez por isso apostasse numa moral laica, onde os Homens, em comunhão poderiam diminuir o esforço de guerra e sofrimento: «A atitude do alto clero durante a ocupação, a sua distância do povo, a discrição do Vaticano perante os extractores nazis, e a bênção que a igreja de Espanha generosamente dispensa aos fuziladores franquistas, nunca deixaram de o indignar. Segundo ele, foi a igreja que criou todas as peças da Inquisição, modelo das polícias terroristas, e foram os albigenses, apesar do seu terrível furor de pureza, que foram selvaticamente perseguidos e massacrados»³³.

Camus nasceu pobre, não cristão. Nasceu sob um Sol radioso que tudo ilumina, numa natureza benigna. Cheiro a mar, a terra, a carne e a sangue. Cheiro a flores e a absinto. Descobriu-se perante uma beleza mediterrânica de cores e de sabores. Edifícios rústicos com vasos às varandas: sardinheiras, eras, cravos e rosas.

O seu ensaio filosófico propriamente dito: «O Mito de Sísifo» trata do problema da legitimidade do suicídio. Para ele é a primeira questão filosófica a ser tratada, demonstrando um certo desprendimento de um patamar metafísico. «Só há um problema filosófico verdadeiramente sério: é o suicídio. Julgar se a vida merece ou não ser vivida, é responder a uma questão fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois. São apenas jogos; primeiro é necessário responder. E, é verdade, tal como Nietzsche o quer, que um filósofo, para ser estimável, deve dar o

³³ Idem, ibidem, p. 99.

exemplo, avalia-se a importância desta resposta, visto que ela vai preceder o gesto definitivo. São evidências sensíveis ao coração, mas é preciso aprofundá-las para as tornar claras ao espírito»³⁴.

Suicidar-se é fugir às responsabilidades inerentes à vida. Deixar-se derrotar pelo absurdo, pelo mundo, refugiar-se num sem sentido que é Deus e a morte. O suicídio, segundo Camus, nunca foi tratado do ponto de vista individual, mas sempre do ponto de vista social. Contudo, é através de um esforço quotidiano, lúcido e hercúleo que o Homem pode desafiar a sua liberdade e dignidade rumo à revolta em relação a um mundo sem respostas, a um mundo com o qual alguns não se identificam, onde é preciso imaginar Sísifo feliz, rumo à clarividência nesta vida toldada e obscura no querer, no ter, nos valores. Perante a falta de respostas, alguns homens refugiam-se no absoluto. No entanto, não seria essa a posição de Camus pois: «...A verdadeira coragem é viver, assumindo, apesar de tudo, a dignidade presente nos caminhos sem fronteira da existência, que estamos condenados a percorrer. O absurdo não nega a felicidade, retira-lhe sim um sentido teleológico»³⁵.

O mundo é belo, mas também se torna absurdo, devido ao facto de ser incompreensível e inatingível. Momentâneo e fugaz. Perante tal falta de respostas ou se recorre a uma figura transcendente ou terão os homens que deixar de se refugiar em Deus e criar leis justas, concepções de vida dignas que orientem a própria acção humana sem a necessidade de algo superior, ou então, entender por superior a racionalidade tão intrínseca à condição humana. O Homem é uma tentativa de libertação, uma consciência intencional, um projecto existencial que está em permanente realização, numa permanente afirmação. Não é um reflexo da História, se por reflexo se entender algo involuntário e fugaz. O Homem possui um histórico, a sua história e, por conseguinte a dos outros. Ao abdicar da sua responsabilidade, está a abdicar da sua liberdade. O Homem contemporâneo pretende uma coisa e o contrário da mesma. Camus não opta pelo suicídio, mas por uma constante revolta ética rumo a uma condenação à morte instituída a todos os homens: «Em princípio, um homem para quem o mundo se encontra despojado de significado, um exílio sem amanhã e sem salvação, melhor escolha não teria que abreviar por suas mãos o fim inevitável, abrindo violentamente as portas para o precipício do nada!»³⁶.

Camus começa por descrever a condição absurda do mundo. Parte do princípio que a vida é construída sobre um amanhã, um projecto de vida que inevitavelmente conduzirá à

³⁴ Camus, Albert, «O Mito de Sísifo, Ensaio sobre o absurdo», ob.cit, p. 13.

³⁵ Malho, Levi António Duarte, «Albert Camus – Filósofo?» ob.cit, p. 07.

³⁶ Idem, ibidem, p.06-07.

morte. Facilmente chega à conclusão que o mundo é um lugar estranho e desumano, já que a sua infância é um reflexo de uma vida pobre e destituída de significado. Um mundo desumano, devido ao facto de o próprio Homem ser um estranho em relação a si mesmo e aos outros. Estranho, em virtude de nada conhecer acerca da essência do mundo, pois o verdadeiro conhecimento é impossível de ser explicado mesmo pela racionalidade científica. Todavia, em última análise nada é explicado, pois o mundo não é passível de explicação, tornando-se uma frustração. Tenta demonstrar-se algum conhecimento através de experiências, exemplos, metáforas. No entanto, não é o mundo que é absurdo. O absurdo surge quando o Homem se confronta com a irracionalidade do mesmo: «Tudo o que se pode dizer é que esse mundo não é razoável em si mesmo. Mas o que é absurdo é o confronto desse irracionalismo e desse desejo desvairado de clareza, cujo apelo ressoa no mais profundo do homem»³⁷.

A filosofia tentou, e tenta encontrar as respostas, mas apenas consegue explicar com satisfação algumas perguntas. Daí Camus considerar o facto de alguns filósofos terem cometido um verdadeiro suicídio filosófico ao dar um salto irracional para o patamar religioso. Kierkegaard é disso um exemplo: «Nos seus últimos *diários*, Kierkegaard mostra ainda Deus como aquele que, com a crueldade mais refinada, leva o homem ao mais amargo tédio da vida para depois poder ouvir o seu glorificador «todavia»! A cruel vivência do Cristianismo da sua infância, ao qual ele se tinha «rendido», tornou-se também a vivência dos seus últimos anos. Mas – e é isto que CAMUS lhe censura – ele extrai esperanças até da própria morte»³⁸.

Para Camus, o absurdo é apenas um início e nunca o fim. O absurdo como ponto de partida dá lugar à revolta. Se por um lado significa reconhecer a contradição entre o desejo de conhecimento da razão humana e de um mundo sem respostas, essa contradição deve ser vivida de acordo com os seus limites. A racionalidade, a empiria e a noção da limitação devem ser reconhecidos como um limite a uma acção puramente racional: «No plano da inteligência, posso pois dizer que o absurdo não está no homem (se tal metáfora pudesse ter um sentido) nem no mundo, mas na sua presença comum. É, de momento, o único elo que os une»³⁹. No entanto, o absurdo nunca deve ser aceite de bom grado, pois exige uma constante mutação. Embora a questão da liberdade humana no sentido metafísico se torne à partida destituída de interesse, o Homem absurdo ganha liberdade no sentido concreto. Não é arreigado pela esperança de eternidade, mas sim de dignidade e de solidariedade entre humanos em sociedade.

³⁷ Camus, Albert, «O Mito de Sísifo, Ensaio sobre o absurdo», ob.cit, p.29.

³⁸ Idem, ibidem, p. 160-161.

³⁹ Idem, ibidem, P. 37.

Abraçar o absurdo implica abraçar tudo de insensato que o mundo tem para oferecer. Sem um sentido na vida, não existe uma escala de valores universalizáveis. O absurdo que, por vezes, é viver reflecte-se na personagem de Sísifo, o qual carrega o peso de uma existência infeliz, condenado a carregar um imenso rochedo até ao cume de um monte, com todo o esforço físico e psicológico que tal função acarreta, tendo a noção que quando a mesma chegar ao topo irá precisamente deslocar-se até ao ponto inicial, sempre num movimento perpétuo, repetitivo e gasto. Num amanhã sem futuro! No entanto, sofre, mas não desiste, dado que a vida vale a pena ser vivida mesmo que não existam respostas para todas as questões prementes. O desafio permanente da vida é um esforço de coragem, tendo a noção da fragilidade humana numa permanente revolta em relação ao absurdo do mundo, o vazio que existe por detrás do cosmos. Essa “náusea” consiste na confrontação da debilidade humana, nessa pequenez e impotência face à morte. Caminho por vezes adiado, mas que faz parte desse inevitável trajecto. Todavia, enquanto Ser para a vida o Homem deve pautar-se por uma construção constante, como *homo moralis*. Basta para isso construir uma ética bem definida que se pautar pelos valores tidos como universalizáveis: responsabilidade, seriedade, tolerância, alteridade, compreensão, verdade, autenticidade, conhecimento e pelo esclarecimento, ou seja, pela perfeição dentro desta imperfeição que caracteriza o humano: «Camus recusará explicitamente o suicídio, apontando que a verdadeira resposta é a constante revolta, porque aqui não se faz apelo a qualquer transcendência que, aliás mais não seria do que um intento de evasão; portanto, respeita-se o absurdo, ao mesmo tempo que não se elimina a consciência, como no suicídio. A consciência revela-se como o único bem do ser humano, já que por ela pode opor-se à irracionalidade do mundo e da vida. A revolta é, assim, uma atitude de fidelidade à consciência, atitude lúcida, corajosa e desesperançada porque não há apelo possível. É, também, verdadeira liberdade – a consciência liberta-se do mundo ao qual se opõe – e paixão de viver, embora uma experiência inexoravelmente amarga»⁴⁰.

5.1. O que significa o conceito de Absurdo?

Para Camus, o absurdo é o confronto entre o Homem e o mundo. Não está num, nem noutro. Apenas no divórcio entre ambos não esquecendo que também é aproximação. Porém, Camus aborda não apenas o absurdo entre os homens e o mundo, mas também o absurdo dos homens entre si em relação à sociedade, como resultado do absurdo existencial. O termo

⁴⁰ Araújo, Luís, «Albert Camus Trinta Anos Depois», ob.cit, p. 05.

absurdo não é consensual. Para uns significa som, para outros designa surdo: «O Mito de Sísifo» apresenta-nos a noção do absurdo. «L' Étranger» transporta-nos para o clima do absurdo com o Homem revoltado com os padrões sociais. «L' ET» inspira-nos o sentimento desse mesmo absurdo.

O absurdo reside no facto de o Homem não saber na realidade quem é. De onde veio e para onde vai. Catalogado e etiquetado possui apenas uma noção espaço-temporal da sua existência. Mesmo o tempo é uma referência que nos permite ter uma percepção sensível da mudança. O espaço é algo em que nos movimentamos e interagimos com tudo o que nos rodeia. Porém, em última instância, o que sabemos nós, se nem sequer temos conhecimento de como a aventura na Terra começou? Onde começa e acaba o universo? Sabemos muito pouco! Contudo, já que vivemos, e esta seria a convicção de Albert Camus, apraz-se muito importante levar uma vida com o menor índice de sofrimento possível. A vida é tão curta que não justifica determinados actos a que com enorme regularidade se assiste no quotidiano. Embora sem conhecer a essência do mundo, não percamos muito tempo a tentar perceber o mesmo. Preocupemo-nos fundamentalmente com os homens. Optemos por compreender a vida e todos os que fazem parte dela. Obviamente, somos diferentes, embora semelhantes, logo subjectivos. Que as diferenças sirvam mais para unir e descobrir do que para rejeitar e odiar. Para colmatar essa falta de conhecimento estudam-se estratégias e inventam-se distrações que permitam uma vida menos absurda. A religião, a ciência, a arte e outras formas de manifestação são invenções que funcionam como um movimento de Katarse. Uma espécie de alienação momentânea e, nalguns casos, saudável em que o Homem esquece por momentos as condicionantes da existência.

Quantas quedas terão de ser dadas para que um qualquer homem, os homens se tornem juízes, mas também penitentes e com isso aprendam a ser sérios? Perguntemos a Meursault, Rieux, e Jean Baptiste Clamence! Perguntemos ainda a Marta e sua mãe! O querer, o tentar conseguir e possuir não deve ser conquistado por qualquer meio! Certos fins não deveriam ser obtidos através de certos meios. Albert Camus concordaria certamente com tais pressupostos. Ele que se pautou por uma vida de dificuldades, adversidades, de resistência. Mas, acima de tudo, de responsabilidade! É fundamental resistir, dizer não e, se necessário, romper com o estabelecido, para que novos paradigmas floresçam. Revoltamo-nos, logo existimos.

6. Do Concreto rumo à Dignidade Humana

«Ao longo de toda a minha vida, o meu pensamento foi ocupado por um problema que se põe a todos: o sentido da vida e da morte. É, no fundo, a única questão com a qual se defronta o animal pensante desde a sua origem; o animal pensante é o único que enterra os seus mortos. O único que pensa na morte, que *pensa* a sua morte. E para iluminar a sua vida nas trevas, para se adaptar à morte, esse animal tão bem adaptado à vida tem apenas duas luzes: uma chama-se *religião*, a outra *ciência*»⁴¹. Para Albert Camus, a outra luz chama-se revolta, pois, ao contrário, daquilo que afirma Jean Guitton, Camus acredita no corpo nascido das ondas do mar e do molde da areia da praia.

A transição entre a vida e a morte processa-se enquadrada num *timing*. O tempo é a percepção que cada indivíduo possui da mudança. Movimento permanente entre o que está a decorrer e o que virá a seguir. Sequência de segundos, minutos e horas, dia, noite, claridade e sombra. O tempo em si não existe, o Homem é que aplicou uma medida à sua movimentação. A sua medição depende da marca e do preço do relógio. O tempo é o que ainda não está, o que não é passível de ser cronometrado, mas, por outro lado, aquilo que se pode medir como forma de o tentar ultrapassar. A vida, a nossa vida é uma luta permanente contra o tempo. Desejo de o vencer e ultrapassar. Todavia, ninguém o ultrapassa. O que se pode vencer é um *determinado* tempo. Cada um possui o seu tempo.

Não pedimos para nascer. Somos “seres lançados”. O primeiro choro é o primeiro grito de revolta, por termos sido expulsos do ventre materno sem pedirmos. Já que cá estamos, aceitamos ou não o projecto de vida. Ao aceitarmos a vida, estamos a assumir a responsabilidade pelo que, de facto, tal escolha acarreta. Todavia, não chegámos ainda ao limite, pois resta-nos o Homem. Porém, mesmo dentro dos limites do humano existem vários traços que os fazem divergir entre si. O seu pensamento não é normativo, não é standard, não está aferido. Cada um pensa por si, consoante as suas motivações e perspectivas, pois o pensamento é subjectivo. Contudo, apresenta-se-nos fundamental aprender a viver com as diferenças. Através de um processo reflexivo, devemos, ou não, tentar compreender as perspectivas dos outros para que possamos convergir e chegar a patamares de entendimento.

⁴¹ Guitton, Jean, Bogdanov, Grichka, Bogdanov, Igor, «Deus e a Ciência», ob.cit, p.16.

Processo dialéctico e negocial. A diversidade, a distribuição do homem pelo planeta, o clima, o relevo, a tradição, a educação e a cultura tratam de nos tornar diferentes.

Ao acreditarmos apenas nos homens, ou melhor, ao acreditarmos cegamente nalguns homens, corremos o risco de nos revermos num novo tipo de deuses, num excesso de subordinação civil, moral e intelectual baseada em sistemas doutrinários e abstractos. Então, o que nos resta nesta vida? Nesta vida em que, racionalmente e empiricamente, actuamos no quotidiano. Mas quando reflectimos em profundidade apercebemo-nos desse enorme dilema, dessa falta de respostas acerca do que tudo isto representa? Somos seres incompletos! No entanto, já que cá estamos, e nunca deixando de ter em mente a perspectiva Camusiana, torna-se fundamental uma moral da revolta. Laica quanto baste. Existencial quanto nos satisfaça.

Dado o facto de o Homem viver em comunidade onde existem, por vezes, fortes e muito vincadas tradições, onde, ao longo dos séculos, na Europa Ocidental, mais concretamente a partir do gregos, se valorizou não apenas a racionalidade, como o culto dos deuses e uma forte conotação com a História, existe, de facto, uma forte propensão para o Homem escolher entre Deus ou a História. Posteriormente, a criação de abstracções e sistemas filosóficos abstractos, doutrinas e referências que nos delimitam, ou não, no conteúdo de ambos os conceitos. São estes os dois grandes marcos do indivíduo que crê ou que pensa. Porém, nem tudo remete por esse caminho. O Homem tem mais possibilidades de escolha sem por isso se demitir das suas responsabilidades em sociedade; assim pensava Camus. O Homem pode escolher a natureza, o céu, as árvores, a terra, pois nem todos os homens são dignos de fazer parte da História, quando esta é símbolo de reducionismo.

Pode-se escolher o consumismo, a alienação, a anarquia, como formas de fugir do absurdo do mundo. Contudo, em Camus surgia a moral. Uma moral laica que se prende à natureza e à vida, se por natureza também entendermos o Homem em toda a sua extensão. Albert Camus entendia o Homem como parte integrante da natureza. O sol não mente, a terra não engana, a água, apesar de inodora, incolor e fria, não se esconde. A verdadeira História, para Albert Camus, é a do indivíduo que vive em comunhão com a Natureza e consigo próprio, numa busca de esperança e de felicidade que deverá ser transmitida aos outros pela solidariedade. Podemos dizer que Camus é uma visão contemporânea dos filósofos pré-socráticos: Tales de Mileto, Anaximenes e Anaximandro.

O seu tempo foi um tempo difícil a todos os níveis, uma época de exageros, de ideologias exacerbadas. Nessa época, afinal como em praticamente todas as épocas, os Homens foram meras silhuetas, meras sombras de si próprios. Nunca a racionalidade tinha sido levada

aos limites da irracionalidade. Nunca uma lógica tinha ido tão longe. Camus desconfiava dos filósofos e da influência que exerciam na História, principalmente os filósofos de doutrinas hegelianas e marxistas. O hegelianismo e o marxismo foram para Camus dois erros históricos que influenciaram negativamente a história contemporânea na Europa Ocidental. Quanto a Nietzsche, foi decisivamente mal compreendido. A vontade de Poder, o conceito de Super-homem e o seu Anti-cristo foram certamente mal interpretados. Foi o Cristianismo que afastou o Homem deste mundo, com a promessa de um outro mais fraterno. Ao afastá-lo desta vida tornou-o irresponsável, pois responsabilizá-lo ou recompensá-lo seria noutra dimensão. Esta vida seria apenas uma breve passagem para a vida eterna. Esta vida foi desde sempre uma vida pouco terna. A própria igreja como instituição foi-se tornando, também, irresponsável, na medida em que deveria estar do lado do ser humano e não dos regimes.

É sobretudo na sua obra «O Homem Revoltado» que poderemos encontrar as suas referências a nível político. Uma crítica ao hegelianismo, ao marxismo, às contradições dialécticas em relação ao fim da História. Uma crítica ao estalinismo onde os campos de concentração estavam ao serviço do Estado, tal como na Alemanha hitleriana, pois nem todos os alemães eram nazis. Porém, o ocidente também não estava ilibado de preciosismos exagerados.

Albert Camus criticou o excesso e o rigor da ciência e da técnica, principalmente quando utilizada para provocar a morte. Possuía a noção de que o início da era nuclear viria condicionar a vida na Terra. O desastre em Chernobyl veio confirmar tal cenário, dado que o acidente num dos seus reactores veio através da radioactividade condicionar a vida em certas regiões da Ucrânia e da Bielorrússia durante centenas de anos. Por outro lado a industrialização e a necessidade de produzir em excesso condicionariam profissionalmente os trabalhadores, alterando de forma drástica o clima e a extinção de espécies *sencientes*. Na actualidade, o desemprego e a substituição do Homem pela máquina é um exemplo. As preocupações de Albert Camus são as nossas preocupações: «Acontece que os cenários desabam. Os gestos de levantar, o carro - eléctrico, quatro horas de escritório ou de fábrica, refeição, carro - eléctrico, quatro horas de trabalho, refeição, sono e segunda-feira, terça, quarta, quinta, sexta e sábado no mesmo ritmo, esta estrada segue-se com facilidade a maior parte do tempo. Só um dia o «porquê» se levanta, e tudo recomeça nessa lassidão tingida de espanto. «Começa», isto é importante. A lassidão está no fim dos actos de uma vida maquinal, mas inaugura, ao mesmo tempo, o movimento da consciência»⁴².

⁴² Camus, Albert, «O Mito de Sísifo, Ensaio sobre o Absurdo», ob.cit, p. 22.

Para Camus, a solução contra as injustiças humanas deveria passar pelo próprio Homem. Através de um processo educacional e cultural, cabe ao Homem encontrar condições que permitam uma fundamentação dos valores e uma vida mais enriquecida moralmente.

Existe um aspecto fundamental em relação à forma como cada indivíduo se insere na vida e posterior colaboração na sua transformação. O meio privilegiado para um processo evolutivo passa fundamentalmente por um processo educativo. Uma permanente aprendizagem num processo sempre inacabado. Valores desafiados, reavaliados e sempre ousados por quase todos aqueles que ousam permanentemente desafiar a vida e o mundo na sua totalidade. Os que colocam sempre um simples: Porquê? Alguns para quem um “não” não se afirma como suficiente, por isso desafiam constantemente regimes e oposições. São estes que fazem cair máscaras e destroem pressupostos. Exploram e desafiam tudo aquilo que ficou a descoberto na essência do problema, existindo, na verdade, um grande problema: o facto de novos seres surgirem no mundo através do nascimento e tudo o que isso representa: novas perspectivas de vida, novos valores. Por fazerem parte de um mundo onde nem sempre são bem recebidos são, por vezes, vítimas de todo o tipo de coacções. Falo das crianças. Falo dos jovens do presente e dos homens de um amanhã que se pretende fraterno e humano na sua totalidade. Daqueles para quem uma determinada educação faz toda a diferença. A diferença entre o bem e o mal, em sociedades alienadas da sua verdadeira essência: uma salutar convivência entre os homens. A antítese entre pessoas com sentimentos e simples imagens. Afinal, são estes os “estranhos” que connosco se cruzam nestas imponderabilidades da existência. Seres a quem alguns regimes não deixaram ser crianças. Tantos outros que ficaram para sempre crianças em virtude de não terem desenvolvido as respectivas competências.

É na auto-estrada do conhecimento e após a passagem por diversas portagens, que os gestores de um amanhã se vão refinando no campo do saber, estabelecendo a passagem de um ensino generalizado para outro cada vez mais especializado. O que anteriormente satisfazia a curiosidade perante o mundo e a novidade em relação à vida, mais tarde e através de uma maior e constante especialização, vai servir de inserção no mundo, através de uma actividade profissional. O nascimento é, de facto, um factor determinante para a continuidade do mundo. Para preservar o mundo da mortalidade dos seus habitantes e do que isso implica, é necessário restabelecê-lo de forma permanente. O problema é saber como educar de forma a que essa recolocação possa ser possível. Colmatar, não se baseia apenas no nascimento. Acima de tudo é um processo lento e gradual de inserção e de proximidade.

A educação é um dos pilares fundamentais de qualquer sociedade que tenha como aspiração o permanente desenvolvimento educacional e cultural, pois o Homem só se desenvolve de forma permanente e conseguida em sociedades onde a educação e a cultura sejam conceitos não apenas ideais, mas sobretudo materiais, reais. Conceitos sérios e sólidos.

Será sempre numa plataforma salutar de entendimento, mas também com divergências e pontos de vista diferentes que o indivíduo moderno e actualizado se define e se projecta em sociedades futuras mais exigentes, mais absorventes, onde cada vez mais e face a uma imensidão de informação e participação, o mais difícil é seleccionar a mais correcta, útil, isenta e fundamental matéria de esclarecimento. No entanto, do passado surgem constantes exemplos que em nada dignificaram, nem dignificam, um processo cultural sério e dinâmico. Platão, já na Antiguidade, prontamente se apercebeu do quanto as sociedades são imperfeitas. Por vezes, imperfeitas demais. Cedo se confrontou com uma adulteração dos valores esgrimidos pelos sofistas e de imediato apresentou uma obra com a envergadura da «República». Porém, mesmo os idealistas não o são sempre plenamente, pois para se começar de novo não é imperativo, não se torna fundamental, eliminar os mais velhos ou os que não comungam dos mesmos credos ou que não partilham as mesmas ideias, como aconteceu, em meados do século XX, nos regimes ditatoriais tão bem conhecidos, não só na Europa, como na América Latina e em grande parte dos países africanos. Na Europa, a forma como a educação foi sendo substantivada levou a nacionalismos exacerbados e conduziu a duas impiedosas guerras mundiais. Os novos, como lhes chamavam os gregos, são as novas peças de uma máquina velha, que, por conseguinte, fazem funcionar toda a engrenagem. Seria mais fácil, sem dúvida, inutilizar a máquina velha e gastar e começar a funcionar com uma nova, mas é a que temos, tal como o mundo em que vivemos. É com este que temos de viver tentando modificá-lo para melhor. Os novos, por imperativo, por uma ordem que nos transcende, vêm substituir os velhos num mundo já muito gasto e que, indubitavelmente se torna imperioso substituir. Não será pela força desmedida e gratuita, nem tão pouco pela anarquia ou ainda pela relativização dos valores. Será sempre através da responsabilidade, liberdade, justiça e autonomia da vontade. A justiça é um dos pilares fundamentais de qualquer país.

Obviamente, nunca existiram sociedades perfeitas, nem tão pouco se pode aspirar a tal desígnio, em virtude da tão característica imperfeição humana. Todavia, penso ser legítimo que sociedades onde conceitos como a educação, a cultura, a saúde e a justiça sejam fundamentais para uma educação alicerçada em valores de verdade. O mundo está numa constante transformação, num permanente devir onde as acções humanas se reflectem no futuro. O

Homem define-se na acção, num futuro cíclico e permanente. É neste mundo velho e gasto que os novos vão surgir. Surgem numa vida já corrompida, mas que também a eles compete limpar. Um mundo sombrio e obscuro que a eles compete clarear. Uma das tarefas consiste em operar a mudança, pois quando o Homem quer, pode. Quando pode e quer, normalmente consegue. A História assim o confirma. Contudo, não se apresenta como tarefa fácil. É um empreendimento difícil em virtude de os interesses dos jovens colidirem com os valores já instaurados e institucionalizados pelos outros que com eles coabitam, um mundo, por vezes, pejado de injustiças, criando consequentemente divergências entre gerações.

Em sociedades conservadoras, normalmente nos países latinos do Sul, as tradições apresentam um carácter muito vincado e não é fácil coabitar com os valores criados e estipulados, remetendo os jovens para um plano secundário, quando efectivamente compete aos jovens, com sólida e saudável formação, darem o seu contributo para que as sociedades se tornem mais humanizantes e humanizadas. Existe uma obra de Antero Quental, de grande interesse sobre esta matéria «A Queda dos povos peninsulares».

A educação tem sido colocada em causa de forma vincada. Algumas sociedades actuais são disso um exemplo. Substituiu-se a aprendizagem propriamente dita pela arte de viver. A esperteza, a ratonice, o aproveitamento da pessoa de outrem como forma de atingir determinados objectivos, desde sempre se pautaram por uma forma de vida para alguns. Através da política foi retirada autoridade aos pais, aos professores e às instituições. É importante dizê-lo! Aqueles que deveriam servir como garantia apolítica para a inserção dos jovens gradualmente no mundo real, onde os homens, em harmonia com a sua circunstância deveriam operar uma mudança progressiva assente em rupturas, mas também em consensos, limitaram-se, de uma forma gradual e política, a diminuir essa responsabilidade. De facto, a autoridade, ao longo da História, foi sendo substituída por autoritarismos e, mais recentemente, por anarquismos e facilitismos, diminuindo-se o grau de exigência nalgumas matérias tidas como fundamentais para o bom funcionamento de qualquer sociedade. Aqueles que anteriormente coagiam são, na actualidade, coagidos com uma certa impunidade e autorização (por vezes encapotada) por quem devia criar estruturas para que tal não devesse acontecer: o Estado, os governos, afinal todos nós. No entanto, as questões económicas influenciaram e influenciam decisivamente a educação e a cultura. Se alguns políticos não possuem o mínimo de qualidade e exigência para o cargo que desempenham, como poderão deliberar no sentido de aumentar a qualidade nos vários sectores de actividade?

Se o mundo privado, a família servem como refúgio estrutural para educar e proteger os jovens de um mundo público e austero, tal tem vindo a manifestar-se deteriorado ao longo de décadas. A família tem vindo a perder predominância como meio de coesão e acima de tudo como elemento educativo, não só através de experiências e ensinamentos, como numa continuidade e abertura para o mundo público. Por outro lado, é o mundo público que permite a acção no concreto e no quotidiano. A escola desempenha essa função intermediária entre a esfera privada e a pública.

A forma como a educação é veiculada interfere num futuro a curto, médio e longo prazo. Aquilo que for ministrado aos jovens de hoje irá influenciar as sociedades futuras. Penso ser claro e minimamente unânime que a escola tem como função ensinar às crianças o que é o mundo e não estimular e iniciá-las na “hipócrita” arte de saber viver. Torna-se fundamental uma inserção num mundo e numa vida que a todos pertence. Compete às instituições escolares através dos vários processos de exigência, dotar os indivíduos de uma aprendizagem global rumo a uma aprendizagem mais específica e especializada. Os jovens passarão de uma vida responsável para uma mesma vida de responsabilidades. Um ser livre é um ser que tem a noção do que a sua liberdade representa e o que ela acarreta para si e para futuros descendentes num núcleo familiar que se pretende sólido e dinâmico em oposição e complementaridade a um mundo público visível a todos e certificador de competências e incompetências.

É de manifesta importância ter a noção da diferença, unicidade e subjectividade de cada indivíduo. Não pretendendo uniformizar em demasia aquilo que não é passível de uniformização, ou seja, respeitar os diversos pontos de vista em relação a determinada matéria, pois as diferenças servem para discutir e descobrir.

A relação com o outro deve passar pela amizade e num contexto mais específico, pelo amor, pela experiência de diálogo, pela consciência dos limites, como forma de não se interferir na liberdade dos outros e, por conseguinte, na sua democracia. Passa ainda por uma precariedade temporal, na medida em que o que separa o nascimento da morte é uma fronteira tão ténue, tão breve, que não justifica determinados actos a que, não raras vezes, assistimos e se assistiu ao longo dos séculos, nomeadamente no século XX. A seriedade, a honra, a tolerância, a ideia de justiça devem fazer parte integrante dos princípios dos Homens. Não sejamos como as personagens da peça de teatro de Albert Camus «O Mal Entendido». Com esta obra, Albert Camus pretendeu demonstrar até que ponto o ser humano é perverso, como certos meios são utilizados com a maior displicência e frieza tendo em vista objectivos finais bem definidos: «Depois de muitos anos, esta é a primeira manhã em que respiro. Nunca uma morte me custou

tão pouco. Tenho a impressão de que já ouço o som do mar e há em mim uma tal alegria que a minha vontade é gritar!»⁴³, de como um indivíduo é capaz de executar uma das maiores atrocidades, das quais destaco o assassinio, como forma de se apoderarem ilicitamente dos haveres de outrem para, com esses mesmos bens ostentarem uma vida digna de mar e de sol. Nunca será uma vida de céu azul, nem tão pouco de areia quente. Muito menos de águas cálidas e sem fim. Nunca algo adquirido ilicitamente se pode tornar lícito. Todavia, se tal pode ser possível através de mecanismos jurídicos e processuais, do ponto de vista moral nunca tal será lícito. Já Sócrates pelo tinteiro e pela pena de Platão o afirmava!

Esta peça surge por volta de 1945, no entanto, é uma peça de teatro perfeitamente actual. Uma qualquer telenovela o demonstra na actualidade. Aliás, penso que nunca foi tão actual como nestes tempos conturbados em que hoje vivemos, onde os valores estão profundamente anarquizados, relativizados e individualizados. Nunca a verdade foi tão relativizada! Camus tinha a perfeita noção da fragilidade humana. Sim, ele que nasceu na pobreza material e intelectual. Sabia que a racionalidade, a lógica e os idealismos conduziam a patamares de hostilidade vergonhosos e cruéis. A racionalidade e a falta de emoções levadas aos limites são extremamente perigosas.

Porém, a mãe de João notava qualquer coisa de familiar naquele hóspede. Ela sentia uma certa proximidade de carne e de sangue, de temperamento e de afecto, de terra e de flores. Talvez aquela afinidade de quem transportou um ser no seu ventre materno e que após tantos anos de ausência continua dentro de si: «Estava a pensar neste homem. Ou antes, a pensar em mim»⁴⁴.

Camus consegue, de forma subtil, suscitar, elevar e fazer perdurar o poder das emoções, dos sentimentos. Existem traços, tons de voz, frases, que em lugares incertos e inesperados, se nos tornam familiares. Como conseguiria Marta ser feliz longe desse seu lugar sem sol e horizontes? Não conseguiria! Consigo transportaria sempre os seus fantasmas!

Cada homem segue o seu caminho. Desde tempos imemoriais que tal acontece. Alguns, por prazer ou por necessidade de uma vida mais digna, tornam-se para sempre nómadas. Contudo, sempre com a esperança de regressar ao ventre de quem o viu nascer. Esse é precisamente talvez o único lugar que, de facto, conhece.

Após uma ausência de vinte anos, a personagem principal, João, regressa à estalagem da mãe e irmã na Boémia. Por curiosidade, decide esconder a sua identidade até ao dia seguinte, contrariando a vontade da sua esposa, Maria. Durante a noite, mãe e irmã, como habitualmente

⁴³ Camus, Albert, «Calígula seguido de O Equívoco», Edição Livros do Brasil, Lisboa, S/D), p. 261.

⁴⁴ Idem, ibidem, p. 219.

faziam a viajantes desconhecidos e ricos, adormecem-no e, posteriormente, matam-no para roubar os seus haveres, atirando em seguida o seu corpo à ribeira.

Com esta atitude, a mãe e a filha demonstram, até onde pode conduzir uma ambição desmedida. Até onde pode conduzir o perverso desprezo pela vida humana quando o objectivo é o dinheiro. Ao saberem que mataram o filho e irmão, respectivamente, através da esposa de João, ambas optam pelo suicídio. Contudo, neste caso concreto, jamais uma morte pode servir como moeda de troca por outra vida. Uma morte não pode restituir uma vida!

Camus demonstra, também, nesta obra uma Europa assolada pela guerra e pela miséria, e uma vontade de regressar à Argélia e fugir do exílio: «Já se me esgotou a paciência para esta Europa onde o Outono tem o aspecto da primavera, e a primavera cheira a miséria. Mas imagino com prazer esse país onde o Verão tudo destrói; onde as chuvas afogam as cidades; onde, enfim, as coisas são o que são»⁴⁵.

Curiosa esta constatação de que as mulheres descritas nas suas obras são pessoas ausentes, como é o caso da esposa do Dr. Rieux na obra «A Peste», ou então austeras, o que nos remete para a peça «O Mal Entendido», bem como para as vivências do autor, nomeadamente no que diz respeito à mãe e à avó. Uma aproximação de sua mãe e de sua avó, uma silenciosa e distante, outra agressiva e autoritária.

⁴⁵ Idem, ibidem, p. 235.

7. A Sua Filosofia

A Filosofia de Albert Camus é uma combinação de vários pressupostos, de vários elementos, onde o pensamento se une à experiência da vida. De um vulto que desde cedo se apercebeu do inevitável confronto entre o Homem, a miséria, o exílio, a vida e o mundo, dado o meio em que nasceu e a família de onde surgiu, precocemente foi confrontado com questões existenciais. Dizia Aristóteles que «para pensar filosofia o Homem tinha necessariamente de suprimir as suas necessidades básicas», pois quem tem fome não se preocupa se a existência precede a essência ou o seu contrário. Quem tem fome tem de se alimentar; encontrar mecanismos que permitam saciar essa falta. Em Camus o cenário é precisamente esse, mas com uma diferença, pois será através dessas dificuldades que começará a construir a sua filosofia. O Existencialismo brota da necessidade de compreender o modo de ser do Homem no mundo, o porquê da miséria, da degradação moral e material. Existem várias filosofias, várias correntes filosóficas. A de Camus seria uma filosofia de vida e para a vida. De um homem concreto para os homens em concreto. Não raras vezes são as experiências concretas e diárias que servem de suporte ou de impulso para a concepção de uma determinada fundamentação. Dizia que não aprendeu a liberdade em Marx, mas na miséria. Que não era cristão, pois tinha nascido num meio desfavorecido o que demonstra um paralelo entre o vivido e o pensado. A filosofia, para Camus, não deveria ser um mero jogo de palavras que não levam a lado algum ou conduzem a sistemas bonitos, mas abstractos e impraticáveis. A filosofia deve ou deveria ter como função alertar e abrir consciências. Deveria contribuir para um olhar lúcido e sem preconceitos para com o que se passa nas sociedades.

Em Albert Camus, a filosofia combina os elementos naturais com a extensão humana. É abstracta quanto baste, mas, acima de tudo, lúcida, concreta e sem preconceitos. Usa uma linguagem simples e sem artifícios. A literatura, o ensaio e o teatro são os meios de difusão. Usa a forma e a força da narrativa, usa personagens, o que nos pode remeter para uma visão dialéctica e estética da vida e do mundo. A sua obra é toda uma fundamentação ética, preocupava-se com a moral e os valores. Pensava com imagens, ideias e palavras. Não se prende em questões metafísicas que raramente levam a lado algum. É ruptura e começar de novo; presente e acção. Começa no absurdo passando pela revolta, mas com medida. Há autores que dividem o seu pensamento em três fases: O Absurdo, a Revolta e a Medida.

O Absurdo é o pecado sem Deus, o que não tem explicação ou ainda não é passível de explicação, onde o Homem é um exilado, um estrangeiro. Consiste num confronto entre a

vontade de saber e a falta de respostas por parte de um mundo que não se compreende. Perante essa falta de compreensão racional ou se acredita em algo superior como explicação possível ou usa-se a História como explicação e clarificação. Todavia, a História não será um conjunto de hipotéticas mentiras? Um conjunto imenso de barbáries e conquistas? Sei o meu nome, a idade, onde vivo, o nome que deram ao meu lugar. Sei o que é a vida, na medida em que a vou desafiando. Mas quanto ao mundo em si mesmo, permanece um mistério. Um certo pragmatismo permite a actuação do Homem fazendo-o esquecer outras questões, que para o senso comum nem sequer são passíveis de análise. O Homem sente-se impotente e confuso perante esta falta de respostas. Sente-se incompleto, uma lacuna jamais preenchida, um vazio imenso que fractura. Essa falta de complementaridade pode ser desafiada não através de uma resposta científica directa, mas através do constante desafio que é viver. Através de um mecanismo de revolta individual, o Homem vai desafiando aquilo que é passível de ser desafiado, a vida. Não uma vida a qualquer preço, mas uma vida digna e de tolerância.

O Homem existe, vive, cria mecanismos que tornam a vida humana possível e solidária. Um processo de revolta individual que permite dizer sim à vida em comunhão e solidariedade. Pensaria Camus: «Já que aqui estamos, por que não tentar viver com o mínimo de sofrimento?» Seguindo o seu raciocínio, tentar encontrar patamares de diálogo que permitam uma vivência mais digna e fraterna. Não sem guerras, pois tal é impensável, mas tentar diminuir esses mesmos mecanismos. Resistir; resistir sempre! Todavia, não se pode confundir revolta individual com revolução. Um conceito pode conduzir a outro e aos riscos que tal acarreta. As revoluções ou atitudes revolucionárias podem conduzir a injustiças. Daí ser fundamental agir com medida. Sem ...ismos, nem ...istas. Nem extremismos, nem extremistas.

A filosofia para Albert Camus surge na vida, parte num movimento vertical rumo ao abstracto, mas regressa rapidamente à Terra, pois esta é o palco ou cenário onde os homens actuam. Um palco onde todos os actores são principais, onde cada um deve sair de si próprio e abrir-se à vida e aos outros para, posteriormente, regressar.

Existem perguntas para as quais não existem respostas. Camus sabia-o muito bem. Afinal quem não sabe? O cerne da questão não se prende apenas com a irracionalidade do mundo. O problema agudiza-se quando o Homem, sedento de saber, se confronta com essa absurdidade, essa falta de respostas, esse confronto irresolúvel. Camus não achava esse confronto assim tão irresolúvel, em virtude de o Homem ter várias opções para contornar esse obstáculo. Uma delas seria o suicídio, com o qual não concordava. Outro seria o refúgio num Deus, o Deus dos cristãos. Contudo, o sofrimento humano é deveras ilustrador de algo que

deixou a sua criação à sua sorte. Camus nasceu no seio da miséria, assistiu a uma constante degradação humana em nome de ideologias pelo que não seria um idealista, nem tão pouco um cristão católico. A Humanidade sofre, a Igreja politizou-se e enriqueceu esquecendo-se por vezes de quem nada tem.

Não concordava com a divinização da História. Uma História que, ao longo dos tempos se pautou pelo excesso da razão, por enormes assimetrias entre ricos e pobres, entre honestos e desonestos. Como pensaria Camus, Deus nunca castigou os malvados, nunca ajudou os necessitados. Viajou pelos escombros de cidades destruídas em nome de um amanhã ideológico. Uma moral laica? Sim! Porém, ...cuidado! Poder-se-á o Homem tornar um Deus devido à forte concentração de poder? Sim, a História já o demonstrou! Hitler, Mussolini, Tito, Franco, Kroutchev, Salazar e contemporaneamente Robert Mugabe, Kim Jong-il, Obiang, entre outros!

Então que saída? Qual o caminho para encurtar o sofrimento humano, essa despersonalização em que o Homem se foi transformando? A revolta! Revolta perante uma vida não pedida. Partindo do absurdo rumo à revolta, contra as injustiças humanas! Mas, não se pode confundir revolta com revolução ou revolucionário! As revoltas individuais levadas ao colectivo podem dar lugar às revoluções e às injustiças que daí poderão decorrer, ao niilismo que poderá daí advir, como ficou demonstrado na obra «O Homem Revoltado». Quanto à democracia, se não for constantemente debatida e analisada pode resultar, com a maior facilidade, em anarquia. Democracia e anarquia permanecem sempre lado a lado à espera que uma dê lugar à outra. Ao invés, uma democracia mal consolidada pode proporcionar os mecanismos necessários à tirania.

Para Camus, a Democracia era o regime menos mau. Ao abordarmos a questão da democracia, somos, de imediato, remetidos para Atenas, para um regime democrático surgido com Péricles, por volta do século V a.C. Um regime plural, ainda incipiente, mas que serviu de base para um empreendimento ousado: pensar e construir as futuras democracias na Europa ocidental. Embora limitada, existem dois aspectos muito importantes que convém referir acerca desta democracia clássica: a rotatividade e a participação. Todavia, não deixa de ser curioso, neste contexto democrático, o aparecimento dos primeiros sofistas: Cléon, Górgias e Hípias, entre outros. Estes tinham uma capacidade invulgar para perverter a democracia e manipular a vontade do *Demos*. Todos os séculos, todas as eras possuem os seus Górgias, Hípias, entre outros. Todas as épocas possuem os seus demagogos.

Com a modernidade surge o conceito de democracia liberal, em que o individualismo, o elitismo e um ecletismo, por parte de determinadas classes, rompem com as formas mais clássicas de participação. Os cidadãos que inicialmente se reviam nalguns representantes políticos depressa deixaram de acreditar nessas Oligarquias. Depressa se aperceberam que eram, não só constantemente enganados, como repatriados de uma intervenção justa, séria e dinâmica.

As classes desfavorecidas permanecem, ao longo dos séculos numa clara obscuridade cultural, educacional, intelectual e social. Quem não sabe não participa, não possui meios, nem conhecimentos para o fazer. Quem se sente remetido para a promiscuidade, tem vergonha. Quem tem fome, não tem emprego e muito menos dignidade, não pensa na política, revolta-se com os políticos.

O Estado providência, quando manipulado de forma inconveniente, retira capacidade de mobilização das massas à acção colectiva na construção democrática. A burocracia foi criada para criar uma complexidade, de tal ordem e em tal dimensão, que as tomadas de decisão passaram a ser decididas pelos eleitos, pelos que se dedicam exclusivamente a manietar este círculo. O controlo dos governados é exercido através do excesso de burocracia, pelas instituições, pelos governantes. Esta questão torna-se pertinente na actualidade, dado que esta é o resultado de acções passadas.

Uma das formas de liberdade é poder dizer: sim ou não, optar, assumir e responsabilizar-se, ser livre para fazer prevalecer os direitos constitucionais, acreditar nas leis que tornam o Homem efectivamente livre, num regime democrático que se pretende dinâmico, criativo, e acima de tudo, participativo e justo. Quando o Homem quer pode. A democracia combate-se com mais e melhor democracia. Com leis e valores universalizáveis. Governo do povo e para o povo. Um povo informado e educado que, na altura de decidir, tenha a consciência da dimensão do seu acto. O Homem vai-se construindo aos poucos. É um processo cultural, pois só assim se define. Não pode delegar eternamente nos outros as decisões e a intervenção. Cada um de nós, ao agir correctamente no quotidiano, e, provavelmente, sem dar grande relevo, ou seja, agindo de forma humilde, mas consciente, está a contribuir para um mundo bem melhor: «Todo o pensamento de Camus aspirou à construção de uma moral existencial, cujo fundamento se encontra naquele último capítulo de «L' Homme Révolté», intitulado «la pensée de Midi». Dir-se-ia que toda a sabedoria de Camus está contida nas perspectivas deste «pensée solaire» que vamos considerar para melhor considerar a ética da revolta que nos é proposta com inegável seriedade. À partida a revolta define uma atitude de

renúncia à violência; de contrário, seria admissível a revolução que, já vimos, acaba por instaurar um conflito entre justiça e liberdade. Surge a necessidade de estabelecer limites e isto significa não absolutizar a história, já que esta negligência a natureza humana que só a revolta revela, porque sugere – di-lo Camus – uma natureza comum dos homens. Ora, esta será a medida a opor à desmesura revolucionária»⁴⁶.

Se Albert Camus não acredita no divino nem numa divinização da História, qual o caminho a percorrer? A revolta, mas uma revolta sustentada por valores éticos que conduzam à moral. A revolta como legitimação da moral que não acabe numa tentação de absoluto. A união das recusas individuais pode conduzir a uma revolução, mas para Camus essa revolução não se deveria confundir com as revoluções levadas a cabo ao longo da História. Estas construíram os seus alicerces sobre o sangue derramado, sobre a efectivação de doutrinas e sistemas. Tal fica demonstrado na obra «O Homem Revoltado». Todavia, se tal revolta conduzisse à revolução, esta pautar-se-ia ao nível do pensamento moral e político. Camus preferiria, sem dúvida, a força das palavras em detrimento da força das armas. Revolta é construção, criação: «Através da noção de solidariedade, a revolta acaba por gerar a revolução, como união das recusas individuais. Mas, para além das suas virtudes, esta tem também os seus perigos, acabando o autor por lhe descobrir uma tentação de absoluto. A partir do momento em que a revolução, em nome dos princípios defendidos, cai num absolutismo histórico, entregando-se à criação dum clima de terror, para garantir uma felicidade e liberdade futuras e hipotéticas, está a pisar um limite que não deve ser ultrapassado»⁴⁷.

Resistir é dizer não! Percorrer caminhos infindáveis rumo a um futuro melhor. Subir bem alto para ver e devolver o que não interessa saber. Se o amanhã for diferente, tanto melhor! Para Camus ser Homem é o presente e o permanente. A sua filosofia pautou-se por uma ética, uma permanente procura e reflexão sobre os valores que devem percorrer as veredas, os rios, as praias onde o Homem se define com a matéria e com a vida. O pensamento ético em Camus é tudo aquilo que a chuva limpou: «A mensagem que nos deixou Albert Camus traduz-se, por conseguinte num apelo a uma infatigável integridade moral, onde a coragem e a bondade, com a revolta permanente, darão seguramente sentido ao combate em prol da honra na vida. Existe, para Camus, uma indeclinável opção para se atingir a máxima dignidade na conduta da vida – o afã da verdade e a paixão pela Justiça e pela Liberdade»⁴⁸.

⁴⁶ Araújo, Luís, «Albert Camus Trinta Anos Depois», ob.cit, p.09-10.

⁴⁷ Malho, Levi António Duarte, «Albert Camus – Filósofo?», ob.cit, p. 09-10.

⁴⁸ Araújo, Luís, «Albert Camus Trinta Anos Depois», ob.cit, p. 11.

Este trabalho assume uma particular incidência num autor que se pautou por uma reflexão séria e ponderada sobre a existência, partindo da irracionalidade do mundo e dirigindo-se à revolta como forma de cada um se tentar superar e, com isso, tentar um projecto de vida digno aumentável e sustentável. Um existencialismo em que a angústia e o absurdo são um princípio e nunca o fim, ao contrário daquilo que perfilhavam alguns filósofos existencialistas. Embora nunca se tenha assumido como existencialista, pelo menos publicamente, toda a sua obra assim demonstra, esse pensamento de cariz filosófico. Sim, Camus filósofo e existencialista, mas sem sistemas nem idealismos. Feito de rupturas. Sem hegelianismo, nem marxismo. Nietzsche sim, mas com limites. Intelectual que pensava não apenas por ideias, mas também por palavras. Foi mais longe no campo da ética que alguns pensadores que constantemente se definiram como filósofos: Sartre, por exemplo! Camus foi coerente com a sua escrita! «Do mesmo modo, se tivesse mostrado aquela mistura de aspereza e de complacência que se encontra na carreira literária, se tivesse mesmo exagerado a minha ostentação, como tantos outros, teria recolhido mais simpatias porque, enfim, teria jogado o jogo. Mas que fazer? Este jogo não me diverte»⁴⁹.

O seu pensamento materializado numa vasta obra de elevada qualidade vem de certa forma convergir com uma série de questões que não sendo novas, apresentam-se como um pertinente desafio na actualidade. Questões que se colocam àqueles para quem o encontro com a realidade não se deve esconder sob o manto da hipocrisia. Afinal uma forma de vida bastante em voga nas sociedades actuais, onde a aparência se apresenta diametralmente oposta à essência. Muitos vivem assim! Sociedades globais e hiper competitivas onde o Homem, sendo fundamental, parece não ter lugar. Penso ser pertinente, tal como Camus fez, tentar perceber qual o lugar do Homem na actualidade e na sua actualidade. Torna-se fundamental repensar o Homem em sociedades onde as disciplinas técnicas são tidas como fundamentais em detrimento das disciplinas sociais e humanas.

Fica expresso na sua peça teatral com o título «Calígula» que, quando tais pressupostos se efectivam baseados em sistemas ou ideologias, resultam em totalitarismos como tão bem se conheceu no século XX. A verdade não deverá jamais dar lugar ao impossível, à busca do impossível, pois os impérios caem e com eles a repetida hipocrisia criminosa.

Calígula foi um imperador romano que viveu exilado dentro do seu próprio império e na sua própria vida. Calígula ou Caio César governou entre 16 de Março de 37 até 24 de Janeiro de 41, altura em que foi assassinado pela Guarda Pretoriana. Tinha 29 anos. A sua alcunha

⁴⁹ Camus, Albert, «O Averso e o Direito, seguido de Discurso da Suécia», ob.cit, p. 17.

significa “Botinhas” em português. Ficou conhecido como um imperador extravagante e cruel. Um vulto tão singular e demente que ordenou às suas tropas que fossem apanhar conchas num lago tido como sagrado, ao invés de atacarem as tribos da Britânia. Um vulto tão excêntrico, tão peculiar que chegou a manter relações incestuosas com a sua irmã Drusilla. Sem recuar tanto no tempo, depressa identificamos inúmeras personagens similares no século XX. Por incrível que possa parecer, em pleno século XXI estas ainda existem, para desgraça dos seus concidadãos.

Calígula será a racionalidade ou a demência levada ao extremo? Um empirista? Um racionalista? Uma ideologia? Um materialista? Um sistema? É a busca do impossível, a ambição desmedida pela eternidade, mesmo que isso envolva mortes incontáveis. Um homem que quer viver na verdade, num mundo aberto à mentira e à traição. Alguém que busca o impossível, em virtude de tudo aquilo que o rodeia já não saciar a sua vontade, pois quando se ocupa determinada posição institucional e se usufrui de praticamente tudo, só ao impossível se pode almejar. É um imperador sensível e racional. Empírico, mas acima de tudo irracional. Queria a Lua, mas não conseguiu ser original!

Diante do cadáver de Drusilla, sua irmã e amante, (o que demonstra desde já uma completa falta de pudor), Calígula chega à seguinte conclusão: «Os homens morrem e não são felizes». Dado ser o governante de um dos maiores impérios conhecidos e farto de se arrastar na mentira, decidiu obrigar os Homens a viver na verdade. Porém, a procura da verdade não pode arrostar em si os mais hediondos crimes. Todavia, Calígula remete para a figura de um Homem absurdo, cujos caprichos podem conduzir a purgas e depurações. Um exilado na sua própria vida. Calígula pode ser um ditador do século XX ou um demagogo e vendedor de sonhos do século XXI, num qualquer país, de um qualquer continente.

Empreenderei, com Albert Camus, uma procura ética e estética sobre os poucos valores universalizáveis que ainda fazem parte do «Animal Subjectivo» que é o Homem, socorrendo-me, sem dúvida, de um autor intemporal que encerra em si uma obra que continua a ser um sinal dos tempos. Tempos de crise estes em que nos encontramos! Camus fez da sua vida e da sua escrita, por vezes de forma implícita, um novo paradigma ético contra as alvitantes injustiças que, desde sempre, foram constitutivas da intolerante barbárie humana. Assim, encontramos na sua obra personagens que, como Sísifo, carregaram o peso de uma existência infeliz. É o caso de Sísifo que foi condenado a carregar um imenso rochedo até ao cume de um monte, com todo o esforço físico e psicológico que tal função acarreta, tendo a noção que quando a mesma chegasse ao topo iria precisamente deslocar-se até ao ponto de partida, sempre

num movimento repetitivo, perpétuo e gasto. No entanto, nada que se apresente como novo, pois o Homem carrega sempre consigo o peso da dúvida. Contudo, torna-se importante imaginar Sísifo feliz. Este ser intrigante e intrigado carrega consigo os seus rochedos. Rochedos que são pequenos pedaços, breves inconsistências que o perturbam, restos de actos infames que o perseguem, resquícios de vidas breves e inconsequentes, pequenas como as suas mentes. Mentos que sujam, e que em nada dignificam a sua própria espécie: «Somos todos casos excepcionais. Todos queremos apelar de qualquer coisa! Cada qual exige ser inocente, a todo o custo, mesmo que para isso seja preciso inculpar o género humano e o céu»⁵⁰.

Fará sentido pensar Camus, na actualidade? Sem dúvida! Camus é um autor sempre fundamental e actual. Fundamental em virtude do legado ético e estético que nos deixou. Sim, estético, se por estética entendermos sentimento e emoções e não apenas a arte pela arte. Estética como educação e construção do indivíduo, expressão de sentimentos. Actual em virtude das sucessivas crises que o Homem enfrenta e enfrentará enquanto existir, mas também devido ao facto do projecto humano na sua essência estar permanentemente em causa. Ser Homem é uma tentativa. Os Homens são várias tentativas. Exemplos falhados ou não rumo a um projecto existencial de profunda comunhão e desenvolvimento sustentado e sustentável. O Homem não é algo deslocado da natureza, este pelo contrário, em comunhão profunda com ela é uma continuidade da natureza em toda a sua extensão. Ser Homem é um misto de várias figuras de estilo, referências: surge como uma metáfora, torna-se uma analogia e caminha rumo a uma hipérbole. No século XX, no século de Camus, o Homem foi sem dúvida um exagero! O século XX foi o século do medo. O século XXI, o da ilusão!

Se perguntasse a Albert Camus se a sua riqueza espiritual foi difícil de alcançar, penso que responderia: Sim! Nasci na miséria! Sim! Na justa medida em que vi o Homem sofrer, em virtude de me aperceber até onde pode levar consigo tremenda dor! Até onde as lógicas, os sistemas e as ideologias podem conduzir a Humanidade! Foram necessárias duas guerras mundiais no século XX, para que os infelizes tivessem a percepção de como a humanidade é, por vezes, hostil, de como o Homem se confina a pouco mais que nada. Será que o Homem nunca aprende? O Homem nasce bom, a sociedade torna-o mau, corrompendo-o diz (Rousseau). Parece que foram necessários, vários massacres ao longo de uma História divinizada, para que o Homem tivesse a fria noção de como é um predador da sua própria espécie, um predador sem presa, um rosto sem passado e, também, de como deixou de ser presa, para se tornar uma simples cobaia. De facto, alguns homens tornaram-se demasiado

⁵⁰ Camus, Albert, «A Queda», Editora Livros do Brasil, Lisboa, 2007, p. 64.

fáceis, outros demasiado corrompidos na sua essência. Ser presa significa lutar em favor da liberdade, fugir da tirania, da opressão, do não querer pactuar e, em última instância; da morte. Ser cobaia de algo ou de alguém, apenas carece de um preço. Se para Kant um Homem não tinha preço porque tinha dignidade, para alguns homens a sua dignidade é tão pouco virtuosa que não tem preço. Na actualidade, nesta primeira década do século XXI praticamente tudo se tornou impuro e corrupto!

Invocar Camus neste trabalho é ter a noção da responsabilidade que tal cenário acarreta (e um homem só é livre se tiver a noção da sua responsabilidade), é conviver com um vulto cuja vida e obra impulsionaram a uma luta constante, uma revolta permanente, como forma de se criar um mundo constantemente renovado e melhorado: «Se chegarmos a construir os Estados Unidos da Europa, tereis diante de vós um homem feliz. Mas quanto aos Estados Unidos do Mundo, penso que é um limite a que nos podemos fixar no futuro e no ideal. Falando francamente, este limite parece-me utópico na hora actual. Não vejo como conseguiríamos conciliar os pontos de vista de Kroutchev e de Eisenhower, neste momento. Mas vai certamente conseguir-se». (Camus)⁵¹.

A União Europeia foi um dos sonhos de Camus. Um autor que, vivendo inúmeras experiências conflituosas, descobriu que uma forma de vencer o absurdo da existência é através de um pacto de estabilidade, de uma consciência lúcida e sem preconceitos, renunciando ao suicídio e não legitimando o homicídio. Existe um conflito, de certa forma latente, no seu pensamento e posteriormente materializado nas suas obras: o absurdo que constitui a irracionalidade do mundo, por oposição e afrontamento, do desejo de ver claro.

No seu tempo, tal como actualmente tudo se rege por motivações económicas. Como tal, e para poupar tempo, o Homem deve aceitar a irracionalidade ou a não inteligibilidade do mundo e preocupar-se com o seu semelhante no concreto e no quotidiano. O Homem deve ser digno em toda a sua extensão, se por dignidade se entender o respeito da pessoa humana em si e nos outros: «É certo que sempre houve no circo da história o mártir e o leão. O primeiro alimentava-se de consolações eternas, o segundo de comida histórica bem sangrenta»⁵².

⁵¹ Ribeiro, Hélder, «Do Absurdo à Solidariedade», ob.cit.

⁵² Camus, Albert, «O Averso e o Direito, seguido de Discurso da Suécia», ob.cit, p.92.

8. Pensamento Estético em Camus

Para tornar claro este capítulo, devo definir, de uma maneira um pouco simplista, o que significa o conceito de estética, no âmbito da filosofia.

Estética é a reflexão filosófica sobre a arte. A arte possui variadíssimas formas. Todavia, não devemos ficar prostrados num certo reducionismo e considerar a estética apenas como uma dimensão artística. Não. A estética possui, claramente, uma dimensão humana. Albert Camus sustentava uma autonomia intrínseca de fenómeno estético, por oposição à grande “moda” de então “do “Realismo Socialista” e da “Arte Comprometida”. Salienta este aspecto na obra: «O Avesso e o Direito», numa conferência na Universidade de Upsala, no dia 14 de Dezembro de 1957. Criticou um tipo de arte e alguns artistas do seu tempo, que tinham apenas como objectivo o mero negócio que tanto encantava um certo tipo de burguesia. Criticou, também, a arte ao serviço dos regimes, pois a arte foi-se transformando num veículo de propaganda política, em certos regimes, normalmente em regimes despóticos, nas ditaduras ditas fascistas, comunistas ou socialistas. Aqui as obras de arte transmitem robustez, firmeza, como os regimes. As estátuas dos líderes demonstram convicção e sabedoria. Puro engano! Arte escura, arquitectura sombria e rude, tal como alguns homens. Igrejas românicas com paredes grossas e baixas, com pouca claridade interior. Homens que olham para o chão, para a escuridão, temendo Deus, um Deus castrador. Este estilo artístico é completamente oposto ao Gótico, com as suas ogivas, onde o Homem já olha para cima, para a claridade, como que pedindo clemência por algo que não fez, no entanto anulando-se em ambos os casos. A arte, efectivamente, serve para fortalecer regimes e instituições, reflectindo-se também nela o poder.

Por outro lado, alguns artistas aperceberam-se de um mercado vantajoso e em expansão vendendo as suas criações a preços exorbitantes e fazendo fortuna. Quantos consumidores compram obras de arte sem saber o que realmente compram? Outros não têm possibilidade de comprar e certamente saberiam o que comprar! Quantos possuem livros de autores famosos e nunca leram uma página? Quantos adquirem quadros para decorar as suas belas casas, pela assinatura, sem perceberem, minimamente, o que o autor pretende transmitir? O importante é o valor de mercado! Podemos considerar, tal como Camus, que este tipo de arte é um luxo mentiroso, pois o conhecimento, a criação e a pedagogia deram lugar a oportunidades de negócio, chamando-se a estes “artistas”, fabricantes de arte! Acrescente-se que os regimes também se servem da arte: quantos livros foram queimados por dizerem verdades!

De facto, existem dois mundos que se complementam e nos completam: o interior e o exterior. A Arte e o quotidiano permitem uma existência mais harmoniosa, na qual a Arte e a Filosofia se fundem. Uma viagem ao interior de nós próprios, ao mais recôndito da nossa pessoa, ao mais profundo do nosso cérebro e da nossa mente, onde nos tentamos conhecer melhor. A formulação de novos juízos, o movimento entre ambos, remete-nos para o movimento de viagem. Mesmo no nosso mecanismo físico existe movimento, no nosso sistema nervoso, na corrente sanguínea, nos nossos órgãos, tudo é movimento, tudo é viagem, tudo é vertigem. No nosso mundo exterior, também, no chamado mundo real, tudo flui constantemente, tudo se manifesta em nós e por nós, nesta interacção connosco e com os outros.

Contemplar a Arte é abertura para um mundo plural e contingente. É olhar para lá do horizonte, é caminhar até gastar a eternidade, planar pelo infinito. É correr para além dos limites físicos e psicológicos. Através da Arte podem-se manifestar afectos, serenidade, amor, tumultos, medos, angústia, tensões, todo um rol de sentimentos que afligem ou tranquilizam o ser humano. O mundo manifestado na Arte contém o que existe na realidade. Este mundo imaginado não é inferior ao real, antes pelo contrário pode ser superior, na medida em que pode conter mais realidade do que o próprio quotidiano. Este mesmo quotidiano pode nem sempre ser o pleno de nós próprios, na medida em que não estamos em completa liberdade. Não podemos materializar e agir tal como nos apraz, tal como acreditamos, dado estarmos inseridos numa sociedade com leis, com regras, com as quais nem sempre concordamos. Daí o mundo representado na Arte poder ser mais verdadeiro, em virtude de o nosso pensamento não ter limite, assim como a nossa capacidade de criação e de coerência.

A vida não é linear, como a História pode deixar transparecer. É rompimento, descontinuidade. Começar de novo, voltar atrás em busca de fragmentos perdidos. Correr à procura de novas oportunidades. Vaguear pelo universo à procura de nada, apenas pelo prazer de contemplar algo tão gigantesco. Vida é vontade, liberdade, força, criação, é estar aberto a novos conhecimentos, recusar a mediocridade para onde, por vezes, nos querem remeter. É ainda estar aberto a um mundo que, por sua vez, também se abre para nós. A Arte nunca deve ser uma actividade estéril, não deve ser uma actividade nula, vazia de conteúdo. Deve acrescentar algo ao mundo, à vida e à filosofia: «Como artista, por exemplo, comecei a viver na admiração, o que, em certo sentido, é o paraíso terrestre»⁵³.

⁵³ Camus, Albert, «O Averso e o Direito, seguido de Discurso da Suécia», ob.cit, p.16.

Ora, a Arte tem um propósito que lhe está associado: começa como esperança, projecto, como descoberta do mundo e de nós próprios. É através dela que, nalgumas sociedades, o Homem pode transmitir as suas convicções. Além de ter uma forte componente psicológica e sociológica, tem também uma forte componente pedagógica e política. A vivência afectiva de natureza estética não é de modo algum fictícia.

A Arte tem, ou pode ter, como finalidade, a denúncia, o espaço de reflexão e de refúgio daqueles que ousam, vêem e pensam para além do que se apresenta como óbvio. Pode ser encarada num contexto existencialista e político. Reflexo da vivência quotidiana, a Arte não só contesta estas relações sociais, como ao mesmo tempo as transcende, as denuncia. Por outro lado, a estética que Camus perfilhava não coincide com a formação artística. A educação estética e o respectivo conhecimento empírico, sensível são, também, uma prioridade. Todavia, através de uma constante evolução científica, o Homem sentimental e emocional foi gradualmente remetido para segundo plano. O ensino sempre privilegiou a componente racional, contudo de uma forma excessiva. Daí não ficarmos surpreendidos com a crítica feita por Nietzsche a Sócrates na sua obra «A Origem Da Tragédia», onde Nietzsche faz uma severa crítica ao racionalismo, dado que o Homem é racionalidade mas, também, possuidor de emoções e de sentimentos. Albert Camus usou uma arma letal: Uma caneta! Com ela fez a sua viagem. De certo, pela mesma pena escorreu tinta e pensamento. Ela que percorre linhas que se transformam em estradas, páginas que se transformam em paisagens, folhas que se transformam em vidas e em mundos.

Albert Camus tinha uma enorme profundidade estética. A sua escrita é disso um exemplo explícito. As suas narrativas, com os diálogos, as figuras de estilo, uma dimensão espaço-temporal única e com os problemas inerentes à condição humana retratados nos seus trabalhos, seduzem os leitores de tal forma que estes não ficam indiferentes, após a leitura das suas obras. Por outro lado, quando lemos um qualquer trabalho do nosso autor, verificamos constantemente uma clara valorização dos sentimentos das suas personagens. O Homem mediterrânico como ele tão bem o apresenta e compreende! O Homem que vive em comunhão com a Natureza, de impulsos, mas também, de sensatez, que gosta de se deitar sobre a areia, que mergulha nas ondas do mar, que contempla as estrelas, que chora, que sente e que ama, que deseja e sorri. Irreverente e orgulhoso, mas compreensivo, demonstrando uma clara vertente estética da vida e do mundo. Já em relação à racionalidade, Albert Camus demonstra claramente nos seus trabalhos que o Homem racional dos grandes sistemas e das grandes ideologias tem conduzido o seu semelhante para as guerras, massacres, purgas e depurações. É

a humilhação e o aproveitamento do homem pelo homem. Para Albert Camus, somos racionalidade e sentimentos. Claramente emoção. O Homem camusiano é o Homem que pensa e que se pensa. Todavia, vive em simbiose com a Natureza. A base do seu pensamento é a vida, o mundo e os elementos concretos. Não se baseia em idealismos exacerbados, nem tão pouco numa figura divina, mas na realidade. A sua filosofia tem como suporte o concreto. É, por assim dizer, uma filosofia para a vida.

Certamente que Albert Camus não partilhava o conceito estético de Kierkegaard, nem apenas o princípio da “arte pela arte”. Para Kierkegaard o patamar estético estava subordinado ao ético, e ambos ao religioso. Para Camus o patamar religioso não faria qualquer sentido em virtude de ser um passo para a irracionalidade. A estética para Kierkegaard é extremamente redutora, pois cada indivíduo que opte por esse modo de vida viverá para si próprio, numa constante busca do prazer, dos prazeres imediatos, momentâneos, fruições fugazes. De certa forma, não controla a sua existência, pois o importante é estar bem consigo próprio mesmo que tudo o resto esteja mal. Torna-se um ser despreocupado e desprovido, sem referências e sem objectivos, vivendo cada momento sem uma efectiva preocupação com as suas escolhas. Vive motivado pelo prazer, pelo que o mundo tem de belo para lhe oferecer, numa vida por vezes destituída de sentido, em virtude de ser experimental e superficial, vivendo por impulsos, e desfrutando de prazeres imediatos numa alienação constante e permanente. Neste estádio estético, tudo pode resultar do imediato e do exterior em bens mutáveis e fáceis de alcançar, por vezes com alguns estímulos artificiais que transportam a fruições momentâneas e inconsequentes. Está fora do controlo e da vontade. O indivíduo é escravo das emoções. Procura o prazer como forma de camuflar os problemas, criando assim, novos problemas, sendo a sua essência adulterada pelos padrões de vida criados pela sociedade.

Nas últimas décadas do século XX, nomeadamente a partir da década de oitenta (80), deu-se uma (r)evolução sem precedentes. Vários factores conduziram a uma actualidade dominada pelo individualismo, pelo relativismo e pelo pragmatismo. As vivências tornaram-se fugazes em sociedades voláteis onde quase tudo é permitido, onde quase tudo parece desacreditado. Mais dramático se torna quando verificamos essa descrença na justiça, na educação, na cultura e, claro, na política. Posto isto, resta uma pergunta: onde fica o lugar das emoções, dos sentimentos, essa característica tão marcadamente humana? O Homem necessita claramente de uma educação estética: «A educação estética deve ajudar a formar cidadãos completos, íntegros e não apenas artistas»⁵⁴.

⁵⁴ Manso, Artur, «Para Uma Educação Estética», edição Marânus, 2008, p. 08.

Este tipo de educação deve possuir uma componente baseada na fruição, na criação e na reflexão, na criação e formulação de novos conceitos, na preparação para uma reciprocidade baseada no respeito pela Natureza em harmonia com o ser humano. A educação estética torna-se, então, importante e fundamental para a preparação da dimensão do humano. Partilho da ideia do autor, Artur Manso quando diz: «A educação estética que perfilho não coincide com a formação artística porque se me apresenta com a necessidade educativa que deve satisfazer uma das consagradas formas de conhecer a sensibilidade, ao passo que a formação artística a encaro enquanto se processa pelo desenvolvimento de um dom que um determinado indivíduo manifesta e se propõe a aprimorar»⁵⁵.

Mesmo em termos epistemológicos, a educação estética e o respectivo conhecimento empírico, sensível é também uma prioridade. Desde a Pré-História que o Homem exerce uma manipulação sobre a Natureza, desafiando, assim, a sua própria natureza, tornando-a cada vez menos natural, como forma de fruir das mais díspares situações, de obter prazer e de deixar um legado a gerações futuras. Tudo isto antes de qualquer explicação de índole científica. A criança, primeiramente descobre as cores, os sons, a textura. Mais tarde irá, de uma forma gradual, cultural e educacional atingir outros conhecimentos. O Homem não é apenas inteligência, é também sensibilidade. Esta é a primeira a acordar para o mundo. Todavia, à medida que desenvolve e se desenvolve nunca sairá do patamar estético. Aliás, com este coincidirá o patamar ético. Quanto ao religioso, torna-se fundamental querer e não apenas crer: «Não resta qualquer dúvida de que a dimensão estética é congénita à própria existência humana, mas à medida que se passa de menino a homem as sociedades ocidentais vão progressivamente esvaziando o seu conteúdo e recalcando o seu significado. A idade adulta é a idade da razão e esta continua a atingir o seu esplendor à custa da desvalorização de todas as outras faculdades humanas»⁵⁶.

O indivíduo molda a Natureza e a sua natureza. Acrescenta novos mundos ao Mundo. Daí ser fundamental uma educação estética. Pensa, age e contempla de acordo com as suas perspectivas. Não é mais do que aquilo que faz, aquilo que cria. O pensamento estético é fundamental para uma procura consciente e racional. Conduz o indivíduo a uma contemplação do próximo, aquele que certifica as nossas acções, o nosso agir na vida leva-o a tentar compreender uma beleza exterior à qual nem sempre subjaz uma beleza interior. A sociedade criou padrões de beleza, normativos, e por vezes, redutores. A globalização corre o risco de

⁵⁵ Idem, ibidem, p. 09-10.

⁵⁶ Idem, ibidem, p. 17.

tornar as pessoas uniformizadas e demasiado iguais entre semelhantes. O positivismo propôs, sem grande sucesso, separar aquilo que é inseparável: o sentimento e a razão!

Todavia, tem-se verificado, ao longo dos séculos, que a imposição feita pela via racional não tem resolvido algumas das questões mais prementes da condição humana: sociais, políticas e económicas. Daí resulta que grande parte dos indivíduos não prescinde de uma forte componente estética e artística, como forma de fugir à dura existência quotidiana através de um processo de *katarse* e como forma de explicar o Humano na sua subjectividade. Creio que a estética possui a mesma legitimidade da ciência. No entanto, a primeira pode ser de mais difícil compreensão, dado não ser objectiva: «É por isso que a dimensão estética, e não apenas a dimensão artística, deve ser promovida e incentivada pela educação. Quando uma organização social parece ter falhado, quando o cientismo e a impotência daqueles que efectivamente detêm o poder tornam a vida dos outros insuportável, o que resiste manifesta a grandeza do indivíduo e a transcendência da existência é o aparecimento de diversas expressões artísticas que nenhum limite ideológico ou científico consegue reprimir. Esses momentos limite são pela criatividade transmitidos às gerações vindouras que terão a possibilidade de conhecer pelo deslumbramento e pela beleza todas as misérias a que a brutalidade humana nos tem submetido ao longo da história»⁵⁷.

Continuará a ser através da arte que tudo aquilo que o Homem levou à extinção, ressuscitará. A Natureza será complementada com outra natureza criada pela Arte. Tal como é através da Arte que tudo o que foi extinto desde os primórdios da vida na terra nos surge com dados novos. O bem, o digno e o justo são, de facto, belos. São realmente valores estéticos e éticos importantes. Uma ética salutar é uma ética bela. Uma equação matemática é ou pode ser claramente uma equação bela. A Arte transmite o verdadeiro e o real, mas cada vez mais se assiste a uma racionalidade dentro das obras de arte, embora, por vezes, o acaso seja propício ao aparecimento de novas formas. Poderá não ser uma solução totalmente eficaz para os problemas existenciais, mas será, certamente, uma forma de refúgio acalentador para a fuga a uma sombria existência. Procuramos aquilo que nos transmite alegria, como forma de nos afastar da angústia em que, não raras vezes, nos encontramos: «Se a filosofia contribui profundamente para o conhecimento da arte, a arte é o grau mais elevado do saber filosófico. “Só a arte exprime os informuláveis”, mas existe uma identidade entre a arte e a filosofia: “A sua afinidade não consiste numa participação da filosofia no que a arte tem de frágil (...) A arte

⁵⁷ Idem, *ibidem*, p. 24.

e a filosofia têm isto de comum: uma e outra visam posicionar seres cuja existência se legitima por ela mesma”. O filósofo cria a sua obra, como o poeta o seu poema»⁵⁸.

Referindo Herbert Marcuse⁵⁹, vejo este potencial da Arte na própria arte, como reflexo da vivência quotidiana. Na forma estética, em si mesma, a Arte é autónoma perante as relações sociais. Nessa sua autonomia, não só contesta estas relações sociais, como, ao mesmo, tempo as transcende e as denuncia.

Para Camus, a vida é uma das extensas formas de Arte, sendo a Natureza a sua parte visível: o mar, o Sol, a noite, as rochas, são tudo manifestações de Arte num palco onde o Homem actua.

Torna-se importante salientar o que Nietzsche escreveu: «Nas civilizações decadentes, a arte é consolação, e não força (...) Nietzsche abre a múltipla perspectiva de um mundo vivido como puro jogo de intensidades. Desde aí não só a arte já não tem vocação simbólica para representar uma realidade sobrenatural mentirosa, mas, enquanto jogo gratuito, é o modelo do que poderia ser uma outra civilização, curada da longa doença do sentido e da sua transcendência. Já não é a teoria que pensa a arte, mas a arte que engloba a teoria como ficção. Assim, toda a arte moderna, depois de Nietzsche, poderá produzir a sua linguagem, as suas próprias convenções, reivindicar a sua total autonomia e abrir até ao infinito o campo dos possíveis, logo do desejo. A estética dará também a si própria os meios de não mais andar à procura de uma essência do “belo”, da “arte”, mas antes de um novo incitamento à criação»⁶⁰.

A Arte não deve ser apenas contemplação. Deve ser força de criação, tal como a própria vida, não deve ser apenas de conformismo, mas também de inconformismo. Torna-se fundamental avançar perante os imponderáveis, romper com valores para que outros se criem a favor de uma vida mais digna e plena, ousar desafiar o estabelecido, ousar pensar, pintar ou escrever as verdadeiras convicções.

Em última análise, um Homem com consciência faz uma análise da sua vida. Através de constantes introspecções deve possuir o discernimento acerca da sua actuação e aquilo que ela suscita na vida e na relação com os outros. Deve possuir a sensibilidade suficiente para não tratar o seu semelhante, como não gostaria de ser tratado. Penso ser um fundamento moral básico. A obra «A Queda» é talvez a obra de Camus que coloca o Homem em confronto consigo próprio, na sua parte irreduzível, no dualismo permanente e inquietante: a emoção e a razão. É um homem que se questiona e que, através dum processo de consciencialização, se

⁵⁸ Huisman, Denis, «A Estética», Edições 70, 2005, p. 61.

⁵⁹ Marcuse, Herbert, «A Dimensão Estética», Edições 70, 1986.

⁶⁰ Huisman, Denis, ob.cit, p. 52.

abre à verdade dos factos. É o homem, também, sentimental. O próprio ambiente é nostálgico, um país do norte da Europa com chuva e frio; a Holanda: «Posso oferecer-lhe os meus serviços, meu caro senhor, sem me tornar importuno? Receio que não saiba fazer-se entender pelo respeitável gorila que preside aos destinos deste estabelecimento. Com efeito, ele fala apenas holandês. A não me autorizar que defenda a sua causa, ele nunca adivinhará que o senhor quer gin»⁶¹.

É assim, desta forma quase casual, que se inicia «A Queda», porventura uma das mais fascinantes narrativas de Albert Camus, uma espécie de viagem ao fim da noite das infâmias da espécie humana. Um mergulho no lado obscuro da moral: «O seu último trabalho de apreciável extensão, «A Queda», leva-nos ao encontro de um novo tipo de absurdo, o do homem cosmopolita, marcado por um bom número de experiências dolorosas. Numa sociedade na qual todos começam a sentir a tentação de julgar, as acusações feitas na pessoa dos outros, acabam através de um estranho e curioso movimento de «boomerang», por recair sobre nós mesmos. A liberdade que conquistamos arrasta com ela o seu quinhão de responsabilidade – o personagem fundamental da «Queda», Jean – Baptiste Clamence, ao intitular-se a si mesmo «juiz – penitente», traz em si o rótulo significativo das afirmações que acabámos de fazer»⁶².

O cenário é um bar num porto da Holanda, lugar de passagem dos mais variados tipos de pessoas, credos e raças, onde um clima sem sol e sombrio se assemelha à consciência humana na presente obra. Jean - Baptiste Clamence, um famoso jurista parisiense, não é propriamente um anjo! Foi em tempos um advogado defensor de causas nobres! Porém, um riso misterioso ouvido durante a tarde, numa ponte, foi o suficiente para que lhe fosse revelada toda a hipocrisia da sua vida: «É um monólogo no qual se sente o tom duma auto-acusação, que espanta o confidente, metido numa charada para a qual não adivinha fim»⁶³, onde por vezes, a essência não corresponde à aparência. O seu profissionalismo exacerbado escondia uma essência em nada digna. Logo, compreendeu que não apenas ele, como todos os homens são, ao mesmo tempo, juizes e penitentes. Clamence, através de um exame crítico e auto-crítico, serve de exemplo a bêbedos e desconhecidos, num bar duvidoso de Amesterdão. Ainda falando da obra de Camus: «O estilo literário é artificial, rebuscado e mascarado, chegando a apresentar um raciocínio confuso, se o compararmos com a frieza impessoal de «O Estrangeiro». Contudo, estas duas obras retratam experiências diferentes – a do absurdo ao nível individual mais puro

⁶¹ Camus, Albert, «A Queda», ob.cit, p. 07.

⁶² Malho, Levi António Duarte, «Albert Camus – Filósofo?» ob.cit, p. 11.

⁶³ Idem, ibidem, p. 12.

nesta última e a experiência duma certa desilusão da vida em Clamence, o homem da grande cidade, que vive rodeado por um ambiente parcialmente apodrecido»⁶⁴.

Clamence é alguém que reconhece os excessos cometidos durante parte da sua vida. Por isso, verificamos, nesta obra, a importância da estética como sentimento, como purgação e expiação dos males. Todavia, a Arte pode, também, designar-se revolucionária, em virtude de as classes sociais se retratarem e se verem retratadas nas obras de arte.

⁶⁴ Idem, ibidem, p. 12.

9. Ética da Revolta

De forma sucinta, vejamos algumas definições sobre o conceito de Ética ao longo da História e de acordo com algumas correntes filosóficas. Ética (do grego *ethos*, significa modo de ser, personalidade, carácter, conduta, comportamento) é o ramo que se ocupa, não apenas de uma reflexão acerca dos valores, mas, também do modo mais adequado e justo para viver em comunhão e em sociedade. Enquanto a moral se fundamenta e se submete a normas e costumes, a ética fundamenta qual o modo de vida adequado que o ser humano deve prosseguir. Não se deve confundir lei com ética, pois primeiro surge a ética e posteriormente surgem as leis. A lei obriga, a ética aconselha. Na Antiguidade, alguns filósofos entendiam a ética como o estudo dos meios que visassem alcançar a felicidade, investigando o significado da mesma. Durante a Idade Média, a ética centrou-se, fundamentalmente, numa moral religiosa. No Renascimento e, posteriormente, a partir século XVII, os filósofos redescobriram os temas éticos da Antiguidade e a ética passou a ser entendida novamente como o estudo dos meios que permitem alcançar uma vida dotada de felicidade e de dignidade.

Aristóteles, nomeadamente na sua obra «Ética a Nicómaco», afirma que a felicidade não consiste nem nos prazeres da carne, nem nas riquezas exteriores, nem nas honras do mundo, mas numa vida virtuosa. A virtude, por sua vez, encontra-se num justo meio e será encontrada pelos indivíduos dotados de prudência, bom senso e equilíbrio. Em Epicuro, a felicidade consiste na busca do prazer, que ele definia como um estado de tranquilidade e de libertação, assim como a ausência de sofrimento. A felicidade não é a busca desenfreada de bens e prazeres corporais, mas o prazer obtido pelo conhecimento, amizade e uma vida desprendida de bens materiais. Para os Cínicos, a felicidade consistia no poder sobre si mesmo ou auto-suficiência. Cada indivíduo deveria apenas possuir o suficiente para sobreviver, numa vida despojada de bens supérfluos. Para os Estóicos, a felicidade reside no facto de viver em harmonia com a lei racional e numa indiferença em relação a tudo o que é externo. O homem sábio obedece à lei natural, reconhecendo-se como uma peça na grande ordem e propósito do Universo. Em Maquiavel, a ética está explícita no seu trabalho «O Príncipe». Concebendo um método puramente racional, pretendia uma perspectiva política extremamente rigorosa e dinâmica por parte do Estado. O seu ponto de partida foi que os homens, tal como a Natureza, estão sujeitos a leis imutáveis. Todos os homens são semelhantes e agem por via das paixões, o que conduz às mesmas decisões, actos e resultados. Logo, torna-se possível prever os

acontecimentos políticos ao analisar os ciclos da história. Aliás, esta obra é uma exposição do uso da História na política, de uma forma lúcida e rigorosa.

Para Maquiavel, o Estado é a mais elevada realização humana. Nada existe acima do Estado. Este é totalmente soberano. O poderio militar é o fundamento e a sua força. Na sua concepção, o Homem é mau por natureza. Depressa se esquece de quem lhe fez bem. Depressa muda de decisão se isso lhe for mais vantajoso. O soberano deve ser inteligente e, como tal, compreender a conduta humana. A política é uma arte, uma arte de escolha, uma estratégia constante. Deste modo, deve usar os meios que considere ajustados, consoante as situações assim o exigirem: tem de cortejar ou prejudicar, perdoar ou punir. Não deve, de modo algum, colocar a soberania do Estado em causa. Se for necessário, deve usar todo o tipo de força para manter a ordem. Mais do que amar, o Homem deve temer!

O Homem de Estado (o príncipe) deve escolher uma determinada política e colocá-la em prática com sabedoria e firmeza, caso contrário pode conduzir a comportamentos desviantes na sociedade (principado). É melhor prevenir que remediar. Caso tal situação se verifique, este pode ser cruel e usar todos os meios ao seu alcance, morais ou imorais. A ética em Maquiavel contrapõe-se à ética cristã. Para a ética cristã, as atitudes dos governantes e os Estados em si estavam subordinados a uma lei superior e divina, a vida humana destinava-se à salvação da alma. Com Maquiavel, a finalidade das acções dos governantes passa a ser a manutenção do Estado e o bem geral da comunidade, não o próprio, de forma que uma atitude não pode ser considerada boa ou má a não ser sob uma perspectiva histórica. Reside aí um ponto de crítica ao pensamento maquiavélico, pois, com essa justificação, o Estado pode praticar todo o tipo de violência, seja em relação aos seus cidadãos, seja em relação a outros Estados.

Kant apresenta-nos o ser humano dotado de razão e de sensibilidade. O desejável é que aja sempre por via da Razão, mas ninguém o pode impedir de ter determinado tipo de acções, em função de determinados condicionalismos que têm a ver com os apetites corporais, o prazer, o gozo, etc.

Se o Homem agir por via da Razão, estará a agir por dever, através de uma boa vontade, o que fará com que as suas máximas se possam tornar leis universais ou mandamentos. Todo este tipo de comportamentos terá, inevitavelmente, de conduzir ao imperativo categórico, porque só este é o imperativo da moralidade, isto é, está apoiado na nossa consciência, no apriori, não está dependente de nenhum meio para atingir determinado fim.

Por outro lado, se o Homem agir de acordo com as suas inclinações, tem liberdade para o fazer, só que não estará a agir moralmente bem, porque usa os outros para atingir

determinados fins: «O ser racional, como inteligência, conta-se como pertencente ao mundo inteligível, e só chama *vontade* à sua causalidade como causa eficiente que pertence a esse mundo inteligível. Por outro lado tem ele consciência de si mesmo como mundo sensível, no qual as suas acções se encontram como meros fenómenos daquela causalidade; mas a possibilidade dessas acções não pode ser compreendida por essa causalidade, que não conhecemos, senão que em seu lugar têm aquelas acções que ser compreendidas como pertencentes ao mundo sensível, como determinadas por outros fenómenos, a saber: apetites e inclinações»⁶⁵.

O Utilitarismo é uma doutrina que consiste na utilidade como principal critério de actividade sob o ponto de vista moral. O Pragmatismo é uma doutrina desenvolvida nos Estados Unidos da América, no final do século XIX, através de Pierce para quem a validade dos juízos é o que resulta da diferença prática verificada entre a sua afirmação ou negação. Esta doutrina foi também aplicada e desenvolvida em Inglaterra e em França.

A Ética em Albert Camus não pode ser comparada à ética de Jeremy Bentham ou de Stuart Mill. Camus nunca seria um utilitarista, pois não considerava que cem mil mortos não fossem nada, em relação ao preço da felicidade de milhões de pessoas. Cem mil mortos são um número considerável de pessoas que perderam a única coisa que, de facto, possuem: a sua vida. Camus não fica pelas ideias. A sua ética da revolta é um permanente questionamento e processo de mudança no quotidiano. Não necessita de uma fundamentação metafísica. Afirma-se através de uma moral laica.

A Ética torna-se fundamental numa época em que os valores estão claramente em crise. Todavia, todas as épocas possuem e potenciam as suas crises. Assistiu-se e tem-se assistido a uma evolução bastante rápida, exageradamente rápida, das sociedades, no início e em meados do século XX, o que levou a comportamentos exagerados e onde quase tudo foi e é possível e permissível neste início do século XXI. É uma evolução estonteante a praticamente todos os níveis. Um niilismo traduzido numa relativização dos valores. Sociedades tecnocráticas e voláteis onde a vida humana parece não ter sido minimamente respeitada. Porém, nestas sociedades, onde fica a dignidade, a justiça e a bondade? Onde se situa o Homem neste mar imenso de alienações? Num permanente devir em que usufrui de praticamente tudo, mas em concreto nada possui! Todavia, tendo a perfeita noção da brevidade da existência e o que tal se nos afigura, o ser tem de se sobrepor ao ter, a essência à aparência. A bondade não deve ser vista como uma impossibilidade, mas um fim fácil de alcançar. Torna-se imperioso caminhar

⁶⁵ Kant, Immanuel, «Fundamentação Da Metafísica Dos Costumes», Edições 70, Lisboa, 1995, p. 103.

em torno de um objectivo digno, à procura de uma criação de valores em que seja possível uma sã convivência entre os Homens, onde a vida humana faça algum sentido, onde o indivíduo, através da sua autonomia e vontade, numa consciente e responsável liberdade, procure padrões de vida correctos, onde o ultraje quotidiano dê lugar à dignidade, numa busca da felicidade. Não um mundo perfeito, pois isso é algo que não existe, nem tão pouco pode existir dada a imperfeição humana. Nem Deus, algo perfeito conseguiu criar perfeição. Dotou-nos de livre-arbítrio, dizem alguns! O que se pretende é uma vida digna onde os problemas têm forçosamente de existir, dada a subjectividade do indivíduo, e onde, forçosamente, têm de se encontrar soluções num processo cíclico e interminável. O Homem, enquanto existir e tiver essa magnífica capacidade que consiste em reflectir, transportará consigo inúmeras interrogações e inúmeros problemas por e para solucionar. Não se pensa igual. Apenas com uma certa semelhança. Podem, eventualmente, existir objectivos comuns, mas também antagónicos. No entanto, um objectivo deve ser prioritário entre os Homens. Cada indivíduo deve ser digno e exigente consigo próprio para posteriormente o exigir aos outros. É fundamental uma lucidez intelectual. Um pensar, não apenas racional, mas sólido, ou seja, verdadeiro e válido para ir colmatando com verdades esta vida de valores duvidosos. Torna-se vital uma reflexão sobre a acção humana tendo sempre em conta que o Homem é um fim e não um meio. Um fim em si mesmo que visa um percurso ético saudável nesta transição entre o nascimento e a morte. Transição, por vezes, indigna e humilhante: «Trata-se do homem que se revolta perante uma iniquidade, sem se preocupar com as consequências que daí advirão e que, onde todos se curvam, desmascara a injustiça, ataca o explorador, o pequeno tirano da fábrica ou o grande tirano do império»⁶⁶.

O fundamento da ética Camusiana é a natureza do Homem. É o que há de mais distinto no seu interior, aquela parte que não se inclina, a sua parte irreductível. Apela a um Homem integral e não apenas racional, pois a racionalidade levada ao extremo pode conduzir, tal como conduziu, a regimes totalitários que dizimaram milhões de pessoas numa Europa dividida ideologicamente. Acima de tudo, uma Europa onde o comprometimento com sistemas e ideologias legitimou um dos maiores extermínios a que o Homem jamais assistiu: o Nazismo. A História assim o confirma e Albert Camus alerta precisamente para essa divinização da História onde o Homem pode copiar as atrocidades cometidas ao longo dos séculos.

A moral laica em Camus é a solução e traduz-se na comunicação, onde a força das armas deve ser inferior à força das palavras. Nazismo, Comunismo, Socialismo, Fascismo e

⁶⁶ Kropotkine, Piotr Alexeevich, «A Moral Anarquista», tradução, notas e prefácio José Luís de Sousa Pérez, Edições Sílabo, 1ª edição, Lisboa 2006, p. 111.

Capitalismo são doutrinas lógicas, mas, tal como refere no «Mito de Sísifo»: «É até cómodo ser-se lógico, mas é quase impossível ser-se lógico até ao fim»⁶⁷.

Para Albert Camus a moral do agir é superior à moral do ser, é um humanismo desmistificado e solidário, permanente exaltação dos valores universais em consonância com a “Physis”, recusando a guerra ao serviço da política e, por conseguinte, dos Estados. O Sol está para Camus como a moral para a “cidade dos Homens livres e fraternos”.

Que importa se a Terra é redonda, se gira à volta do Sol ou em torno de si, quando existem pessoas que não são felizes, quando existem pessoas que são remetidas para a mais profunda promiscuidade? Que importa descobrir novos planetas se não conhecemos minimamente os seres que habitam o nosso? Gastam-se biliões de dólares ou euros em armamento, porém milhões de pessoas morrerem à fome, à sede, perante os olhares hipócritas dos países ricos. Haja vontade em diminuir assimetrias num mundo com ou sem Deus, numa vida em que os homens se devam unir para controlar as “pestes” e os seus “ratos”! Seja-se sério o suficiente, como Clamence, para se assumirem as responsabilidades! Não queiramos a Lua, como Calígula, queiramos apenas uma vida em que as diferenças sirvam como forma de coesão e não como intolerância.

Em relação à obra «O Mito de Sísifo», a questão fundamental era se a vida valia a pena ser vivida ou, em contrapartida, se o suicídio deveria ser legitimado. Camus opta claramente pela vida em detrimento do suicídio, pois considerava este último, uma forma de se deixar vencer pela vida.

Quanto à obra «O Homem Revoltado», o cerne da questão é se o homicídio deve ou não ser legitimado. A resposta é claramente não! Toda a sua obra é um retrato daquilo que foi o século XX, o século do medo, o século de todas as guerras, com uma vida, tal como hoje, mecanizada, angustiada, solitária e egoísta. Compete ao Homem lutar pelos valores em que acredita. Valores universalizáveis onde uma dimensão totalitária ou totalitarista não faz sentido. No entanto, tal revolta, tal luta permanente não deve ser executada por qualquer meio, nem tão pouco conduzir ao niilismo e ao confronto entre a justiça e a liberdade. Uma pressupõe a outra. Camus não pretendia um mundo perfeito, isso seria uma utopia. Também não acreditava que fosse possível banir todo o mal, mas sem dúvida que acreditava que se poderia diminuir o sofrimento o que seria um passo muito importante rumo a uma distopia.

O Homem é sedento de saber, curioso por natureza. Desse passo surge a filosofia. No entanto, o mundo, tal como existe, não é compreensível. De nada servem as teorias, pois, em

⁶⁷ Camus, Albert, «O Mito de Sísifo, Ensaio sobre o absurdo», ob.cit, p. 18.

última análise, são tudo especulações. O divórcio entre o Homem e o mutismo do mundo é o absurdo. Uma tensão perpétua que tanto o afasta do mundo, como também o aproxima do mesmo. Daí ser importante referir que o suicídio separa o Homem dessa aliança.

Esta angústia, este instante, esta impotência já se fizeram sentir em filósofos anteriores. Kierkegaard não só descobriu o absurdo e o sentimento de angústia como os viveu sentidamente. Jaspers defende o Nada como a realidade possível, senão única. Heidegger, o professor, apresenta-nos uma existência humilhada. Os três filósofos referidos situam-se num espaço onde não existe grande esperança nem explicação. Kierkegaard dá o salto para o patamar religioso. Jaspers transforma o absurdo em Deus. Usam a figura divina para explicar aquilo que não é passível de explicação. Todavia, mesmo em Deus encontram, de certa forma, uma ausência.

Em Camus torna-se fundamental olhar o absurdo de frente, essa ousadia que culmina com a revolta e a recusa do suicídio. O Homem absurdo tem de esgotar todos os possíveis. O absurdo impele para uma liberdade de acção, em virtude de o Homem não ter nada a perder. Esta noção de absurdo já não o torna refém, mas desperta-o no sentido de sair de uma ilusão para experimentar a verdadeira liberdade. Ao aperceber-se do permanente confronto entre a sede de saber e a falta de respostas, o Homem já nada tem a temer. A sua estranha percepção da vida já não o assusta. A morte será o culminar do absurdo. O absurdo que é, para Camus, o ponto de partida para a procura da felicidade através da solidariedade.

Ainda em relação à obra «O Homem Revoltado», esta retrata a revolta do Homem ao longo da História. Foi uma obra considerada filosoficamente fraca, mas pode e deve ser considerada uma dissertação cronológica de qualidade, de factos e ideias ao longo dos tempos e que culminou no século XX. É um grande trabalho onde se processa uma enorme dissertação sobre a revolta do Homem e no que consistiram os seus fracassos. É um livro importante para qualquer pessoa que possua um papel activo e interventivo na sociedade, um trabalho, um pensamento, fundamental para todos aqueles que não se revêem nos valores do seu tempo: individualismo, relativismo e hedonismo.

O Homem que diz não é o que recusa, não o que renuncia. Limite, fronteira, onde o sim é a afirmação do sentido, da sede de afirmação e, por conseguinte, de viver. A revolta pretende fundamentar um valor que deve ser universal, a solidariedade, para posteriormente se alcançar a dignidade entre os homens. É contra a morte, o absurdo e o mal que o Homem se revolta. Para Caim, Deus é implacável, enquanto para Nietzsche se nada existe, tudo é permitido. Para Sade, Deus é algo injusto e cruel. Partindo deste pressuposto, nada impede o Homem de matar,

torturar ou encarcerar o seu semelhante. Em relação a Dostoiévski, a revolta é niilista e recusa a salvação. Contudo, o Homem corre o risco de se tornar Deus e recusar uma qualquer lei que não seja a sua.

Nesta obra, a revolução histórica é uma autêntica lição de História, com argumentos sólidos acerca da evolução da revolta ao longo do tempo, desde Sade, Lautréamont, Rimbaud, Breton, Rousseau, Saint-Just, entre outros. Os capítulos dedicados às revoltas russas do final do século XIX e início do século XX, onde existiam os anarcas que matavam por um ideal mas a seguir entregavam-se para serem fuzilados por uma questão de justiça, pois era preciso morrer pela causa, são muito bem retratados nesta obra. Porém, ao analisar este sucedâneo de revoltas, apercebemo-nos que não conduziram a lado algum ou então se conduziram foi à morte e à ambiguidade. Se o suicídio não deve ser legitimado, para quê matar depois? Se se opta pelas dificuldades inerentes à vida, porque motivo se corre o risco de se ser morto em qualquer guerra da qual não se faça parte? O homicídio não deve ser legitimado, mesmo pelas razões mais válidas, pois podem ser válidas, mas não ser verdadeiras!

Alguns homens vivem num Inverno permanente. Há já muitas décadas que têm frio. Aliás, nunca conheceram outra estação do ano que não fosse o Inverno. Mesmo no Verão o frio teima em os apoquentar. Sentem os dedos queimados não pelo calor de uma fogueira, mas pelo frio que lhes consome a alma. Esse nevoeiro que surge de repente, essa humidade que se entranha nos ossos até ao limite. Essa ausência de calor humano: «Porque não há muito a ganhar neste mundo: a miséria e a dor enchem-no, e, quanto àqueles que lhes escaparam, lá está o aborrecimento que os respeita por todos os lados. Além disso, é geralmente a perversidade que aí governa e a tolice que aí fala alto. O destino é cruel, e os homens metem dó. Num mundo assim, aquele que tem muito em si mesmo é semelhante a uma sala com árvore de natal, iluminada, quente, alegre, no meio da neve e do gelo de uma noite de Dezembro»⁶⁸.

Roubaram-lhes o tempo e com ele as estações do ano. Sentem-se, como um boneco de neve abandonado em pleno Inverno, em pleno inferno. Um resto de mundo, de vida, uma migalha num imenso chão. Um ser que procura, mas nunca encontra. Há muitos anos que têm frio. Escrevem a preto pelo luto em que se encontram, pelo equívoco em que se tornaram as suas vidas nestas sociedades modernas. Perguntam ao céu se o Inverno não terá um fim. Tudo é água, mas não pode chover sempre. Sentem-se congelar nesse frio de Inverno. Se caminham devagar correm o risco de congelar. No entanto, se correm depressa correm o risco de

⁶⁸ Schopenhauer, Artur, «A arte de viver», Rés-Editora, Porto, Edição 2003, p. 25.

transpirar. Que devem fazer? Apesar das alterações climáticas provocadas pelo Homem, o mundo, o nosso mundo segue sujo e frio. Há homens que mudam o rumo da História, mesmo que isso lhes custe a vida!

Por vezes sentimo-nos sem pátria e sem nação. Sentimo-nos definhando perante um mundo absurdo e sem respostas, injusto e sem amanhã. Uma sociedade de Pilatos e fariseus, de escravos e de senhores. Não sei até que ponto se deve combater a violência e a opressão com violência, dado que resulta sempre em mais violência. Normalmente, quem sofre são os menos culpados e os inocentes. Contudo, todos aqueles que sofrem as mais terríveis barbaridades perante um mundo inteiro que olha atento e calado, ignorando tal cenário na mais pura hipocrisia, nada mais lhes pode restar que recorrer à revolução. Poderia referir Timor e o mutismo dos Estados Unidos da América, numa altura em que a Indonésia infligiu uma das maiores violências contra um povo que pretendia ser livre. Mais uma vez ficou demonstrado que as grandes potências só entram em cenários de guerra quando existem interesses económicos.

Ao analisar outra obra de Camus «Os Justos» e inserindo-a neste contexto, somos remetidos para a Rússia, onde Kaliyev, um dos membros terroristas do Partido Socialista revolucionário, é incumbido de uma função: matar o Grão-Duque Sérgio, atirando uma bomba para a sua carruagem. No entanto, quando se apercebe de duas crianças, não consegue levar por diante os seus intentos, na medida, em que os inocentes não devem pagar pelos pecadores. Todavia, Deus permite que os inocentes sofram! Durante uma reunião com os seus amigos de luta, tem de explicar o sucedido. Dora, a sua amada, e Annenkov compreendem tal recusa. Porém, Stepan, a quem o exílio, os trabalhos forçados, a neve, a chuva e o Inverno ensinaram o quão dura é a vida, não aceita essa recusa. Quem sofre e se sente injustamente castigado, não aceita! Diz basta!

Kaliyev, posteriormente, leva a cabo o atentado. Condenado à morte, recebe a visita da Grã-Duquesa que lhe promete o perdão. Não entrando no jogo da chantagem nem da denúncia (os Estados usam meios menos lícitos e, por vezes, terroristas para conseguir os seus intentos), prefere morrer do que trair, pois, quem mata por uma causa tem de morrer pela mesma causa. Dos fracos não reza a história! No entanto, Camus, alerta para o facto de inúmeras revoltas individuais poderem dar lugar às revoluções e às injustiças que daí poderão decorrer.

Como atrás foi referido, para Camus a democracia é o regime menos mau. Porém, para se melhorar uma democracia, uma revolta constante torna-se fundamental, é um apelo ao ser, a tudo aquilo a que o Homem tem direito. Albert Camus pretende deixar claro a diferença entre

Revolta e Revolução, que são conceitos diferentes. A revolução é mergulhar simplesmente não num mundo, mas numa vida de terror. Pode conduzir à anarquia ou a ditaduras, existindo um aproveitamento neste processo revolucionário. No seio da revolução existem roubos, violações e assassinatos. Ao invés, a revolta é uma permanente procura da dignidade, recusando tudo aquilo que a trava. Os mecanismos da revolta são a educação, o altruísmo, o amor, a fraternidade, o movimento, a solidariedade, a beleza, a irreverência e a dignidade. A revolta pauta-se por uma construção pessoal e introspectiva, por uma ética do rigor e da exigência. Camus o que pretendeu com a sua vida materializada na sua obra foi uma fidelidade à terra, ao mar, ao sol e à dimensão humana. Um pensamento construído a partir do concreto e para o Homem de carne e sangue. Não revoltas que culminaram em guerras sangrentas e esmagadoras que resultaram de totalitarismos, alguns dos quais baseados em sistemas filosóficos. Poderia referir Hegel e Marx cujos pensamentos marcaram de forma decisiva o pensamento político e filosófico do século XX, nomeadamente nos países de Leste. Para o autor, o Homem, com a sua cada vez maior capacidade de reflexão, deve colocar de parte a violência e construir uma linha de conduta racional que o defina em sociedade, pois só em sociedade a vida faz sentido.

O homem social, revoltado é um homem que tem obrigatoriamente de dizer não, quando não concorda. Diz não quando se sente ultrajado, injustiçado e oprimido. Quando o sim, por conveniência, pode levar a revoltantes injustiças em relação ao seu semelhante. Revolta individual, colectiva, metafísica contra a sua condição, contra o motor da sua criação. Camus parte de três exemplos: Marquês de Sade, a negação absoluta; Ivan Karamazov, a recusa da salvação. Por último, Nietzsche e a afirmação absoluta. Albert Camus estuda também as relações entre a revolta e a revolução, através do regicídio de 1793, o terrorismo de Estado e o terrorismo individual.

No século XX, as ditaduras levaram o medo e a despersonalização do indivíduo até níveis nunca então alcançados. O saber de um homem, o conhecimento de um indivíduo nunca se deverá sobrepor ao conhecimento de todos os outros, pois o conhecimento é sempre um processo inacabado e, como tal, nunca ninguém é detentor do saber em absoluto. Mesmo que tal impossibilidade pudesse acontecer, ninguém tem o direito moral de subjugar outrem, dado que definir «alguém» deverá ser sempre dentro de níveis de liberdade e de moralidade universalizáveis. Os sistemas mal interpretados podem levar a perfeitas e verdadeiras loucuras e Camus nunca acreditou em sistemas filosóficos.

A partir do Iluminismo, e partindo do conceito de antropocentrismo que atingiu uma clara incidência no século XIX, o Homem empreende um novo ciclo que consiste em quebrar

as últimas barreiras da religião. Inicia um empreendimento ético-social que visa impor uma maior valorização do humano e daquilo que é do humano. Com a morte de Deus invocada por Nietzsche e a desagregação moral que impera no seio do catolicismo, alguns homens tomaram o lugar de Deus. Legitimados e influenciados por grandes idealismos, arvoraram-se no direito de submeter os seus semelhantes aos mais hediondos crimes de que o século XX é disso um grande e amargo exemplo. As pessoas foram-se habituando à desagregação social e moral que se impunham nas grandes metrópoles destruídas pela guerra, o sangue derramado em duas hecatombes parecia já não assustar ninguém. Os ditadores, através das suas elaboradas formas de propaganda, iam manipulando o subconsciente do povo, como forma de atingirem, quase legitimamente, os seus propósitos. O Homicídio tornou-se quase banal, a Justiça foi-se resignando. A conquista de poder aliada a objectivos políticos e económicos foi preponderante.

Ao estar só no mundo, o Homem parece querer ocupar-se sempre com algo que lhe faça esquecer essa fragilidade. Inventou guerras, mas, por outro lado e através de mecanismos justos e sérios, tenta tornar a vida menos dilacerante. Esta revolta, esta falta de respostas, este medo parecem por vezes tornar os homens pouco lúcidos. Têm de se ocupar para não reflectirem sobre questões metafísicas, ou então quando pretendem reflectir mas não encontram explicações plausíveis inventam deuses, elaboram grandes doutrinas ou, pura e simplesmente, optam pelo suicídio. A morte tem uma motivação ou pode, eventualmente, não ter qualquer propósito. Para Camus, a morte seria o último acto consumado, para outros, o primeiro acto legitimado. Se para alguns autores a morte de Deus tudo legitimava, para outros nada permitia, para outros ainda se poderiam conciliar ambas as perspectivas. Claro que tal subjectividade, tal diferenciação ideológica só poderia acabar numa relativização que conduz inevitavelmente ao niilismo ou, se preferirem, à anarquia moral. Ora, as coisas não podem ser gratuitas, nem vãs, daí a necessidade de regras, de leis. Todavia, acima das leis está a moral. As leis são um meio de coação e de regulamentação. A Moral é uma predisposição para uma determinada conduta individual e colectiva. Claro que os objectivos de uns não são o de outros. Logo, é difícil viver em perfeita comunhão. Mas não será preferível usar a argumentação e a diplomacia em detrimento de guerras? Para Camus sim! Para todos aqueles que pretendem o tão almejado poder e os benefícios económicos que daí advêm, não! Não admira que, ao longo da História da Humanidade, filósofos, poetas, escritores, entre outros, tenham morrido sem elevada ostentação de bens materiais, pois não sabiam possuir. Camus também não! Se no século XX as guerras eram motivadas por questões ideológicas, na actualidade são motivadas por questões

meramente económicas. Hoje a principal questão ideológica é a economia. Cada um tenta aumentar o seu quinhão mesmo que seja através de falsas motivações.

A revolta na sua essência definia um propósito, um valor, unia os homens entre si rumo a uma tentativa de união, rumo a uma vida mais digna e fraterna e levava a uma permanente luta contra o absurdo do mundo. Não visava o assassinio, assim como recusava o suicídio. Contudo, uma revolta mal intencionada e que legitima o assassinio é contraditória em relação à própria revolta. Esta tomou contornos que em nada se identificariam com a revolta sugerida por Albert Camus: «É pois possível afirmar que a revolta, quando redundando em destruição, não passa de uma atitude ilógica. Exigindo a unidade da condição humana, converte-se em força de vida e não de morte. A sua lógica profunda não é a destruição, mas sim a da criação»⁶⁹. A revolta desenvolve-se na História e quando se analisa a mesma, o assassinio, a revolução alicerçada em sangue quase nos surge legitimada. Existe, contudo, um princípio fundamental que qualquer pessoa com o mínimo de consciência e lucidez deve aceitar: ninguém tem o direito de matar! Ninguém se dá ao direito de retirar a vida a outrem. Daí a passagem de um Estado de natureza para um Estado convencionado por leis. O princípio fundamental de tal contrato é salvaguardar em primeiro lugar a vida humana, mesmo que para isso se perca parte da liberdade perante a lei. Castigar como forma de exemplo, sim! Mas, sobretudo, educar e inserir reeducando! Dar oportunidade! Estar algures entre o equilíbrio e o desequilíbrio. Afinal, a justa medida aristotélica!

Ao falar de equilíbrio e de desequilíbrio creio que fica patente no pensamento de Albert Camus que seria fundamental encontrar um ponto de equilíbrio entre a Revolta e a Revolução, entre o niilismo e os excessos a que tal movimento colectivo pode conduzir. A História é pródiga nesses maus exemplos, como tão bem ilustra a obra «O Homem Revoltado». Contudo, tal equilíbrio também está no limite entre as grandezas científicas e a desagregação moral e social: «A desorientação revolucionária explica-se em primeiro lugar pela ignorância ou pelo desconhecimento sistemático desse limite que parece inseparável da natureza humana e que a revolta justamente revela»⁷⁰.

O Homem é culpado em relação a esse desregramento histórico, mas de certa forma, também inocente, na medida em que não a começou. Ora o que se pretende é que os homens aprendam com uma distância suficiente em relação à história. Não fora dela, mas fora do seu âmbito negativo. O que é o pensamento do Meio-Dia? É a dicotomia entre a Revolução e a Revolta. A revolução do século XX, além de se apoiar na economia, centrou-se essencialmente

⁶⁹ Camus, Albert, «O Homem Revoltado», Editora Livros do Brasil, 1ª edição, Lisboa, 2003 p. 339.

⁷⁰ Idem, ibidem, p. 350.

na política e em ideologias que praticamente tudo legitimaram e consentiram. Pelo contrário, a revolta apoia-se no real, no concreto rumo à verdade. A primeira realiza-se de cima para baixo; a segunda parte do concreto: «Esse equilíbrio, esse espírito que regula a vida, é o mesmo que anima a longa tradição do que poderá chamar-se o pensamento solar e dentro do qual, a partir dos gregos, a natureza se manteve sempre equilibrada com o devir»⁷¹.

Mudam-se os tempos, mas mantêm-se as vontades. Se na época de Albert Camus a economia era um factor importante e não é por acaso que este criticava a burguesia, as questões ideológicas possuíam mais consistência. Lutava-se por uma causa, sofria-se pela mesma causa. Tentavam criar-se condições para que o ser humano fosse mais Humano. Os receios do nosso autor são os nossos medos de hoje. Diferentes, a prazo, num contexto espaço-temporal, mas iguais nos seus princípios e formulações. No passado, tal como no presente, o ser humano parece uma quimera sem sentido. Vive na era da globalização, num mundo físico sem grandes segredos, numa aldeia virtual, da ciência e da técnica. À prosperidade global está subjacente o sinónimo de crise global. Na actualidade, tudo tem de ser provado cientificamente. Todavia, sabemos que nem tudo o que está provado pela ciência é o mais indicado! Todos querem possuir os últimos avanços tecnológicos, mesmo sabendo que determinada tecnologia remete os indivíduos para o desemprego e para a promiscuidade, pois uma máquina faz o mesmo trabalho de cinco pessoas, mais barato, dizem alguns, com mais qualidade, dizem outros. Quem se recorda de quem dorme debaixo de uma ponte? Quem se lembra dos rostos que dividem arcadas? Quem se relembra de idosos que dormem nos bancos das urgências dos hospitais para se aquecerem, numa qualquer metrópole? Memória curta? Falta de interesse? Falta de Humanidade!

A caneta de aparo, de tinta permanente é hoje um objecto de culto e de exclusividade. No passado, um instrumento indispensável e vulgar de escrita que inspirou tantos autores! Contudo, de que servem as palavras se as pessoas não estão atentas? Não têm tempo, porque o individualismo retirou lugar à solidariedade, pois todos querem possuir o seu quinhão!

Na contemporaneidade, o domínio das sociedades passou para outra dimensão. A própria colonização tem outras vertentes. O medo e a pressão ainda funcionam. A deslocalização das empresas para países com economias emergentes e com mão-de-obra barata é uma realidade. Criticam-se as condições de vida em certos países, mas compram-se produtos baratos, “diamantes de sangue”. O poderio nuclear é usado como chantagem, como ameaça e exigência. Afinal, nada que o nosso autor não tivesse previsto e alertado, mas quis o destino

⁷¹ Idem, ibidem, p. 355.

que os homens não tivessem aprendido a lição com os erros da História. A dor é o prazer de alguns. A aparência sobrepôs-se claramente à essência. Mais importante que “Ser” é “Parecer”. Pretendia-se um jornalismo sério, isento e descomprometido, mas verificamos, no presente, precisamente o contrário. Os grandes grupos económicos, além de dominarem e manipularem a informação, criam-na! O que anteriormente era feito por uma elite passou a ser caracterizado por várias oligarquias. Assim, apraz-se fundamental, a prazo, um ensino apostado na reflexão, na mudança, no bom entendimento, no respeito pelos valores, na concertação, na cooperação, na solidariedade e num bom uso da linguagem, para que em vez de erros se criem novos conceitos de vida e de integração: «Como designar esta vaga de fundo característica do nosso tempo, que, por todo o lado, substitui a coerção pela comunicação, o interdito pela fruição, o anónimo pelo feito por medida, a reificação pela responsabilização, e que, por todo o lado, tende a instituir um clima de proximidade, de ritmo de solicitude liberta do regime de lei? Música, informação vinte e quatro horas sobre vinte e quatro horas, gentil organizador, SOS, amizade. Mesmo a polícia tende a humanizar a sua imagem de marca, abre as portas das esquadras, explica-se perante a população, enquanto o exército se entrega a tarefas civis. «Os camionistas são simpáticos», porque o não seria a tropa? A sociedade pós-industrial foi definida como sendo uma sociedade de *serviços*, mas, mais directamente ainda, é o *auto-serviço* que pulveriza por inteiro o quadriculado disciplinar, fazendo-o, não através das forças da Revolução, mas das ondas radiosas da sedução»⁷².

Enfim, deixou-se de ter tempo para o que de belo a vida tem para oferecer! De facto, uma vida em que a beleza não exista não merece a pena ser vivida, se por belo tivermos em conta princípios como a bondade, a tolerância, a solidariedade que conduzam a patamares de dignidade, pois o Homem tem direito, e deve ser esse o seu destino, a uma vida digna.

⁷² Lipovetsky, Gilles, «A Era do Vazio», Relógio D' Água, 1989, p.17.

10. Conclusão/Apreciação crítica

Como se referiu na introdução a este trabalho, o objectivo da presente tese centrou-se, essencialmente, numa reflexão sobre a questão ética em Albert Camus, em virtude de as suas questões serem as nossas questões de hoje, reflectindo-se de forma coerente e séria em relação aos valores do seu tempo e fazendo um paralelismo em relação à actualidade. Fica subjacente uma ideia clara acerca de uma ética laica, posta à prova pelo quotidiano e pela História. Não existindo um desvio acentuado em relação à tese principal, introduziu-se, quando julgado necessário, sem nos desviarmos das questões fundamentais e, acima de tudo, académicas, uma perspectiva também pessoal, na medida em que não estamos distantes nem tão pouco desinteressados quer do passado, quer do presente ou do futuro. Como forma de enriquecer este trabalho, e atribuindo-lhe mais-valias, optou-se por acrescentar o pensamento ético de outros autores, dos quais destaco Sartre, lugar de confronto e de reflexões.

As questões que foram sendo abordadas ao longo deste trabalho podem, eventualmente, possuir um certo carácter de incompletude, pois, por vezes, mais importante que as respostas são as perguntas. Nenhum trabalho possui um carácter definitivo no que diz respeito à sua análise. Muitas interpretações podem ser feitas. Todavia, se, eventualmente, as respostas não possuem um carácter definitivo, foram afloradas com um grande rigor, seriedade e objectividade.

Do ponto de vista académico, e de modo bastante geral e pragmático, a ética tem vindo, de forma gradual, a assumir um papel de interesse e de destaque cada vez mais intenso e sóbrio nas sociedades actuais e no domínio da filosofia, onde valores como o relativismo, o individualismo, o consumismo e um certo hedonismo têm assumido uma enorme preponderância.

Albert Camus assume esta ideia em toda a sua obra quando nos sugere uma filosofia baseada no concreto e para o concreto, ou seja, uma filosofia de vida e para a vida, na qual a Ética e a política são uma constante. Anteriormente dizia-se que não existia ética sem metafísica. Actualmente, não existe metafísica e ciência sem ética. O pensamento camusiano, a este nível, é pródigo em exemplos, bastando, para isso, analisar algumas das suas obras. Camus era um «mediterrânico» que fundia o Homem com a natureza. Um pensador que, de forma implícita, possuía a capacidade de nos tocar com as suas obras. Ninguém fica indiferente ao conteúdo dos seus trabalhos.

Camus tinha a capacidade de nos surpreender, de nos fazer parar de ler momentaneamente para, posteriormente, nos fazer reflectir e voltar novamente a mergulhar nos seus trabalhos com mais intensidade. Alguns autores dividem o seu pensamento em três fases. No entanto, não creio que se possa estabelecer com rigidez um ciclo temporal nos seus trabalhos, pois Camus não concordava com sistemas filosóficos. As suas obras surgem de acordo com as suas vivências. Assim sendo, por exemplo, alertava, para o facto de não se confundir revolta com revolução. Para si, a revolta consistia num permanente processo construtivo por parte de todos os humanos, baseado na educação, numa constante reflexão acerca dos valores tidos como universalizáveis e, acima de tudo, numa interacção entre o Homem, o sol, o mar e a natureza, os quais nunca mentem. Camus viveu no século de todas as crises, na época da metalurgia e das guerras, onde o homicídio nunca fora tão *legitimamente* legitimado. O nazismo, o fascismo e o comunismo, nalguns casos confundido com o socialismo foram disso um exemplo claro. Ao contrário de outros autores, nunca pactuou com o regime soviético, nem tão pouco com o capitalismo ocidental, os quais considerava alienantes e opressores. Não é por acaso que foi criticado por outros pensadores da sua época, que o viam como um autor que não sujava as mãos e com uma moral de cruz vermelha. Não aceitava a violência ao serviço da política, a não ser mesmo em último recurso. Não se considerava um filósofo, nem tão pouco existencialista. Deixava essas conotações para os alemães e franceses seus contemporâneos. Contudo, toda a sua obra demonstra o contrário: um pensamento filosófico e existencialista, embora diferente, sem dúvida. Menos redutor, onde o absurdo e a angústia funcionam como ponto de partida para uma procura pela felicidade e não como submissão. Dizia que o propósito da filosofia era precisamente essa constante procura da felicidade, o que lhe conferia uma certa aproximação a Aristóteles e nunca a Platão. Criticava o marxismo e o hegelianismo. Não aceitava a filosofia dos grandes sistemas abstractos, pois pouco dizem ao homem que sente o dia-a-dia. Existir é ruptura e recomeço. O nosso autor acreditava no calor do Sol, na força do mar e no diálogo entre os Homens. Era um epicurista, um estóico, um moralista que acreditava que se poderia diminuir os índices de sofrimento, através de um processo solidário que, aos poucos, conduzisse o ser humano a patamares de dignidade e humildade, um fundamento ético construído através de uma autonomia da vontade, do altruísmo e da liberdade, numa qualquer “cidade dos homens livres e fraternos”. Se o seu pensamento ético nos preenche, o seu pensamento estético não é menos interessante na medida em que nos remete para uma praxis dinâmica. Toda a sua obra possui um enorme conteúdo estético. A sua escrita é exemplar, o que está evidente no uso de figuras de estilo, do Sol e da

Luz, na pontuação, nas personagens e, fundamentalmente os sentimentos, essa característica tão marcadamente humana. Não defende a arte pela arte, nem tão pouco uma arte burguesa e mentirosa. Criticava o uso da arte por parte dos regimes. Não perfilhava da ideia de um mundo despojado de beleza, pois um mundo assim é um lugar onde não apetece viver. Entre uma vida maquinal e gasta onde tudo o resto se nos afigura distante. De que vale viver uma vida despojada de amor, de desejo e sem calor? Para alguns a vida sempre se pautou por um inverno permanente. A sua vida em certa medida é disso um exemplo. Amou a vida, as mulheres, o teatro e a escrita. Não podemos esquecer, no entanto, uma vida de resistência e de exílio. Foi um «mediterrânico» de temperamento ameno, tal como o clima. Na sua concepção filosófica e acima de tudo pragmática, o exílio era motivado por questões políticas. O absurdo face a um mundo que desconhecemos. A revolta como forma de libertação em relação às injustiças. Pode afirmar-se claramente que o perfil do autor, assim como o seu pensamento, nos remetem para um pensamento filosófico, ético e existencialista, não se ficando apenas pelo ensaio, mas usando a força da narrativa e a vivacidade da forma literária, o que confere uma vertente estética à sua obra e ao seu pensamento.

A tese desenvolvida procurou corresponder ao pensamento ético do nosso autor. Por um lado, procurou-se ser objectivo e rigoroso quanto baste; por outro, atribuindo-se-lhe um cunho marcadamente pessoal e estético, certamente tão do agrado do nosso autor. Julgo, desta forma, corresponder aos padrões camusianos. Apesar do rigor das citações e de uma isenção, até onde foi possível, procurei corresponder e pesquisar o perfil intelectual de Albert Camus. Não creio que se devam estabelecer fronteiras rígidas entre os vários campos do saber. Deve existir uma aproximação e interesse interdisciplinar.

Abordando o pensamento em concreto do autor e seguindo o percurso estabelecido na presente tese, usando uma linguagem clara, simples e acessível, tal como a usada nas suas obras, detemo-nos então sobre o seu pensamento. Assume uma dimensão claramente ética sobre o Homem e a sua conduta em sociedade. Educacional, cultural, política, social e económica e, acima de tudo, moral. Começa pelo mais simples, mas bastante complexo, ou seja, pelo permanente conflito entre o Homem e o Mundo: o Homem racional com vontade de conhecer e explorar cada vez mais o inteligível, e um mundo irracional, empírico, desconhecido e sem respostas. Deste confronto resulta o absurdo. Não é o Homem ou o Mundo que são absurdos. O absurdo é o confronto e o divórcio entre ambos. Deste confronto inevitável resultam duas opções: o suicídio ou o acto contínuo e valorativo que consiste em viver, através de um processo solidário e de revolta. Como ficou demonstrado no livro «O Mito de Sísifo»,

Camus opta claramente pela vida negando a legitimação do suicídio: a primeira questão filosófica a ser tratada. Face a este conflito existencial, o Homem sente-se um estrangeiro não apenas em relação a um mundo onde está inserido, mas em relação à sua própria vida. Tal exposição fica patente na sua obra «O Estrangeiro». Por vezes, um indivíduo sente-se um estrangeiro em relação à sociedade em que está inserido, onde existem regras com as quais não se identifica. Esta revolta remete-nos para o individualismo retratado na peça «Calígula», onde este imperador se sente isolado e exilado no seu próprio império e na sua própria vida. Por outro lado, o processo de revolta remete para a solidariedade. Na sua obra «A Peste», Camus opta claramente por um processo de solidariedade, pois só assim se torna possível uma vida em comunhão. Colocando os interesses individuais num plano secundário, pode ser possível vencer as inúmeras pestes, as mais variadas assimetrias.

Por vários motivos, Albert Camus não acreditava em Deus, embora acreditasse num Cristo sem ressurreição. Logo, alerta para o facto de alguns homens com o seu poder político, económico e financeiro tomarem o seu lugar. Criticou uma determinada classe política e burguesa da sua época. As ditaduras do século XX foram disso um exemplo concreto. Nem só no Leste da Europa reinavam as atrocidades rumo ao socialismo, a uma sociedade sem classes. No Ocidente já se estava a passar o mesmo, embora em moldes diferentes. Podemos dar o exemplo do Franquismo e do Salazarismo. Contudo, Albert Camus não concordava com o Capitalismo e os seus exageros. O Homem por vezes é pouco lúcido. Por conveniência ou através de uma educação desajustada, remete o seu semelhante para as maiores atrocidades. Clamence na obra «A Queda» é um homem marcado por experiências dolorosas, um juiz penitente, uma personagem desiludida com a existência, um homem cujo remorso o obriga a confessar os erros cometidos durante toda a sua vida. Marta e sua mãe, na peça de teatro «O Mal Entendido», são o exemplo de até onde o Homem pode chegar para atingir um determinado objectivo, mesmo que isso implique mortes incontáveis.

Existe um meio para ir deixando a dimensão metafísica e percorrer uma dimensão mais humana. Albert Camus propunha a revolta, alicerçada através de uma moral laica. Revolta e Revolução são, para Albert Camus, dois conceitos diferentes. As revoluções resultam sempre, ou quase sempre, em sofrimento, anarquia e injustiça. Podem inclusive legitimar o homicídio, tal como ficou demonstrado na sua polémica obra «O Homem Revoltado». Por sua vez, o processo ético da revolta consiste numa permanente introspecção e reavaliação do Homem como Homem; O *Homo Moralis*, e não apenas o *Homo Faber* habituado à opressão durante imensos séculos. Camus era um «mediterrânico» por descendência e «grego» por opção, um

homem do equilíbrio e da proporção, apolíneo e dionisíaco quanto baste. A sua filosofia é a do concreto, uma doutrina da vida e para a vida. Defendia três princípios fundamentais: a Honra, a Justiça e a Felicidade. Combate a sua época: os totalitarismos e os colonialismos. A personagem da obra «O Estrangeiro» é disso um exemplo quando mata um árabe por “casualidade”.

A felicidade é algo que se vai conquistando num mundo onde nos encontramos lançados. Uns alcançam-na, outros nem por isso. Camus foi um homem que compreendeu o próximo, a sua felicidade não lhe surgiu do bem-estar material, visto ter nascido na miséria. Não sabia possuir! A sua felicidade surge da sua capacidade de amar e sofrer o exílio pelo próximo, aquele que connosco se cruza ao virar da esquina e não apenas o Homem em abstracto! O seu percurso intelectual não apresenta um pensamento acabado. Preferia o presente em detrimento do futuro, pois “amanhã pode ser tarde demais”. Deve existir uma dimensão ética em todos os domínios da vida!

11. Bibliografia

Araújo, Luís, «A Ética Como Pensar Fundamental», INCM, Lisboa, 1992.

Araújo, Luís, «Albert Camus Trinta Anos Depois», Revista Da Faculdade De Letras, Série De Filosofia – universidade Porto - Nº 7 – 2ª Série, Porto – 1990.

Araújo, Luís, «Ética Uma Introdução», INCM, Lisboa, 2005.

Araújo Luís, «Sob O Signo Da Ética», Granito Editores e Livreiros, Porto, 2000.

Arendt, Hannah, «Entre o Passado e o Futuro, Oito exercícios sobre o Pensamento Político», Relógio D' Água Editores, 2006.

Bobbio, Norberto, «Teoria Geral da Política», Editora Campus, Rio de Janeiro, 5ª Tiragem.

Brisville, Jean Claude, «Albert Camus», Editorial Presença, Lisboa, 1962.

Camus, Albert, «A Morte Feliz», Editora Livros do Brasil, 1ª edição, Lisboa, 2002.

Camus, Albert, «A Peste», Editora Livros do Brasil, 1ª edição, Lisboa, 2006.

Camus, Albert, «A Queda», Editora Livros do Brasil, Lisboa, 2007.

Camus, Albert, «Actualidades», Contexto Editora», Lisboa, 2001.

Camus, Albert, «Calígula seguido de O Equívoco», Edição Livros do Brasil, data n.d.

Camus, Albert, «Cartas a um Amigo alemão», Editora Livros do Brasil, 1ª edição, Lisboa, 2003.

Camus, Albert, «Estado de Sítio», Editora Livros do Brasil, 1ª edição, Lisboa, 2001.

Camus, Albert, «O Averso e o Direito, seguido de Discurso da Suécia», Editora Livros do Brasil, Lisboa, 2007.

Camus, Albert, «O Estrangeiro», Editora Livros do Brasil, 1ª edição, Lisboa, 2006.

Camus, Albert, «O Exílio e o Reino», Editora Livros do Brasil, 1ª edição. Lisboa, 2004.

Camus, Albert, «O Homem Revoltado», Editora Livros do Brasil, 1ª edição, Lisboa, 2003.

Camus, Albert, «O Mito de Sísifo, Ensaio sobre o absurdo», Editora Livros do Brasil 1ª edição, Lisboa 2002.

Camus, Albert, «O Primeiro Homem», Editora Livros do Brasil 1ª edição, Lisboa 2003.

Camus, Albert, «Os Possessos», Editora Livros do Brasil, 1ª edição, Lisboa, 2003.

Carvalhais, Isabel Estrada, «Cidadania no pensamento político contemporâneo», Princípios, 1ª edição 2007.

Daniel, Jean, «Com Camus como aprender a resistir», Temas e Debates, Circulo de Leitores, 1ª edição 2009.

Farago, France, «As Grandes Correntes do Pensamento Político», Porto Editora, Porto, 2007.

Guitton, Jean, Bogdanov, Grichka, Bogdanov, Igor, «Deus e a Ciência», Editorial Notícias, Tradução de António Moreira, Edição nº 15414-0493, 2ª edição.

Huisman, Denis, «A Estética», Edições 70, 2005.

Huisman, Denis, «Dicionário dos Filósofos», Martins Fontes, São Paulo, 2001.

Kant, Immanuel, «Fundamentação Da Metafísica Dos Costumes», Edições 70, Lisboa, 1995.

Kenny, Anthony, «História Concisa da Filosofia Ocidental», Temas & Debates, 1ª edição: 1999, 2ª edição 2003.

Kropotkine, Piotr Alexeevich, «A Moral Anarquista», tradução, notas e prefácio José Luís de Sousa Pérez, Edições Sílabo, 1ª edição, Lisboa 2006.

Lipovetsky, Gilles, «A Era do Vazio», Relógio D' Água, 1989.

Malho, Levi António Duarte, «Albert Camus – Filósofo?», Revista Da Faculdade De Letras – Universidade Porto, Porto, 1971.

Manso, Artur, «Para Uma Educação Estética», edição Marânus, Porto, 2008.

Maquiavel, Nicolau, «O Príncipe», Publicações Europa-América, Edição: 2000.

Marcuse, Herbert, «A Dimensão Estética», Edições 70, Lousã, 1986.

Ribeiro, Hélder, «Do Absurdo À Solidariedade», Editorial Estampa, Lisboa, 1996.

Rousseau, Jean-Jacques, «Discurso Sobre A Origem E Fundamentos Da Desigualdade Entre Os Homens», Publicações Europa-América, edição nº 140640/6383.

Sandig, Brigitte, «Camus», Temas e Debates, 1ª edição: 2001.

Sartre, Jean – Paul, «A Náusea», Publicações Europa – América, Edição 140633/5207, Mem Martins.

Sartre, Jean - Paul, Vergílio Ferreira, «O Existencialismo é um Humanismo», Bertrand Editora, 2004.

Schopenhauer, Artur, «A arte de viver», Rés-Editora, Porto, Edição 2003.